

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGPSI – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO

**HISTÓRIAS DE VIDA DE HOMENS CIS GAYS JOVENS CRIADOS EM
FAMÍLIAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS NA BAIXADA
FLUMINENSE E OS REFLEXOS EM SEUS AUTOCUIDADOS**

TIAGO DOS SANTOS

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGPSI – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**HISTÓRIAS DE VIDA DE HOMENS CIS GAYS JOVENS
CRIADOS EM FAMÍLIAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS NA
BAIXADA FLUMINENSE E OS REFLEXOS EM SEUS
AUTOCUIDADOS**

TIAGO DOS SANTOS

Sob a Orientação do Professor
Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira

Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do grau de **Mestre em**
Psicologia, conferido pelo Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, Área de Concentração
em Psicologia.

Seropédica, RJ
Outubro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TIAGO DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em psicologia no curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 31 /10 / 2023.

BANCA

Documento assinado digitalmente
 RONALD CLAY DOS SANTOS ERICEIRA
Data: 17/01/2024 10:55:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira - UFRRJ
Presidente

Documento assinado digitalmente
 NATANAEL DE FREITAS SILVA
Data: 07/02/2024 19:41:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Natanael de Freitas Silva - UFRRJ
Membro interno

Documento assinado digitalmente
 TAIS CARVALHO SOARES
Data: 07/02/2024 22:20:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra.Tais Carvalho Soares - UFSJ
Membro externo

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S143 Santos, Tiago dos, 1986-
Histórias de vida de homens cis gays jovens
criados em famílias evangélicas pentecostais na
Baixada Fluminense e os reflexos em seus
autocuidados. / Tiago dos Santos. - Rio de Janeiro,
2023.
126 f.

Orientador: Ronald Clay dos Santos Ericeira.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Pós Graduação em Psicologia, 2023.

1. autocuidado. 2. homossexualidade. 3.
evangélicos. 4. família. 5. baixada fluminense. I.
Ericeira, Ronald Clay dos Santos, 09/09/1977-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Pós Graduação em Psicologia III. Título.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”

Dedico esta pesquisa a todas pessoas LGBTQIAPN+, vítimas de discriminação por existirem como existem. Incluo aqueles e aquelas que foram mortas e suicidadas pela mesma motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que foram e são amores em minha vida, amores físicos e etéreos.

RESUMO

SANTOS, Tiago dos. **Histórias de Vida de Homens Cis Gays Jovens Criados em Famílias Evangélicas Pentecostais na Baixada Fluminense e os Reflexos em seus Autocuidados.** 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Esta dissertação analisa a trajetória de jovens cis gays, criados por famílias cristãs evangélicas pentecostais no território da Baixada Fluminense (BF), periferia do Estado do Rio de Janeiro. O recorte temporal da pesquisa engloba a década de 1990, ano em que a homossexualidade foi retirada da lista de doenças mentais, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), até 2020. Em termos teóricos, toma-se o conceito humanista rogeriano de constituição do eu (self) - a partir da consideração positiva incondicional - como orientação teórica e entenderá o autocuidado sob a perspectiva de “*atitudes de manutenção e preservação da própria vida*”, entendendo que, para tal, é imprescindível a condição de liberdade de si. O cuidado de si, é “*exercício filosófico*”: é o cuidado ético-moral de si, orientado para uma estilização da vida; uma estética do existir para as artes da existência. Como fontes de pesquisa bibliográfica foram utilizados livros, teses, dissertações, artigos encontrados em plataformas virtuais como Portal de Periódicos CAPES, Scielo e publicações do Conselho Federal de Psicologia (CFP) pertinentes ao tema. Somada à revisão bibliográfica, como metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa de histórias de vida, cuja técnica de coleta de dados tem como fonte narrativas dos entrevistados, com entrevistas semiabertas, a partir de suas perspectivas de vida. As entrevistas foram realizadas com quatro jovens gays cisgêneros criados por pelo menos um familiar com religião evangélica, após a assinatura do termo de consentimento. Por fim, concluiu-se que os jovens cis gays, criados por famílias evangélicas pentecostais no território da Baixada Fluminense, tendem a criar estratégias próprias de autocuidado, mas, não antes de um processo de nulidade e de fragmentação de suas existências.

Palavras-chave: religião; família; autocuidado; homossexualidade; evangélico.

ABSTRACT

SANTOS, Tiago dos. **Trajectory of Young Cis Gay Men Raised by Pentecostal Evangelical Christian Families in the Territory of Baixada Fluminense**. 2023. Dissertation (Master in Psychology) - Institute of Education, Department of Psychology, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This dissertation analyzes the trajectory of young cis gay men raised by evangelical Pentecostal Christian families in the territory of Baixada Fluminense (BF), on the outskirts of the State of Rio de Janeiro. The time frame of the research encompasses the 1990s, the year in which homosexuality was removed from the list of mental illnesses by the World Health Organization (WHO), until 2020. In theoretical terms, the Rogerian humanist concept of constitution of the self is taken (self), based on unconditional positive consideration, as a theoretical orientation and will understand self-care from the perspective of “attitudes of maintenance and preservation of one's own life”, understanding that, at this point, the condition of freedom of oneself is essential. Self-care is a “philosophical exercise”, it is the ethical-moral care of oneself, oriented towards a stylization of life, an aesthetics of existence, towards the arts of existence. As sources of bibliographical research, we used books, theses, dissertations, articles found on virtual platforms such as the CAPES Periodical Portal, Scielo and publications from the Federal Council of Psychology (CFP) relevant to the topic. In addition to the bibliographic review, as a methodology, we opted for the qualitative approach of life stories, whose data collection technique is based on the oral narratives of the interviewees, with semi-open interviews, from their own life perspectives. The interviews were carried out with four young cisgender gay men raised by at least one family member with an evangelical religion, after signing the consent form. Finally, we conclude that young cis gays, raised by evangelical Pentecostal families in the Baixada Fluminense territory, tend to create their own self-care strategies, but not before a process of nullity and fragmentation of their existence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVOS DA PESQUISA	14
METODOLOGIA	14
Revisão de Literatura.....	18
CAPÍTULO I – A Religião Cristã Evangélica Pentecostal na Baixada Fluminense – Rio de janeiro.....	26
1.1. A Religião Evangélica	26
1.2 A Religião Evangélica no Brasil	27
1.3 A Religião Evangélica na Baixada Fluminense	31
CAPÍTULO II – A Família Evangélica Pentecostal na Baixada Fluminense - RJ	36
CAPÍTULO III - AUTOCUIDADO	41
3.1 Autocuidado na Perspectiva Biomédica	41
3.2 Autocuidado na Perspectiva Existencial	45
3.3 Contribuições de Kierkegaard	48
3.4 Contribuições de Carl Rogers	51
3.5 Refletindo o autocuidado a partir de Carl Rogers	54
CAPÍTULO IV – HISTÓRIAS DE VIDA	56
4.1 Perfil dos Entrevistados	58
4.2 – Resultados e Discussões	59
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS bibliográficas	68
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	74
APÊNDICE II– PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS	78
APÊNDICE III – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	79

INTRODUÇÃO

Este trabalho vislumbra responder a inquietação à respeito de como homens jovens cis gays constroem seus sentidos e práticas de autocuidado quando criados por famílias cristãs evangélicas pentecostais. A partir de 1990 – ano em que a Organização Mundial da Saúde deixa de considerar a homossexualidade como doença – e, impactando, assim, toda a concepção científica, profissional (como saúde, educação e justiça), social e familiar. O termo cisgênero, por sua vez, tem sido adotado por parte dos teóricos de gênero para nomear um conjunto de pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando de seu nascimento. O transgênero, por seu turno, classifica um conjunto de pessoas que não se identificam com o gênero atribuído quando do seu nascimento (JESUS, 2015).

Para tal, considera-se importante responder se a educação cristã pentecostal impacta ou não no autocuidado de jovens cis gays criados por esses familiares confessionais, visto que, para a cultura cristã – em qualquer uma de suas vertentes conservadoras – a homossexualidade é vista como pecado/transgressão, portanto, a pesquisa propõe razoáveis esboços sobre os dogmas evangélicos, com destaque aos pentecostais, utilizando o método das Histórias de Vida como propulsora de material para análises discursivas a partir da teoria existencial-humanista.

Dada a importância ao que cita BERNI (2016, p. 111) de que “apesar de inúmeras pesquisas apontarem para a importância da religiosidade, da espiritualidade e das crenças pessoais, existem poucos instrumentos de avaliação para essas dimensões da cultura na vida das pessoas” e, assim como o relatado pelo CFP (2019), “a religião aparece em 32 depoimentos de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, como produção de estigmas, discriminações e sofrimentos”, é que se inspirou a esta pesquisa, tendo recorte entre os evangélicos, por serem religiosos em ascensão e expansão no território da Baixada Fluminense em composição nos poderes legislativos, com o popular slogan “*Brasil para Cristo*”.

Com essa pesquisa, deseja-se, ainda, colaborar com o fazer dos psicólogos e psicólogas, em suas atuações profissionais pautadas em seu código ético na defesa, preservação da dignidade humana e na destituição de estigmas e preconceitos sociais que atentem contra a dignidade humana.

Por sua vez, ROGERS (2009, p. 38) cita que “quanto mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior tendência tem para abandonar as falsas defesas que empregou para enfrentar a vida e para progredir num caminho construtivo.” Entretanto, se refizermos essa oração textual rogeriana, considerando o contexto homofóbico brasileiro atual?

É possível supor que ficasse assim: “quanto menos um indivíduo é compreendido e aceito, maior tendência tem para adotar falsas defesas para enfrentar a vida, e menos ainda progredir num caminho construtivo...”.

Acima de qualquer delimitação, segundo SARTI (1999, p. 100), é consenso que a família é “alicerce de identidade”, portanto, considerou-se válida à presente pesquisa, a compreensão do processo de constituição identitária de sujeito cis gay em meio a uma família evangélica pentecostal e suas práticas de autocuidado para consigo mesmo, pois, questiona-se: como se dará a constituição de sujeito homossexual em meio a uma crença dogmática de que “Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem”, sendo, porém, a identidade gay composta pela afetividade pelo mesmo sexo, contrariando a binariedade religiosa do homem/mulher cis gênero.

Convém ressaltar que, ao lançar a palavra “autocuidado” nas plataformas de pesquisa científica, a nomenclatura aparece predominantemente associada às doenças ou velhice, podendo denotar uma implicação do autocuidado a partir de um dano momentâneo e/ou irreparável, o que torna a proposta desta pesquisa ainda mais necessária. Por isso, elencamos alguns questionamentos a responder: o autocuidado nos jovens está relacionado a quais práticas? Como lhes soa uma constituição familiar como suporte, especialmente em dias maus? Como foi para eles serem criados em uma família evangélica?

Para a mínima compreensão dessas suposições que não se propõem únicas, precisa-se, antes, delimitar o que esta pesquisa entende como autocuidado. Foi encontrada em uma pesquisa sobre o autocuidado na área da enfermagem, essa, titulada como “a profissão do cuidado”, a seguinte concepção:

A atividade de autocuidado constitui-se em uma habilidade humana que significa a “habilidade para engajar-se em autocuidado”. As capacidades do indivíduo em engajar-se no autocuidado estão condicionadas pela idade, experiência de vida, estado de desenvolvimento, orientação sociocultural, saúde e recursos disponíveis. Normalmente pessoas adultas cuidam voluntariamente de si mesmas. (LANGE, 1997, p. 25).

O “cuidado de si” é o entendimento que orientou esta pesquisa. Cuidado consigo mesmo nos âmbitos afetivos, psicológicos, médicos e sociais; esses, de modo a preservar a integridade e bem-estar de si, sob uma perspectiva integral do sujeito, considerando as condições de liberdade dos voluntários entrevistados.

Entendendo a necessidade da liberdade de agir sobre si, e para si, como um antecedente do autocuidado, essa liberdade foi considerada perante as transversalidades sociais humanas

como, por exemplo: a territorial, econômica, de classe e cor. Sobre a liberdade para o autocuidado, e para uma boa compreensão dessa simbiose, vale a reflexão sobre o trecho a seguir:

Kierkegaard faz referência ao Gênesis, justamente ao trecho que Deus declara: "Porém, os frutos da árvore de Bem e do Mal não comerão". Este escritor acredita que, a partir desta ordem, se inicia toda angústia do homem, dado o reconhecimento de Adão de seu caráter de indeterminação e consequente liberdade. (...) A proibição provoca em Adão o vislumbrar de seus possíveis. Desta forma, Adão descobre sua condição de liberdade. (...) Adão poderia ou não comer o fruto. É a possibilidade de seu poder-ser que lhe traz a ambiguidade e a angústia, na sua natureza livre, cabe-lhe a escolha. (FEIJOO, 2010, 55).

Nesse trecho destacado e refletido por FEIJOO (2010), o modo em que Kierkegaard correlaciona o ser humano e sua liberdade como um conto/alegoria e/ou fato – aos que creem na literalidade do texto – tão pragmático à cultura ocidental cristã, nos permite questionar e buscar responder se nos aproxima da própria construção da noção de liberdade dos entrevistados, de igual modo, também daquilo que acreditam lhes acarretar como consequência o uso dessa tal liberdade para consigo, que é a preocupação primordial desta pesquisa.

FEIJOO (2010) ainda acrescenta que escolher implica nos tornarmos responsáveis pelo nosso destino. Somos condenados a viver as consequências das nossas escolhas. Por esse motivo, para este trabalho, consideramos autocuidado como "o cuidado de si, pois é 'exercício filosófico', é cuidado ético-moral de si mesmo, orientado para uma estilização da vida, uma estética da existência, para as artes da existência" (FILHO, 2007, p. 6).

Para elucidar as questões apresentadas, vejamos o que noticiou o site *Terra* (2019), com o título "Rejeitados pela família e expulsos de casa: essa é a realidade de muitos jovens que pertencem à comunidade LGBT":

Muitos pais não aceitam quando descobrem que o(a) filho(a) pertence à comunidade LGBT. Por isso, muitas famílias expulsam seus filhos que, muitas vezes, não sabem para onde ir. Para os jovens que sofrem com isso, tudo se torna, ainda, mais difícil, já que além de serem discriminados dentro da sociedade por pessoas conhecidas e desconhecidas, a família, que deveria oferecer apoio, também age com preconceito. (TERRA, 2019).

Compreender como as experiências de vida refletem às práticas de autocuidado, urge também possibilitar aos psicólogos(as) e outras profissionais e/ou entes sociais a contribuir para promoção de uma cultura de autocuidado e inclusão; a exemplo dessa urgência, cito o que a *Ordem dos Pastores do Brasil* (2017) mencionou em sua Declaração sobre homossexualidade, identidade de gênero, orientação sexual, uniões homo e poliafetivas:

Embora a Psicologia e a Psiquiatria tenham retirado a homossexualidade como “doença mental” (...) entendemos que a homossexualidade é tema também (...) pertencente à agenda temática dos estudos religiosos e eclesiásticos; que a normalidade da constituição sexual do ser humano é a heterossexualidade e que a homossexualidade é desvio de finalidade sexual em relação ao plano da criação divina para a raça humana (...).

(Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, 2017, item 4).

Sendo, ainda, a existência não cis heterossexual um tema periférico em grande parte do constructo teórico da psicologia nacional e internacional, faz-se importante debruçar sobre as construções dessas identidades e suas estratégias de sobrevivência.

Ao decorrer de minhas pesquisas para a construção desta dissertação, foram poucos os materiais teóricos que versavam sobre os efeitos dos preconceitos sociais sobre o autocuidado ou estratégias de sobrevivência de homens gays (ou até mesmo pessoas LGBT’s). Muitas vezes, essa questão aparece em um questionamento ou em uma afirmação isolada, sem separar, em partes, suas construções e efeitos.

Em minhas práticas com a psicologia clínica, assim como em minhas interações com demais colegas do mesmo campo de atuação profissional são muito comuns relatos sobre sofrimento atrelados à exclusão social e familiar em decorrência de uma homofobia oriunda de crenças e práticas religiosas. Tanto eu quanto demais colegas de classe profissional, não encontramos em nossos arcabouços teóricos nenhuma referência para tais casos em toda nossa formação em psicologia, ficando, tais intervenções de caso, a cargo das nossas sensibilidades e “paralelismo heterossexual” (modo que opto por chamar às intervenções cuja literatura apenas se debruçou sob um viés heteronormativo).

Portanto, a partir disso, surgiu a motivação de produzir academicamente algumas referências em que profissionais que atendam em todas as suas esferas de atuação, como pessoas cis gays, por exemplo, possam compreender do quê e como é constituída uma subjetividade sobre autocuidado em meio a criação evangélica pentecostal no território da Baixada Fluminense.

A especificidade desse desejo nasceu quando, há alguns anos, quando atuava com testagem de HIV, um jovem, cujo resultado deu reagente para o vírus da AIDS, me disse: – uma irmã da igreja, profetiza, havia me dito que eu teria AIDS. Que eu viveria alguns anos e depois morreria.

Era, também, minha atribuição o aconselhamento psicológico pré e pós teste para uma pesquisa que trabalhávamos. Então conversei com ele. Refletimos como o estigma da AIDS

atingia àqueles sabidamente homossexuais como ele e como, de algum modo, se tornou real o que acreditou ser destinado por conta da “profecia”, visto que mantinha relações sexuais sem preservativo – e sem nenhum outro método de prevenção, com o namorado sabidamente HIV reagente e com carga viral detectável (pois abandonara o tratamento antirretroviral).

Esses relatos apontam como a crença, sobre si e sobre os outros, que tem seu início em nossa primeira instituição social, a saber, a família, tem a potência de determinar nossas práticas de vida (ou de morte).

Feitas essas digressões, apontamos abaixo os objetivos desta pesquisa:

OBJETIVOS DA PESQUISA

Geral:

- Analisar a criação de jovens cis gays em famílias cristãs evangélicas pentecostais no território da Baixada Fluminense – RJ, a partir dos anos 1990.

Específicos:

- Examinar possíveis efeitos da educação evangélica pentecostal na prática de autocuidado de jovens cis gays;
- Investigar quais são as práticas de autocuidado do jovem cis gay com criação em lar evangélico pentecostal. [OBJ]

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa está dividida em duas partes: uma é a revisão bibliográfica e a outra, a coleta e análise de dados, em que se empregou a técnica da história de vida. Para tal, foram selecionados quatro jovens cis homossexuais, nascidos a partir do ano de 1990, tendo entre 18 e 29 anos de idade, que o Estatuto Brasileiro da Juventude (2013) considera como “jovem”, a fim de que, também, tenhamos como recorte aqueles que nasceram e se “constituíram sujeitos” após a retirada da homossexualidade dos manuais de doença mental de reconhecimento internacional.

É razoável concluir que tal conquista de reconhecimento e direitos possa afetar instituições sociais, como a familiar e a religiosa, exercendo influência em todos os seus valores,

como na criação de seus filhos.

Os entrevistados foram criados por familiares majoritariamente evangélicos pentecostais há maior parte de suas vidas até completarem a maioridade (18 anos), assim como foram criados no território da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Esses jovens contaram suas histórias de vida livremente, conforme o que acharam importante, relevante e irrelevante em suas criações, percepções quanto a relação deles e de seus familiares, quanto suas crenças e sexualidades, independente de haver uma “saída do armário” de suas sexualidades neste tempo, sob a perspectiva de uma entrevista semiestruturada (apêndice).

Para tanto, bastou à compreensão de suas construções subjetivas, estarem cientes de si enquanto gays. Quanto à compreensão familiar, foi considerada a pessoa com parentalidade biológica ou não, que tenha exercido a criação do entrevistado na maior parte da infância e/ou adolescência, podendo, dessa forma, ser pai e/ou sua mãe biológicos, como alguma outra pessoa consanguínea ou não, mas que tenha exercido paternidade ou maternidade na maior parte da vida infantojuvenil do entrevistado, à tal modo que esse considere um familiar que majoritariamente influenciou em sua criação.

Esse familiar precisava ser de confissão evangélica pentecostal, ainda que de denominação variada, desde que tenha em sua convicção religiosa uma relação com os dons espirituais preconizados pelo pentecostalismo evangélico brasileiro.

Conforme orienta o método de investigação escolhido, Histórias de Vida, após a escolha desses entrevistados e de terem autorizado via assinatura de consentimento livre e esclarecido, com um gravador, foi registrada toda entrevista e, o quanto antes, transcrita.

Após o processo de entrevistas, que ocorreu individualmente em torno de uma hora para cada voluntário e das transcrições, analisamos os textos produzidos em busca dos pontos de saturação, que são pontos que coincidem em seus relatos, conforme cita ALVES (2017).

Mais que em suas histórias individuais, essa metodologia visa conhecer os fenômenos psicossociais comuns ao grupo pesquisado. Portanto, significa que em algum momento, as histórias convergem em pontos comuns, apontando a êxtase do extrato analisado nessa busca científica.

Nesse momento, procederemos com a análise e interpretação do conteúdo acumulado no contato com os interlocutores/entrevistados da pesquisa, a partir da perspectiva existencial-humanista rogeriana, debruçando em um exercício de compreensão e sentidos dos depoimentos orais, conforme elucida o trecho a seguir:

O método de História de Vida objetiva apreender as articulações entre a história individual e a história coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social. Discutimos também o vínculo entre pesquisador e sujeito, dimensão priorizada no método de história de vida. Essa dimensão não invalida o método, nem tampouco o classifica fora de métodos científicos (SILVA. et al., 2007).

Nesses encontros, buscamos a rememoração de suas vivências e trajetórias de “vir a ser”, em consonância ao que cita FEIJOO (2010): “nenhum homem se constitui como um eu fechado”, o ser humano se torna pessoa na relação com o outro, entre afetos e desafetos, afetando e sendo afetado, deixando um pouco de si e levando um pouco do outro.

BARROS (1989), colabora dizendo que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas à sua trajetória de vida, ou seja, é na história que nos tornamos propulsores e protagonistas de nossas próprias histórias, nos inserindo como mais um personagem/protagonista da mesma.

SILVA et al (2007), por sua vez, sinalizam que a experiência de relatar sua história de vida proporciona ao entrevistado a possibilidade de revisitar sua vida e sua história, ressignificando o que implica uma dimensão ética do estudo, considerando tal como relação de cumplicidade entre pesquisador e entrevistado. Ao narrar sua história, o sujeito se reconstrói: “Lembrar não é reviver, é refazer” (BOSSI, 1973, p. 20). Ao narrar a sua história o indivíduo evoca sua historicidade, podendo, até mesmo perceber que é mais coletivo do que pensava, seu conceito de individualidade em sua história, como o trecho a seguir:

O método de História de Vida é um método científico com toda força, validade e credibilidade de qualquer outro método, sobretudo porque revela que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando, também, o quão genérica é a trajetória do ser humano (SILVA., et al, p. 34).

Essa investigação qualitativa é uma abordagem de compreensão que considera importante aprofundar a análise das histórias acolhidas entre pesquisadores e entrevistados.

Seu ponto primordial, que sinaliza o eixo da amostra, é o que convencionou-se chamar de saturação; o mesmo, expressa o momento em que vários entrevistados coadunam em seus relatos, se repetem em ideias e em posições denotando regularidade - traço comum que demanda a necessidade de aferirmos interpretações a partir dos constructos teóricos da pesquisa.

Para acessar os voluntários que contariam suas histórias, busquei a comunidade LGBTI da Baixada Fluminense via redes sociais. Na ocasião, fiz uma breve explanação do perfil desejável e o propósito da pesquisa, supondo que através dessa explicação, alguns voluntários, com o perfil a ser pesquisado, fossem atraídos por identificação às suas histórias e pelo desejo

de colaborar com os objetivos da pesquisa. Então, disparei convites nas redes sociais.

Em apenas algumas horas, recebi a comunicação e indicações de perfis dentro do almejado. Alguns dias depois ainda recebi contato de interessados e interessadas - sim, algumas mulheres cis lésbicas também se interessaram.

A prática metodológica dessas entrevistas foi orientada pela mesma fundamentação teórica que a ampara para os fins de suas análises, se aventurando no que preconiza BOSI (2003), quando afirma sobre as entrevistas:

A entrevista é... aventura comum, onde os dois: narrador e ouvinte, irão experimentar um sentimento de gratidão pelo que ocorreu. O ouvinte pelo que aprendeu; e o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto os das pessoas ditas importantes. Os dois sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção (BOSI, 2003, p. 63).

De fato, ao finalizarmos as entrevistas, prevalecia a sensação de alívio e leveza, e, mesmo que em momentos da entrevista alguns tenham embargado choro e/ou sentimentos de tristeza, buscamos manter uma relação genuína, de consideração positiva incondicional aos entrevistados em seus relatos, como preconizado pela teoria rogeriana, inspirado no que preconiza OLIVEIRA (2008).

Creio que este texto inaugura uma nova proposta metodológica, alinhavando teoria e empirismo a cada momento de sua reflexão, nunca dissociando uma da outra. Acredito, também, que propõe um novo modo de fazer ciência, em que a escrita poética se faz presente e em que o sujeito-pesquisador e o objeto do conhecimento, as pessoas pesquisadas, se alteram mutuamente na difícil tarefa de produção do saber. (OLIVEIRA, 2008, p. 51).

Também, por essa razão, iniciamos os próximos capítulos com letras de músicas que expressam, de algum modo, a conjuntura do que é possível refletir nos capítulos. Seja a partir de uma reflexão teórica ou a partir de relatos dos colaboradores entrevistados.

É de saber notório o entendimento de que a arte expressa sua época e faz recortes históricos daquilo que está em voga na dinâmica social, portanto, seja na voz ou seja na letra, propõe-se essa interlocução a fim de enriquecer este “modo de fazer ciência”.

Para tanto, o autor continua:

Este trabalho, se delineia entre ambos um destino comum, buscando superar a assimetria que costuma rondar as relações entre pesquisador e sujeitos pesquisados. O profundo respeito que Ecléa tem pela figura do outro a move no sentido de promovê-lo e nunca utilizá-lo em seu próprio proveito. (OLIVEIRA, 2008, p. 51).

E assim, após o encerramento das entrevistas, essas foram transcritas para a análise mantendo o texto e expressando ao máximo as emoções das falas e demais comunicações não

verbais, como brilho dos olhos, mudanças na respiração e outros gestos, muitas vezes, não capturados ou traduzidos em palavras.

Seguindo com análise das entrevistas (estão em anexo na íntegra), a partir dos pontos de saturação, não excetuando os pontos de diferença, para então chegar à análise e conclusão da pesquisa.

Quanto às estruturas dos capítulos, propôs-se um breve apanhado sobre a religiosidade cristã evangélica pentecostal, explorando seus principais dogmas referentes à sexualidade e à família. Posteriormente, uma reflexão sobre o conceito autocuidado, que se apresenta majoritariamente sob o viés de reabilitação de doentes na maior parte da literatura encontrada.

Após o vasto levantamento prévio de trabalhos relativos ao tema, em páginas de conteúdos científicos, como *SciELO*, *Portal de Periódicos Capes* e *Google Acadêmico*, aferindo mais de duzentos títulos sob a palavra-chave “autocuidado”, é possível afirmar que o seu maior conteúdo se refere ao autocuidado em doentes agudos e crônicos, o que não atendeu diretamente ao conceito desejado por esta pesquisa. Por essa razão, foram selecionados textos que trazem referências ao campo existencial e/ou populacional, para referenciar o capítulo que conceitua autocuidado, de modo à construção de um arcabouço teórico que possa nos conduzir à compreensão e interpretação dos efeitos da criação evangélica pentecostal no autocuidado dos entrevistados conforme suas próprias experiências narradas.

REVISÃO DE LITERATURA

Neste percurso, a revisão bibliográfica constituiu a genealogia do corpo da pesquisa, onde fora feito o levantamento do que é e do que ainda não é discutido pela academia referente ao que propomos pesquisar, e busca, ainda, estratégias de sanar o que for deficitário em conteúdo referente aos recortes, compilando e analisando os conteúdos a fim de encontrar sínteses que orientem o percurso dessa pesquisa.

Em tessitura teórica, ao pesquisar pelas palavras-chave “gay”, “família” e “autocuidado”, no *Portal CAPES*, não encontrei o autocuidado associado à vida de gays ou até mesmo alguma identidade afetiva sexual ou de gênero, como proposto à pesquisa, o que reforçou sua relevância.

É também importante salientar que a utilização da palavra “gay” como chave, suscita o aparecimento de produções com temáticas aleatórias em virtude da existência de muitos autores e autoras de sobrenome “gay”. Portanto, fez-se necessário utilizar da combinação

“homossexualidade, família e autocuidado” nas buscas de material teórico a embalar essa pesquisa, que ainda assim, evocaram conteúdo teórico fragmentado ao nosso esboço de almejo.

A homossexualidade que trabalhamos refere-se à atração sexual e romântica de homens cis gêneros por outros homens cis gêneros, excetuando-se, neste recorte de pesquisa, homens transgêneros e bissexuais, sem, com isso, negar a importância de outras pesquisas verterem sobre essas populações que também são alvo de discriminação nos âmbitos religiosos e familiares.

Entende-se como “família” relações afetivas que se estabelecem aos laços de parentalidade criados na perspectiva dos entrevistados, independente de consanguinidade e/ou adoção, desde que participativos no processo de criação do voluntário à entrevista.

É importante ressaltar, também, a importância de compreender como se estabelece uma construção de autocuidado nas existências homossexuais enquanto o sistema religioso em que foram criados inscreve essas sexualidades como indesejáveis e passíveis de condenação e punição divina. Ademais, é imprescindível articular esses fatos com o fenômeno publicizado na Revista Psicologia e Saúde:

Os principais resultados sugerem que os homens sentem medo e vergonha de suas vulnerabilidades e do adoecimento. Também percebem uma imposição de papéis patriarcais pela sociedade, considerando o autocuidado como um atributo feminino. Observou-se ainda tendência à priorização do trabalho, mesmo que isso implique o deterioramento da saúde. (GARCIA; CARDOSO; BERNARDI, 2019, p. 19).

Sendo a homossexualidade masculina, muitas vezes, atribuída e associada ao feminino, verte-se a seguinte questão: como a dicotomia “feminino e masculinidade” e a homossexualidade intercursam sobre o autocuidado “jovem cis gay”? Como, para essas famílias, o “é de homem” e/ou “é de mulher” atravessou a constituição de sujeito desses meninos?

Entre o compilado teórico, destacam-se as seguintes pesquisas selecionadas entre as cem primeiras correlacionadas às palavras-chave na plataforma *CAPES* que consideramos adequada uma breve explanação do que motivou a selecioná-las conforme a tabela a seguir:

OLIVEIRA, G. M.

Área de Conhecimento	Mestrado em Cultura, Sociedade e Fronteiras.
----------------------	--

Tema	Comecei a sonhar com homens: a “saída do armário” vivenciada por homossexuais masculinos em suas interações familiares.
Ano	2019.
Metodologia	Adotou a obtenção de dados qualitativos, tendo a entrevista semiestruturada como instrumento único juntamente com a bibliografia utilizada. Foram entrevistados 10 homossexuais assumidos, entre 21 e 55 anos de idade e moradores de Foz do Iguaçu, Paraná. As entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e maio de 2018 e gravadas com autorização dos entrevistados (OLIVEIRA, 2019), e os entrevistados foram informados de que os dados da pesquisa seriam divulgados sob pseudônimos. A análise dos dados foi orientada pela perspectiva dramatúrgica de Goffman (1985), que analisa as relações sociais a partir da metáfora teatral (OLIVEIRA, 2019).
Resultados	O ato de “se assumir” homossexual causou reações heterogêneas nos familiares, apontando um impacto inicial seguido da aceitação da homossexualidade do ente familiar. No entanto, esse processo veio recheado de muitas “negociações”, com frases como “eu te aceito, mas só não quero seu namorado aqui”. O autor sinaliza que há inicialmente uma ruptura, mas, em seguida, há um apaziguamento da resistência e as relações familiares vão sendo reestabelecidas com essa nova personagem – o homossexual assumido – agora “incluso” na cena.

PESSOA, K. G.

Área de Conhecimento	Mestrado em Sociologia Política.
Tema	Amor (in)condicional: uma análise da relação entre as esferas da família e da religião na aceitação da homossexualidade.

Ano	2017.
Metodologia	Utilizou o método História de Vida, com gays, lésbicas, filhos e filhas de pais evangélicos que, de algum modo, já se assumiram gays e lésbicas para seus pais e mães (direta ou indiretamente). A coleta de dados aconteceu entre os anos de 2016 e 2017, privilegiando a interpretação que os entrevistados deram às ações e discursos dos seus pais e mães. Justifica relacionar a religião evangélica e a família à homossexualidade pelo investimento realizado nos últimos anos sobre a disseminação de um imaginário referente à homossexualidade.
Resultados	É possível vislumbrar a tensão entre moral religiosa e moral afetiva ocupando o centro da discussão, tendo o próprio contexto familiar como palco dessa tensão. Vemos o que é acreditado como amor posto à prova diante de um dos principais dogmas do cristianismo, se não o principal, o amor.

LOIOLA, L. P.

Área de Conhecimento	Mestrado em Educação.
Tema	Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.
Ano	2001.
Metodologia	Para a realização dessa pesquisa foi utilizado o trabalho de campo etnográfico, com a perspectiva interseccional frente às categorias do aporte teórico da pesquisa como família, sexualidade, religião e juventude.
Resultados	Coisas difíceis de dizer traduzem todo o processo investigativo. As manifestações discursivas e/ou comportamentais apreendidas e os sentimentos decorridos, revelados ou não neste trabalho – é a homofobia. Coisas difíceis de dizer são as coisas promulgadas pela ciência e religião

	que estão em desacordo com a vida; são também coisas que a família, a igreja e a escola não tiveram coragem de assumir, omitiram e/ou negaram, continuando nessa lógica.
--	--

LAWRENZ, P.

Área de Conhecimento	Mestrado em Psicologia.
Tema	Estresse de minoria, fatores familiares e saúde mental em homens homossexuais.
Ano	2017.
Metodologia	O delineamento do estudo foi quantitativo, transversal, correlacional e retrospectivo. Participaram 101 homens brasileiros autoidentificados como homossexuais e com idades entre 18 e 55 anos.
Resultados	A maior parte dos relatos de discriminação envolveram a família e o ambiente escolar. Ou seja, ambientes que deveriam ser acolhedores a essas pessoas têm sido de dor e exclusão. De modo geral, a pesquisa apontou a incidência da homofobia na maioria das histórias dos entrevistados. Por meio das análises de correlações, o resultado sugere que esconder a orientação sexual pode levar às consequências negativas para a saúde mental de homens adultos homossexuais. Além disso, que os maus-tratos perpetrados por pares também contribuíram para explicar o estresse.

CONCEIÇÃO, A. L. P.

Área de	Mestrado em Educação.
---------	-----------------------

Conhecimento	
Tema	Performatividade: as marcas da educação na alma de corpos estranhos.
Ano	2011.
Metodologia	O lócus de pesquisa foi o município de São Borja, Estado do Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada foi a História de Vida, onde foram ouvidas histórias de três homens assumidamente homossexuais no território selecionado.
Resultados	Na conclusão, os entrevistados apontaram a família e a escola como principais promotoras de controle, normatização e tensionamento da heterossexualidade compulsória.

SANTANA, R.V. M.

Área de Conhecimento	Mestrado em Psicologia.
Tema	Entre a regulação e a subversão: o assumir-se enquanto um paradoxo da identidade homossexual.
Ano	2014.
Metodologia	A pesquisadora analisou fragmentos das histórias de vida de jovens com vivências homossexuais, objetivando conhecer como construíram suas subjetividades em meio ao estigma da homofobia. A autora realizou entrevistas semiestruturadas com enfoque biográfico, onde solicitou a reconstrução da história de vida sexual dos interlocutores. Para fazer falarem os dados, utilizou-se a análise do discurso sob o campo teórico construcionista referente à sexualidade, identidade e subjetivação.
Resultados	A autora aponta que a análise dos dados sugere que os discursos da ciência e da religião, fortemente marcados em nossa cultura, de essencialidade do biológico e situando a homossexualidade como um desvio

	têm contribuído bastante para propagação de atitudes intolerantes.
--	--

HONORATO, I. B.

Área de Conhecimento	Mestrado em Antropologia Social.
Tema	Entre tensionamentos e disputas: família, religião, e o processo de se assumir entre jovens de uma igreja inclusiva de Manaus.
Ano	2016.
Metodologia	Abordou a pesquisa pelo método de observação participante e descrição do fenômeno estudado através da participação nos cultos e estudos bíblicos da <i>Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva</i> (IARI) , bem como em atividades externas realizadas por seus membros. Acrescentou ainda as redes sociais (Facebook e WhatsApp) como importante espaço de interlocução com os colaboradores dessa pesquisa.
Resultados	Os processos de se assumir e de aceitação são marcos importantes na vida dos interlocutores. Eles dão conta de um antes depois que marcam suas trajetórias: a família como ponto central desses processos e a IARI como elo entre as duas dimensões da vida social sobre religiosidade e sexualidade. Nesse sentido, a IARI representa uma possibilidade do (re)fazer o elo com a família ou pelo menos apaziguar relações que se tornam tensas e conflituosas depois do processo de se assumir.

Esses resumos foram selecionados a partir das palavras-chave desses conteúdos considerados análogos ao tema dessa dissertação. Portanto, seguimos com a leitura de seus resumos e selecionamos em um arquivo para leituras e fichamentos. Todas elas foram lidas completamente, com a finalidade de aprofundar e apreender ao máximo, pela escrita, toda a experiência possível de pesquisadores e entrevistados – talvez numa necessidade íntima de compensar a falta de contato com o ambiente de pesquisa em decorrência da pandemia do coronavírus.

Outro conteúdo que colaborou com a construção teórica dessa dissertação foi o

conteúdo produzido pelo Conselho Federal de Psicologia, por intermédio da Comissão de Direitos Humanos (CDH), o livro *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTI's*, que se constitui de diversas biografias de LGBTI's vítimas de violências físicas e subjetiva.

A CDH ouviu dessas pessoas suas narrativas referentes às experiências de tentativas de conversão e/ou “cursuas sexualidadesidades e/ou identidades de gênero:

Dados produzidos por organizações governamentais e não governamentais demonstram um cenário de violência e ódio em relação às existências de subjetividades LGBTI's no Brasil. Em 2016, o Ministério dos Direitos Humanos elaborou o relatório Violência LGBTIfóbicas no Brasil, em que consta o registro de 1.876 violações denunciadas por meio do Disque 100 somente naquele ano. (...) Em 2018, a Associação Nacional de Pessoas Travestis e Transexuais (ANTRA) divulgou um dossiê destacando a ocorrência de 163 assassinatos de travestis, mulheres transexuais, homens trans e pessoas não binárias. Do mesmo modo, o Grupo Gay da Bahia divulgou relatório de 2018, registrando 420 mortes de pessoas LGBTI's. (CFP, 2019, p. 15).

Acolher histórias é acolher o ser, é acolher a construção do ser, é apreender o outro em sua perspectiva. Nessa interlocução teórica, em meio a problemática expressa, tornou-se imprescindível a articulação com as seguintes concepções de ROGERS (2009): “sinto-me mais feliz simplesmente por ser eu mesmo e deixar os outros serem eles mesmos” e que “é sempre altamente enriquecedor poder aceitar outra pessoa.”.

CAPÍTULO I – A RELIGIÃO CRISTÃ EVANGÉLICA PENTECOSTAL NA BAIXADA FLUMINENSE – RIO DE JANEIRO

Para darmos continuidade ao proposto capítulo, julgamos válido, antes, conceitualizar o termo “religião” e o termo “evangélico”.

Segundo o dicionário virtual OXFORD (2022), religião é a “crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência. Postura intelectual e moral que resulta dessa crença.” No entanto, para Durkheim, religião é mais do que a ideia de deuses e espíritos e, consequentemente, não pode ser definida exclusivamente em relação a esses termos (DURKHEIM, 2000, p. 18). Portanto, a característica essencial da religião para ele é o sagrado, que é algo extraordinário, enquanto seu oposto, o profano, está relacionado às coisas ordinárias e mundanas (GUERRIERO, 2012, p. 13).

Durkheim é, sem dúvida, um dos maiores contribuintes para a elaboração do conceito de religião. Para ele, a sociedade é a alma da religião e não há religião que não seja social e reflete o convívio coletivo em instituições denominadas “igreja” (DURKHEIN, 2000).

Enquanto religiosos atribuem divindade aos seus templos e organizações, Durkheim aponta a gênese social da criação, existência e permanência dessas instituições. Sob essa perspectiva, a religião é uma expressão/projeção de seu povo, de modo que, para compreender a dinâmica social de um grupo, como o qual interessa essa pesquisa, propõe que conheçamos seus fenômenos religiosos.

Durkheim (2000, p. 32) concebe religião como “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”.

1.1. A RELIGIÃO EVANGÉLICA

É válido salientar que em virtude de sua vivência judaico-cristã e ocidental, Durkheim apresenta essa concepção em suas colocações – fato este marcante nos posicionamentos de seus críticos, mas que ainda é possível auxiliar na compreensão do nosso trabalho por versar sobre uma vivência cristã ocidental na periferia do Estado do Rio de Janeiro.

Sobre o exposto, COSTA (2017), cita que Durkheim traz à tona a questão de a

dinâmica na religião ser concebida como um sistema de forças mais do que de ideias. Sua função social não é ajudar a pensar, mas sim a viver. De forma semelhante, a vida religiosa ajudaria o ser humano a suportar as intempéries da vida, como por exemplo, encontrando sentido para a inevitável morte. Ainda assim, para Durkheim, a igreja é uma comunidade moral, onde se compartilham conceitos semelhantes de preceitos, valores, comportamentos e crenças.

A religião se faz por experiências humanas, como cita ALVES (1999), a respeito do fenômeno religioso, “ela se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. Está mais próxima da nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. (...) a ciência da religião é também a ciência de nós mesmos (...”).

Assim, nesse capítulo, levanta-se a questão: quem são os evangélicos? A religião evangélica é heterogênea e tem como premissa a prática religiosa de evangelizar e difundir os textos bíblicos do Novo Testamento como “a verdade” (MAFRA, 2001), e acrescenta que está ligada à teologia estadunidense do *Destino Manifesto*, cuja ideologia pautava-se na propagação do evangelho em territórios não-cristãos protestantes como uma missão divina dada aos Estados Unidos da América.

1.2 A RELIGIÃO EVANGÉLICA NO BRASIL

Embora a religião evangélica tenha chegado ao Brasil pela aristocracia europeia por intermédio do inglês Robert Reid Kalley e sua esposa nos anos 1855, foi em meio às camadas populares que a religião mais se propagou, contrapondo ao fato de que na igreja católica, somente a burguesia ocupava lugares de privilégio e tinha o direito de sentar: “Trabalhadores livres, alguns deles ex-escravos, encontravam nessas igrejas “perigosas” um espaço ímpar em termos de reconhecimento de sua dignidade”. (MAFRA, 2001, p. 22).

Essa informação é importante para que compreendamos a propagação das igrejas evangélicas no território da Baixada Fluminense – RJ, bolsão de pobreza e negritude do Estado do Rio de Janeiro, não à toa, há em uma de suas cidades, Nova Iguaçu, o chamado “Cemitério dos Escravos” em funcionamento até hoje no Município.

Temos, no Brasil, a peculiar característica da miscigenação que não se manifesta apenas nos corpos brasileiros, mas também em suas crenças. Vejamos:

Podemos observar que a matriz religiosa do Brasil pode ser mensurada a partir de elementos culturais relativamente delineados: catolicismo ibérico, catolicismo romano, religiões africanas, religiões indígenas, kardecismo e protestantismo, que irão delineiar os jeitos de ser, dizer, agir e fazer dos grupos sociais (OLIVEIRA, 2006).

Embora não se pretenda ter um aprofundamento histórico dessa questão, achamos válido lembrar que essa miscelânea é efeito do processo histórico da invasão europeia, da exploração e escravização dos indígenas e africanos no território, que hoje é reconhecido como Brasil, somado à projetos colonizadores de evangelização e poder. Por isso, nesta pesquisa, foi selecionado o recorte evangélico pentecostal em decorrência de sua expressiva expansão social, política e midiática no país atualmente. E sobre esse processo, PINEL e RESES (2021) comentam que:

O declínio do pensamento progressista na Igreja Católica coincide com o avanço dos grupos evangélicos nas periferias urbanas do Brasil e na América Latina, especialmente a partir do Encontro de Medellín (1968) e a Terceira Conferência de Puebla (1979), contribuindo para o gradual e contínuo afastamento da presença católica nos espaços da periferia.
(PINEL, RESES, 2022, p. 79).

O trecho acima colabora com a noção de que a precariedade de condições básicas de qualidade de vida (analfabetismo, falta de lazer e acesso à saúde, por exemplo), criaram espaços férteis para a disseminação da teologia evangélica, especialmente àquelas de vertentes pentecostais. Pentecostalismo, esse, importado dos Estados Unidos, marcado pela crença nas manifestações e providências divinas/sobrenaturais (MOREIRA, 2019). No entanto, é preciso criticar também esse suposto viés progressista atribuído aos católicos, destacando que desde a ditadura militar brasileira, os segmentos de esquerda aliados a igreja católica incorporaram em suas práticas uma espécie de moralidade laica, rechaçando tanto as discussões sobre igualdade de gênero e liberdade feminina, como também eram contrários à afirmação da homossexualidade como identidade política e social, além de serem contrários à legalização do aborto, celebração do casamento homoafetivo e uso de preservativo.

O pentecostalismo é um grande demarcador religioso cristão no Brasil, cujo algumas das principais características são, segundo BITTENCOURT (1994) a “cura, exorcismo e prosperidade”, a tal modo que cada uma dessas características venham de encontro às necessidades da população carente. Os “dons de curar” sanariam as deficiências dos atendimentos biomédicos, o “exorcismo” exereria uma espécie de delimitação entre o “santo” e o “profano” e entre a quem é digno da graça e da maldição, satanizando, também, religiões de

matriz africana, fazendo ligação entre a vida e a fé, segundo o autor, que conclui dizendo que a “prosperidade” funcionaria como um chamariz, à garantia da ascensão.

Todavia, para não incorrermos no reducionismo de que “as pessoas optam pelo cristianismo por serem alienadas” e que essas igrejas e seus fiéis de expandem unicamente a partir da pobreza, miséria e opróbrio, vale considerar a adesão dos milionários, políticos e artistas à religião cristã pentecostal, assim como o crescente embranquecimento das religiões de matriz africana – aspectos que não serão aprofundados aqui, mas que emergem como pontos necessários de destaque. Portanto, reitero as considerações de OLIVEIRA (2015), que salienta haver um conjunto de valores de solidariedade e aconselhamento que fazem com que parte da população opte pelo pentecostalismo:

Tal situação de exclusão e marginalização da população de baixa renda fez com que ela se reunisse num grupo mais homogêneo. A pobreza gera dor, vergonha e um sentimento de total inferioridade, abalando a autoestima. Porém, nota-se que entre os pobres há mais solidariedade. Há uma ética de partilha mais forte do que nos grupos sociais mais abastados. (...) Essa ética foi aproveitada – ainda que não de forma proposital – pelo pentecostalismo, que valoriza a vida familiar, a cooperação, o companheirismo entre os desfavorecidos. (...) Os pobres sentiam-se co-participantes da obra de Deus na Terra, e não mais aqueles rejeitados que não sabem ler ou escrever. (OLIVEIRA, 2015, p. 46-47).

MOREIRA (2019) ainda aponta a “experiência mística” como característica importante do religioso pentecostal o “falar de línguas estranhas” (dons espirituais), um parco de sua prática religiosa e relação/intimidade com Deus. Essas experiências religiosas estariam mais arraigadas aos aspectos emocionais do que racionais.

Nesta pesquisa buscamos voluntários em que suas famílias e criações estivessem inseridas neste contexto religioso, na crença das revelações espirituais advindas dos acreditados “dons do Espírito Santo”, onde, muitas vezes, as orientações dogmáticas vem por meio destas e não somente dos escritos literários bíblicos e religiosos.

Sobre esses fenômenos no Brasil, cito a perspectiva de ondas defendida por FRESTON (1994), em que defende o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil ao decorrer do século XX, em um esquema de rupturas e continuidades. Em sua primeira onda, teriam surgido as denominadas *Congregação Cristã do Brasil*, em São Paulo em 1910 e no ano seguinte, dando origem àquela que veio a ser a maior congregação pentecostal do Brasil, a *Igreja Evangélica Assembleia de Deus* (IEAD) na cidade de Belém – Estado do Pará. MAFRA (2001) apontou o fato de a IEAD ter tido uma cultura religiosa mais flexível como um fator propulsor de seu crescimento em detrimento daquela que a antecedeu.

A segunda onda, teria também surgido no Estado de São Paulo a partir dos anos 1950, marcada pela urbanização tendo como marco denominacional o fascínio por seus líderes (MAFRA, 2001). O autor aponta, nesta época, o surgimento das seguintes denominações: *Igreja do Evangelho Quadrangular*, em 1951; *Brasil para Cristo*, em 1955; e *Deus é Amor*, em 1962. E então, após cerca de duas décadas, surge a terceira onda pentecostal.

A terceira onda, também conhecida como movimento neopentecostal, é fortemente marcado pela demonização das religiões de matriz africana e do catolicismo, conforme cita Mafra (2001), também é válido demarcar seu início em meio a Ditadura Militar Brasileira, iniciada em 1964.

As denominações apontadas por FRESTON (1994) como marcadoras dessa nova onda, são: a *Igreja Universal do Reino de Deus*, em 1977, e a *Igreja Internacional da Graça de Deus*, em 1980. Ambas com extrema organização e inserção midiática (atualmente com emissoras próprias de TV e rádio e em horários em outras redes que não suas).

A citação a seguir sobre o crescimento de um ramo evangélico no Brasil, oferece reflexões ao exposto:

A vulnerabilidade e o desespero de grandes contingentes populacionais, em especial das mulheres pobres e, mais ainda, das negras pobres, vítimas de discriminações de gênero e raça, sem dúvida facilitam seu trabalho e ampliam sua probabilidade de êxito. Mas seu sucesso proselitista não depende da existência de tais problemas em si mesmos, e, sim, justamente de sua elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com eles. (MARIANO, 2004, p. 71).

Essas considerações trazem a interrogação do quanto a religiosidade, neste caso, a evangélica, tem se desenvolvido sob essa perspectiva no Brasil (considerando, para tal, sua ascensão entre os mais empobrecidos). A fim de colaborar com esse texto, encontrou-se no site do IBGE informações mais recentes do censo sobre a religião evangélica no Brasil, foram encontrados dados referentes apenas a 2010.

No Brasil, o número de pessoas que se declaram pertencentes a correntes evangélicas aumentou de 3,9 milhões em 1980 para o expressivo número de 42,2 milhões em 2010 (IBGE, 2010). O aumento exponencial desse segmento populacional sinaliza não apenas seu crescimento orgânico, estrutural e sistemático; mas também, a expansão de seu poder político-partidário. (...) Esse movimento religioso (...) prioriza segmentos populacionais periféricos e menos escolarizados. (PINEL, RESES, 2022, p. 80).

Dessa forma, constata-se, mais uma vez, a presença do recorte periférico e de baixa escolaridade – o que trouxe a curiosidade sobre como essas vertentes atravessariam a constituição dos sujeitos a serem entrevistados e se apareceriam diferenças em seus relatos.

PINEL e RESES (2022) apontam ainda que os evangélicos tradicionais (batistas, presbiterianos, luteranos) se direcionaram mais às classes médias urbanas e mais escolarizadas, enquanto os neopentecostais às camadas mais empobrecidas.

Esse breve panorama da religião evangélica no Brasil, sob uma perspectiva socioeconômica, encontra sentido e pertinência quando pretendemos chegar à constituição e funcionalidade religiosa evangélica na Baixada Fluminense – RJ, território em que nos preocupa o intuito desta pesquisa.

1.3 A RELIGIÃO EVANGÉLICA NA BAIXADA FLUMINENSE

A expressão Baixada Fluminense (BF) está relacionada à configuração fisiográfica da região: uma área plana, rebaixada em relação ao nível do mar, ou quando comparada com seu entorno, atravessada por rios e canais meandrinos com extensas planícies de inundação (BRITTO; PEREIRA, 2019). Através de seus rios que a região se desenvolveu, até o início das vias-férreas na região, como relata a professora Tânia Amaro, com expertise em História Social da Baixada Fluminense.

Foi o início do fim dos portos fluviais, da navegação pelos rios e dos caminhos dos tropeiros, modificando por completo as relações comerciais e a ocupação do solo. Foi um momento de decadência em várias áreas por onde o trem não passava, mas foi também o começo do processo de surgimento de vilas e povoados que se organizaram ao redor das estações ferroviárias, origem de muitos bairros e de cidades atuais da Baixada Fluminense (AMARO, 2012).

Considero válido esse breve panorama histórico para compreensão da formação populacional desta região de interesse. Nesse sentido, vejamos como esse território que, ao decorrer deste processo sofreu muitas emancipações, constitui-se, hoje, por 13 cidades ao entorno da capital do Estado.

Para delimitação da Baixada Fluminense foi utilizada a classificação apresentada pelo ISP (Instituto de Segurança Pública) que compreende 13 municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica (Observatório do Trabalho, 2021, p. 1).

Ainda, segundo o *Observatório do Trabalho do Estado do RJ* (2021) e o *Instituto Brasileiro de Geografia Estatística* (IBGE), a população estimada da Baixada Fluminense em 2020 foi de 3.908.510, ficando com 22,5% de participação da unidade federativa fluminense, tendo seu enxerto populacional marcado a partir da II Guerra Mundial, conforme o trecho a

seguir:

A partir das décadas que sucederam a II Guerra Mundial, os municípios que integram a Baixada tiveram um crescimento demográfico acentuado, que foi resultado de processos migratórios de diversas áreas do Brasil e de tantas outras nações do mundo. Esta população, tão diversamente heterogênea, é composta por povos de diversas origens e identidades culturais, formando um mosaico riquíssimo de tendências que se manifestam nos comportamentos sociais, nas artes, na política, na economia e nos mais diversos campos da vida em sociedade. (AMARO, 2012).

Hoje, temos a presença majoritária de uma população negra no território da Baixada Fluminense que se instalou no território desde a condição de escravatura e das lavouras cafeeiras aos laranjais, de modo que, ainda hoje, nas ruínas da Fazenda São Bernardino, no atual município de Nova Iguaçu, encontramos também as ruínas de uma senzala. Sobre este processo sócio histórico, COSTA (2018) afirma que:

Os indícios até aqui apresentados sugerem que pretos e pardos conseguiram conquistar o projeto camponês e mantê-lo ao longo dos anos, quando não aumentaram seus ganhos materiais. Ou seja, em uma região onde a produção de laranja em larga escala não estava totalmente direcionada para exportação, e muito menos se utilizava grandes propriedades, pretos e pardos, com histórico de passagem pela escravidão, ou não, permaneceram na Baixada Fluminense.
(COSTA, 2018, p. 166).

Esses são dados importantes para o entendimento dos processos sociais e religiosos da Baixada Fluminense, pois conforme o que já fora exposto anteriormente, existe uma relação sobre a expansão evangélica associada às vulnerabilidades sociais e econômicas, e, estando o empobrecimento prevalente entre a população negra, apontado por pesquisadores como efeito do processo de racismo e escravismo (CUNHA E RAMOS, 2008), entendemos a importância dessa demarcação para efeitos de compreensão da dinâmica sócio-religiosa entre a população baixadense.

Conforme ROCHA (2019), podemos tomar como um dos marcos da chegada dos evangélicos na Baixada Fluminense a década de 1920, que contou com abertura da Primeira Igreja Batista de Nova Iguaçu, em 1922 e, ainda no Município de Belford Roxo, à época, como distrito de Nova Iguaçu, com a fundação da Igreja Assembleia de Deus de Belford Roxo em 1925.

O autor acrescenta que há uma dificuldade de obtenção de fontes que permitam captar informações com maiores detalhes do espraiamento de templos evangélicos missionais e pentecostais na Baixada, mas salienta que seus desenvolvimentos se relacionam com as vulnerabilidades sociais do território de tal modo que esses templos surgiam como alternativa à ausência de assistências básicas do Estado, sendo possível a máxima “onde falta o Estado, a

igreja/Deus prospera”. Portanto, vemos com essa expressão a possibilidade de compreender os comuns nomes de atividades religiosas nos templos pentecostais, como “culto de cura e milagres”, “culto da vitória financeira”, “libertação” (com muitas ênfases em pessoas em uso abusivo de álcool e outras drogas), “culto da família”, “aconselhamentos pastorais/espirituais” e etc.

Embora a religião evangélica, atualmente, seja expressiva na Baixada Fluminense, seu desenvolvimento não foi esporádico. Seu processo evoluiu especialmente no decorrer da segunda metade do século XX em meio às ondas pentecostais citadas, assumindo características plurais e heterogêneas, como corrobora ALVES (2012), em seu artigo intitulado *Brasil e a diversidade religiosa: evangélicos passam católicos na Baixada Fluminense*, que sistematiza os seguintes dados para nos elucidar esse processo, a partir dos últimos dados do IBGE (2010):

Os católicos que tinham uma taxa de participação de cerca de 90% até 1980, caíram para 73,6% no ano 2000 e para 64,6% em 2010. Em sentido contrário, os evangélicos que tinham uma taxa de 5,2% em 1970, passaram para 15,4% em 2000 e chegaram a 22,2% em 2010. As pessoas que se declaram sem religião, que eram apenas 0,8% em 1970, passaram para 7,4% em 2000 e chegaram a 8% em 2010. As demais religiões passaram de 2,3% em 1970 para 3,7% em 2000 e para 5,2% em 2010. Portanto, no aspecto das filiações religiosas, o país está ficando mais heterogêneo e mais plural (ALVES, 2012).

Nesse trecho é possível verificar o declínio católico e a ascensão evangélica reiterados pelo autor, sinalizando que entre os 10 maiores países do mundo, o Brasil deverá ser o único a ter uma mudança em sua hegemonia religiosa nos últimos 30 anos (ALVES, 2012) e, adiciona a informação de que, o Rio de Janeiro, especificamente no entorno de sua Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), sem a capital, o que inclui a BF, provavelmente é a região brasileira com maior fertilidade à essas mudanças religiosas, de maioria católica para evangélica.

Desse modo, o autor conclui seu artigo nos mostrando que três grandes municípios da RMRJ já apresentaram mudanças em sua hegemonia religiosa:

(...) três grandes municípios que já apresentaram mudança na hegemonia religiosa, em 2010, foram Nova Iguaçu (com 796 mil habitantes), que apresentou uma percentagem de 33% de católicos, 36,9 de evangélicos e 21,2% de sem religião; Duque de Caxias (com 855 mil habitantes) que estava com 35% de católicos, 36,8% de evangélicos e 20,3% de sem religião; e Belford Roxo (com 469 mil habitantes) que apresentou 32,5% de católicos, 37,1% de evangélicos e 22,7% de sem religião. Na RMRJ, os católicos continuam com pouco mais de 50% somente nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói (ALVES, 2012).

Na Baixada Fluminense (BF), no início dos anos 2000, houve uma grande difusão da ideia do “Brasil para Cristo”, cujo propósito fundia-se com ideários políticos de um projeto de

tomada de poder. E para corroborar com o relato, na Praça Elizabeth Paixão, no centro da cidade de Mesquita – BF, por exemplo, há um monumento da Bíblia Sagrada (ZM NOTÍCIAS, 2020).

Monumentos cristãos expostos em um território com histórico de depredação de terreiros e chacinas a travestis em seus pontos de trabalho em via pública nos aponta a seguinte questão ao fundamentalismo religioso político na gestão da Baixada Fluminense: a quem e ao que interessa esses marcos monumentais religiosos?

Talvez seja possível responder à essas interrogações, a partir do exposto a seguir:

Junto do crescimento dos evangélicos na população, o número de Parlamentares também cresceu. Na atualidade, os evangélicos adquiriram grande visibilidade e destaque na política. A Bancada Evangélica é hoje uma das mais numerosas. Em 2003, foi criada a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, composta por 203 signatários, dentre esses evangélicos, católicos e não-religiosos, (...) (PESSOA, 2017, p. 19).

Mas quem e como são esses evangélicos? A religião evangélica não é hegemônica em suas constituições congregacionais e dogmáticas. MAFRA (2001) afirma que no contexto nacional, evangélicos são caracterizados no campo religioso pela atitude de “evangelizadores, propagadores e difusores de uma leitura da Bíblia centrada no Novo Testamento”. (MAFRA, 2001, p. 8).

No entanto, ainda estamos lidando com a concepção generalista do evangelho e ficamos com a questão: os evangélicos da Baixada Fluminense, como delineá-los?

Grandes ícones da música gospel têm origens na Baixada Fluminense, como a cantora *Cassiane*, de Nova Iguaçu, o grupo de louvor *Toque no Altar*, do Ministério Apascentar de Nova Iguaçu, *Shirley Carvalhais*, que congregava na mesma Assembleia de Deus que a, então, jovem *Cassiane*, *Denise Cerqueira* e *Andréa Fontes*, cujo ministério religioso ainda segue na mesma cidade.

Demarcamos essas personalidades a fim de explicitar a importância histórica deste território para o cenário evangélico do Brasil. Ainda que na escassez de informações mais atualizadas, temos como parâmetro o censo de 2010 que aponta no somatório dos 13 municípios e revelam 1.349.111 de evangélicos para 1.246.049 católicos, sendo possível apontar municípios com percentual de evangélicos superior ao de católicos (ROCHA, 2019) que conforme o autor, a BF é um espaço fértil para o desenvolvimento da crença evangélica se pontuado detalhadamente com as seguintes considerações:

ótimo para sua manifestação. Em primeiro lugar por ser marcado pela condição de periferia urbana desprovidas de diferentes políticas culturais e de infraestrutura urbana e em segundo lugar por ter pequenos incentivos para a dinamização de espaços culturais, que levou nos últimos anos a uma verdadeira funcionalização de espaços comerciais, antigos cinemas, teatros e outras formas para o funcionamento de templos religiosos, prática muito comum de uso das igrejas pentecostais. (ROCHA, 2019, p. 2675).

Esse fato é explicitado, por exemplo, pela rara quantidade de teatros e centros culturais na BF; para elucidar essa condição apontada, podemos refletir o fato de que quando a população mais empobrecida está em seus dias de folga do trabalho, como nos fins de semana e feriados, as conduções públicas ficam mais escassas e, consequentemente, com intervalos de tempo de viagem maior.

O trem, por exemplo, fica com quarenta minutos de intervalo, torna-se parador (com paradas em todas as estações do percurso até a estação terminal Central do Brasil, na capital, Rio de Janeiro, podendo dobrar o tempo da viagem em relação aos outros dias) e com a interrupção das viagens bem mais cedo do que em dias úteis (dias de semana). É possível supor que os trens que atravessam a Baixada Fluminense, na maioria de suas cidades, servem prioritariamente a levar trabalhadores aos seus postos de trabalho.

Se for o desejo de algum morador da Baixada assistir atividade artística, por exemplo, provavelmente lhe será mais acessível na igreja de seu bairro, visto que a maioria dos espetáculos são na capital, onde se concentra o circuito cultural metropolitano que, comumente, iniciam-se na metade da noite, terminando próximo das 23 horas, quando não há mais trens e/ou ônibus, que quando disponíveis, são mais caros e escassos, inviabilizando a mobilidade urbana e cultural do baixadense, o que coaduna com o que acrescenta o autor quando aponta que a expansão religiosa exerce a função social de amparo aos problemas estruturais de alguns municípios, seja o que se tange aos déficits na saúde e educação, quanto na cultura (ROCHA, 2019).

Demarcamos que em busca de uma fuga da concepção que pode se considerar estéril para o entendimento de uma dinâmica de construção subjetiva, quando não consideramos fatores sociais, históricos e simbólicos, torna-se essencial termos e entendermos essa conjuntura sob um viés heteronormativo.

Para melhor elucidação, imaginemos o processo de “tornar-se pessoa” de um jovem cis gay, sem o acesso aos meios de cultura diversa, em um território que onde há um cinema ou teatro se torna um ambiente de culto e perpetuação da heteronormatividade, sendo a sexualidade preconizada pelo cristianismo hegemônico. Para complemento, também é pertinente considerar

que o acesso universal à internet é historicamente recente no Brasil e, em especial, às camadas mais empobrecidas.

CAPÍTULO II – A FAMÍLIA EVANGÉLICA PENTECOSTAL NA BAIXADA FLUMINENSE - RJ

Este capítulo propõe-se a um breve apanhado sobre a família cristã evangélica pentecostal, contextualizando como se constitui seus conceitos de família e sexualidade. Esses dogmas importantes são compreendidos para o entendimento da historicidade da constituição de pessoa de nossos entrevistados. Com o intuito de territorializar essas concepções é que, neste trabalho, buscou-se aprofundar na perspectiva evangélica pentecostal no primeiro capítulo, fazendo um breve panorama sobre a religião evangélica pentecostal no Brasil, chegando ao contexto da Baixada Fluminense, território geográfico da composição das existências preconizadas nesta pesquisa.

Pesquisando virtualmente a etimologia da palavra “família”, o buscador virtual levou à seguinte resposta do trecho de um artigo na página do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM): “a origem etimológica da palavra família, vem do latim *famulus*, quer dizer escravo doméstico, e então, família é o conjunto dos escravos pertencentes e dependentes de um chefe ou senhor. Assim era a família greco-romana, formada por um patriarca e seus *famulus*: esposa, filhos, servos livres e escravos.”.

AZEREDO (2020) chama a atenção para a lógica de pertencimento no sentido de propriedade que evocam os sentidos expostos. Friedrich Engels, em seu livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cita o seguinte:

Qual é a forma mais antiga e mais original da família que encontramos e que podemos provar inegavelmente na história, e ainda hoje estudar aqui e ali? O casamento grupal,

a forma em que grupos inteiros de homens e grupos inteiros de mulheres se possuem mutuamente e que deixa pouco espaço para o ciúme (ENGELS, 2018, p. 63).

ENGELS (2018) acreditava que devido à complexidade do casamento grupal, houve uma exclusão gradual da parentalidade consanguínea nas relações sexuais, concebida a partir da mulher, único modo, até então, de terem certeza da consanguinidade. Primeiro, foram excluídas relações entre pais e filhos e depois entre irmãos, primos e demais parentes, até se instituir o casamento do par, homem e mulher. O que nos permite compreender todo o projeto de domínio e controle sobre a mulher como garantia de herança genética, de bens e procriação. Sobre isso, vejamos:

Famulus designa o escravo doméstico e familiar, é o conjunto de escravos que pertencem a um homem. (...) Marx acrescenta: “A família moderna contém em seu cerne não só a escravidão (*servitus*) mas também a servidão feudal, (...) A fim de assegurar a fidelidade da mulher e, portanto, a paternidade dos filhos/filhas, a mulher é submetida incondicionalmente ao poder do homem: quando ele a mata, está apenas exercendo seu direito (ENGELS, 2018, p. 91, 92).

Esse trecho endossa o anteriormente mencionado, a respeito da perspectiva do conceito de família, sob um viés de pertencimento. O que se entende por família determina ao sujeito e ao seu grupo aquilo que podem ou devem fazer/proceder com o seu parente e/ou consigo em relação ao núcleo familiar. Fazer um breve passeio sobre uma teoria a respeito de uma constituição de família, nos proporciona, no mínimo, a ciência de que não é uma instituição natural (pré-determinada) e nem estática (imutável).

Em toda a história humana, encontramos diversas configurações de famílias: umas poligâmicas, outras monogâmicas, outras patriarcas e outras matriarcas. Famílias monoparentais e outras tribais. Algumas determinadas estritamente pela linhagem sanguínea, como famílias reais, e outras, pelos afetos (como a adoção). Essa pesquisa buscou relacionar e compreender a constituição familiar de seus entrevistados a partir de suas redes de afetos no processo de criação de tornar-se pessoa, ou seja, constituir-se sujeito.

A família cristã evangélica não é hegemônica, posto que, nem mesmo o que podemos entender como família é hegemônico. A religião cristã tampouco é hegemônica (quanto às crenças e práticas) e nem mesmo as denominações evangélicas o são. Mas então que família cristã evangélica será a dessa pesquisa?

MACHADO e PICOLLO (2010), em pesquisa sobre religiões e sexualidades, sinalizam que no seguimento evangélico pentecostal há uma dificuldade em aceitar pessoas LGBTQIA+ em seus cultos, inclusive de debater a temática. Em virtude disso, esta pesquisa optou em recortar esse segmento. Ainda, para compreensão do que significa uma família

inserida no pentecostalismo na Baixada Fluminense, cito o trecho a seguir:

Neste grupo são consideradas todas as igrejas que crêem em tipos de manifestações espirituais (milagres, curas, dons de línguas, profecias, entre outros dons), normalmente são associados ao dom de glossolalia – “línguas espirituais” ou popularmente chamada de “língua dos anjos” (ROCHA, 2019, p. 2668).

Se um poder de referência de uma liderança religiosa já possibilita inscrever comportamentos religiosos aos seus liderados, como deve inscrever a crença em orientações proféticas, milagrosas e/ou sobrenaturais sobre a legitimidade das descrições comportamentais inscritas por essas lideranças pentecostais aos indivíduos e/ou às suas famílias?

PESSOA (2017) sinaliza, em sua dissertação, que há uma dificuldade enorme em estudarmos a família. Além de uma infinidade de sentidos, o conceito familiar exige delimitação de temas que complexifica a pesquisa, portanto, a pretenção é fazer um breve apanhado conceitual do que chamaremos de “modos de ser” para compreensão da tríade família-cristã-evangélica. Mas, em meio aos seus muitos modos de ser, e em virtude da necessidade de delimitação, ressalto que esta pesquisa acolhe o conceito de família como “alicerce de identidade” (SARTI, 1999, p.100).

Independente de suas consanguinidades e até mesmo sexualidades, identidades de gêneros e relações parentais, a partir dos afetos, uma família poderá constituir-se de múltiplas formas, não se restringindo a uma lógica cis heteronormativa, binária e/ou conjugal. É muito preciosa essa compreensão de constituições familiares, visto que, a diversidade familiar tem sofrido ataques de setores fundamentalistas religiosos setorizados nas instâncias legislativas brasileiras, como aqueles que defendem o “Estatuto da Família” que, entre outras causas, advoga pela concepção única de família constituída apenas por um homem e uma mulher (cisgêneros).

Segundo MACHADO (2006), o modelo católico de família no Brasil durante todo o século XX, foi considerado o ideal de família cristã. Segundo a autora, ainda hoje a noção de família está associada à função reprodutiva. Sobre o Estatuto da Família, Nagamine e Barbosa (2017) salientam:

Sem negligenciar a heterogeneidade de instituições e lideranças religiosas, de um lado, e do movimento LGBTT, de outro, observamos que, no Brasil, os embates entre esses dois grupos de atores políticos têm encontrado um terreno particularmente fértil na Câmara dos Deputados. (...) A influência de atores políticos religiosos no debate sobre o Estatuto da Família na Câmara dos Deputados recoloca, assim, em discussão as relações entre religião, direitos e secularismo na democracia brasileira (NAGAMINE, BARBOSA, 2017).

Nesse sentido, para a efetivação desta pesquisa, é necessário entendermos que família configura-se para além de uma idealizada composição familiar, que sendo sócio histórica, neste momento, na Baixada Fluminense e no Brasil, está atravessada pela cultura cristã, que a idealiza aos exemplos de Jesus, Maria e José (HONORATO, 2016, p. 57), explicitando que não podemos esquecer, portanto, que não é irrelevante que a cosmologia cristã católica é marcada por uma família original, a “Sagrada Família”, trazendo-nos à reflexão do como somos submetidos a esse ideário familiar.

Sobre as diversas formas de opressões, quase sempre subjacentes a essas lógicas binárias, é válido debruçarmos sobre as seguintes colocações:

(...) os dogmas em torno do sexo e da sexualidade estão sendo desconstituídos a partir de um novo olhar sobre as sexualidades, (...). Assim, surgem novas nomenclaturas, e um novo vocabulário, que veiculam novos significantes para traduzir a realidade de corpos que reivindicam uma existência e visibilidade em busca de um lugar ao sol, ou seja, de que todas as pessoas, com suas variadas e variantes sexualidades, tenham a mesma dignidade dos que vivem no binarismo homem e mulher (PEREIRA, s.d., p.1).

É relevante destacar um trecho comumente evocado a respeito da família patriarcal cristã, na primeira carta do apóstolo Paulo a Timóteo, que diz o seguinte: “ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade, pois se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus” (I Timóteo 3: 4,5).

Embora o texto se refira àquele que deverá assumir os cargos de bispo ou diácono, é muito comum a evocação deste trecho como um ideal de gestão familiar cristã, podendo ser comprovado em seus programas de televisão ou rádio. O que também é paradoxal, se comparado à cultura cristã católica, aos bispos é negado o direito à constituição tradicional de família – constituição essa que não é natural, porém, construída.

Dito isso, ainda para colaborar com a reflexão sobre essa instituição familiar evangélica, evoco um trecho de Weber, que aponta o protestantismo evangélico para além de um movimento religioso, mas também político e econômico, sendo, então, colaborador do desenvolvimento do capitalismo. O autor ainda ressalta que os protestantes evangélicos se destacam a partir de uma educação mais técnica e atividades profissionais ligadas ao comércio e à mão de obra especializada nas indústrias. Tudo isso associado à ideia de que “o trabalho os aproxima de Deus”.

Entre tantas doutrinas cristãs, Weber (2001) aponta a calvinista como modeladora do capitalismo, enquanto MOREIRA (2019, p. 59) salienta que o enriquecimento passou a ter um

novo significado. Socialmente, ele é representado como uma espécie de resposta ou benção de Deus para com o homem que o almejar e se esforçar para alcançá-lo através do trabalho (o enriquecimento).

Diante do exposto, considerando a historicidade de uma relação divinizada entre trabalho e renda, é importante frisar, para uma profunda reflexão de fenômenos familiares cristãos perante a homossexualidade de seus filhos, o quanto o ato de expulsar o filho de casa em virtude de sua homossexualidade pode ser um reflexo dessa cultura que chamarei de “divino-financeira”, em que a ideia de “manter o pecado do filho” sob seu teto poderá atrair maldição financeira para sua casa e/ou significaria usar as “bênção de Deus” (suprimentos financeiros) para sustentar o pecado (seu filho não heterossexual).

CAPÍTULO III - AUTOCUIDADO

TE DESEJO VIDA

Eu te desejo vida, longa vida
Te desejo a sorte de tudo que é bom
De toda alegria, ter a companhia
Colorindo a estrada em seu mais belo tom

Eu te desejo a chuva na varanda
Molhando a roseira pra desabrochar
E dias de sol pra fazer os teus planos
Nas coisas mais simples que se imaginar
E dias de sol pra fazer os teus planos
Nas coisas mais simples que se imaginar

Eu te desejo a paz de uma andorinha
No vôo perfeito contemplando o mar

E que a fé movedora de qualquer montanha
Te renove sempre e te faça sonhar

Mas se vier as horas de melancolia
Que a lua tão meiga venha te afagar
E que a mais doce estrela seja tua guia
Como mãe singela a te orientar

Eu te desejo mais que mil amigos
A poesia que todo poeta esperou
Coração de menino cheio de esperança
Voz de pai amigo e olhar de avô
Coração de menino cheio de esperança
Voz de pai amigo e olhar de avô

(WENCESLAU, F. 2010)

Ao pesquisar sobre autocuidado, tornou-se perceptível a prevalência da produção acadêmica sob o escopo da enfermagem, em perspectivas que prevalecem sua relação com doenças crônicas e/ou envelhecer/envelhecimento, majoritariamente se referindo a um cuidado de quando já há dano à saúde e busca-se contê-lo e/ou reabilitar o sujeito. No entanto, nesta dissertação, vislumbra-se compreender o autocuidado como preservação e manutenção da própria existência, independente da condição de doença e/ou velhice, mas não as excluindo.

Por essa razão, a partir do aprofundamento em artigos que versam sobre o tema, foi possível entender que autocuidado pode ser compreendido sob uma perspectiva biomédica ou sobre uma perspectiva mais existencial, como decorrerá brevemente nos seguintes subtópicos deste capítulo.

3.1 AUTOCUIDADO NA PERSPECTIVA BIOMÉDICA

Ao decorrer dos anos, a população brasileira e mundial tende a ampliar sua expectativa de vida (tempo de vida após o nascimento), de tal modo que, com o desenvolvimento das biotecnologias (como vacinas, medicamentos, exames avançados, medicamentos e cirurgias

tecnológicas), tem auxiliado o prolongamento da vida orgânica humana, como aponta o trecho a seguir:

O Brasil, com 214 milhões de habitantes em 2023 (segundo a ONU), tinha uma expectativa de vida de 48,1 anos em 1950, chegou a 75,3 anos em 2019, caiu para 72,8 anos em 2021, subiu para 76,2 anos em 2023 e deve alcançar 88,2 anos em 2100. (*Portal do Envelhecimento e Longeviver*, 07/03/2023).

Prolongar a vida orgânica significa a manutenção do corpo vivo, mas, no entanto, temos uma projeção do aumento do suicídio na população brasileira, que nos permite questionarmos como tem sobrevivido, existido, esse brasileiro, como expresso a seguir:

Os resultados demonstram um aumento consistente nas taxas de mortalidade por suicídio nos últimos 10 anos, com destaque (...) para o aumento nas taxas de suicídio de jovens. (...) As evidências têm demonstrado ainda maiores riscos de suicídio entre grupos em situação de maior vulnerabilidade, como migrantes e refugiados, população LGBT e povos indígenas. (*Ministério da Saúde*, 2021, p. 7).

As enfermeiras NEVES e WINK (2017) refletem que, apesar de todo o avanço tecnológico e científico, especialmente da enfermagem, como a profissão do cuidar, pouco se tem feito no sentido de melhorar o processo de viver humano. Salientam que os conceitos e as práticas de autocuidado têm prevalecido a noção de cuidado com o corpo físico, enfatizando apenas suas necessidades orgânicas básicas como alimentação, excrementos, higiene física, exames médicos e sanitarismo. Excetuando-se, portanto, de outras necessidades que impactam ou mantêm a sanidade do corpo. O que podemos considerar em virtude do recorte temático e populacional desta pesquisa, o direito ao gozo. E para melhor compreensão dessa concepção cito trechos do Estatuto da Juventude – pouco ou nada conhecido pela juventude brasileira, no que se refere ao direito à saúde, e farei breves reflexões a respeito:

Art. 19. O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral (*Estatuto da Juventude*, 2013).

Esse primeiro trecho que se refere à saúde da juventude está em consonância com o que preconiza a *Organização Mundial da Saúde* (OMS) que, em 1946, definiu saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade” (Ministério da Saúde, 2020), o que não é uma opinião hegemônica, visto que em sua publicação *O Conceito de Saúde*, os autores SEGRE e FERRAZ (1997) questionam, no

trecho adiante:

Questiona-se a atual definição de saúde da Organização Mundial da Saúde: “situação de perfeito bem-estar físico, mental e social” da pessoa, considerada ultrapassada, primeiramente, por visar a uma perfeição inatingível, atentando-se às próprias características da personalidade. Menciona-se como principal sustentação dessa ideia, a renúncia necessária a parte da liberdade pulsional do homem, em troca da menor insegurança propiciada pelo convívio social. Discute-se a validade da distinção entre soma, psique e sociedade, esposando o conceito de homem “integrado”, e registrando situações em que a interação entre os três aspectos citados é absolutamente cristalina (SEGRE; FERRAZ, 1997).

Nesses termos, pensando a partir desses autores, em consonância com as enfermeiras supracitadas, é possível inferir como imprescindível ao autocuidado uma perspectiva multidimensional, sem, contudo, desconsiderar a dinâmica individual de cada sujeito e suas condições de liberdade de ação sobre si e sua realidade.

Quando tratamos sobre jovens homossexuais, por exemplo, que performam historicamente entre as maiores vítimas de infecções sexuais, podemos refletir no âmbito do direito à prevenção e o quanto nossa sociedade lhes tem garantido esse acesso, esse “direito ao gozo” em manutenção de sua saúde integral. Ainda, para maior elucidação dessas questões, sigamos no próximo artigo:

Art. 20. A política pública de atenção à saúde do jovem será desenvolvida em consonância com as seguintes diretrizes:

- I - Acesso universal e gratuito ao Sistema Único de Saúde - SUS e a serviços de saúde humanizados e de qualidade, que respeitem as especificidades do jovem;
- II - atenção integral à saúde, com especial ênfase ao atendimento e à prevenção dos agravos mais prevalentes nos jovens;
- III - desenvolvimento de ações articuladas entre os serviços de saúde e os estabelecimentos de ensino, a sociedade e a família, com vistas à prevenção de agravos. (Estatuto da Juventude, 2013).

Um fato que ilustra o impacto do autocuidado na vida de jovens cis gays, por exemplo, é a falha na política pública de prevenção combinada, quando nos postos de saúde não há disponível gel lubrificante, sendo essa uma “especificidade” desses jovens quando falamos de suas relações sexuais penetrativas. Portanto, podemos questionar quantas vezes algum de nós aprendeu na escola sobre saúde sexual? Se aprendemos, quantas vezes fomos abordados a prática segura de sexo entre pessoas do mesmo sexo?

Para WINK e NEVES (2007), o comportamento de autocuidado à saúde foi definido como aquelas ações que os indivíduos desempenham, de forma deliberada, responsável e eficiente, em seu próprio benefício para promover, manter e restaurar a saúde. Mas, contudo,

pensar no autocuidado não deve acontecer sem antes pensar nas possibilidades de autocuidar-se. O que, como exposto, perpassa caminhos individuais, coletivos, legais, ecológicos e até mesmo espirituais, como acrescentam as pesquisadoras:

Finalmente, autocuidado para mim significa ir além de assumir cuidados com a alimentação, exercícios físicos e exames periódicos de saúde, tão bem atendidos pela medicina ortodoxa e que a enfermagem comumente se ocupa. Há de se sair do modelo biomédico e se adentrar além do físico, nos planos mental, emocional, espiritual e energético, para ser inteiro (WINK; NEVES, 2007).

A crença religiosa, a espiritualidade ou ateísmo, compõem a conjuntura existencial humana. Sobre isso HOGA (1993), em seu relato de caso sobre a influência religiosa no autocuidado de uma de suas pacientes, declara que “o transcorrer da interação revelou que o sagrado ocupa um lugar importante nas decisões desta cliente em relação à sua saúde” e acrescenta:

No exercício dessa prática tenho observado que as crenças e valores da população atendida são marcantes na sua conduta em relação à sua saúde. Muitas foram as experiências com relação a influência da cultura sobre as condutas em relação à saúde, porém chamou-me a atenção a predominância do fator religioso em muitas das mulheres atendidas (HOGA, 1993).

A autora ainda orienta a importância de se conhecer a cultura religiosa da pessoa assistida, apostando que é o que possibilitará possíveis negociações culturais no estabelecimento do autocuidado. De tal modo que se torna importante articular com uma das mais atuais resoluções de orientação da prática profissional da psicóloga(o) do Conselho Federal de Psicologia, que versa sobre o caráter laico da psicologia:

Art. 2º A psicóloga e o psicólogo, no exercício profissional, devem utilizar princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional, e considerar:

I - A laicidade como pressuposto do Estado Democrático de Direito, fundado no pluralismo e na garantia dos direitos fundamentais;

II - os aspectos históricos e culturais das experiências espirituais e religiosas;

III - a dimensão da religiosidade e da espiritualidade como elemento formativo das subjetividades e das coletividades;

IV - os aspectos históricos e culturais dos saberes dos povos originários, comunidades tradicionais e demais racionalidades não-hegemônicas presentes nos contextos de inserção profissional;

V - as vivências a-religiosas, agnósticas e ateístas de indivíduos e grupos.
(Resolução CFP Nº 007, de 06.04.2023).

Essa resolução torna-se um marco na garantia de direitos à saúde e ao autocuidado, quando na atuação das profissionais de psicologia e pareia com os conceitos mais atuais de

saúde e autocuidado. Um marco e referência importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, em virtude de seu recorte religiosos evangélico pentecostal e sua cultural associação da homossexualidade à “coisa do demônio” e à ideia da AIDS como o castigo de Deus sobre esses corpos.

3.2 AUTOCUIDADO NA PERSPECTIVA EXISTENCIAL

Chamo de perspectiva existencial do autocuidado o que FOUCAULT (1988) chama de “cuidado de si”. E para abordarmos esse tema é importante não esquecermos que o pensamento foucaultiano está atravessado por dois conceitos que organizam sua obra: o de biopoder e o de biopolítica (BUB, et al. 2006).

Por biopoder entende-se à captura do Estado sobre os corpos e seus determinismos sobre as formas de ser e estar no mundo, assim como de morrer. Sequestrando, assim, o direito e a subjetividade sobre o próprio corpo em sua vida e morte. Viver entra no campo do controle do saber e das intervenções do poder (FOUCAULT, 1988), o que torna propício relembrar que até o ano de 1990 da Organização Mundial da Saúde determinava a homossexualidade como doença:

Na época, ser homossexual era considerado doença. Foi só em 17 de maio de 1990, (...), que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (WELLE, 2020).

Desse modo, a Psiquiatria, a Psicologia, a Pedagogia e áreas afins, determinavam as formas de ser em consonância com a cisheteronormatividade da época, como expresso no antigo artigo, do ano de 1984, ainda intitulado com a palavra “homossexualismo” (referindo-se à doença, pois, de fato era considerado nessa época), que traz concepções que, hoje, seriam facilmente consideradas criminosas, mas foram perante elas que viveram e aprenderam os pais dos filhos que hoje pesquisamos, portanto, compreende-se como pertinente ao tema, esse breve apanhado histórico:

Porém, é preciso ficar bem claro que continuará existindo um código para homossexualismo na CID - instrumento estatístico para classificar causas de morte, diagnósticos de internação hospitalar e motivos de consulta — mesmo que contra isso continuem os movimentos, pressões e apoios. Somente deixará de existir quando não houver mais — em nenhum lugar do mundo — consultas motivadas pelo fato de ser homossexual. (LAURENTI, 1984).

Esta é uma concepção que considerava o sofrimento expresso daqueles que, com uma

Medicina e sociedade homofóbicas (embora não o fosse para legislação de sua época), sem, contanto, compreenderem e/ou reconhecerem esse fenômeno, que o sofrimento não estava em serem homossexuais, mas sim, naquilo que os faziam por serem homossexuais. Como exclusão social, calúnias, difamações e toda a sorte de morte social, parafraseando o conceito de morte civil de Herbert Daniel (s.d.):

Herbert Daniel criou o conceito de morte civil em consequência da AIDS, referindo-se à condição de pária em que a pessoa com HIV/AIDS é colocada, uma espécie de morte civil antes da morte física – refletindo um tipo de preconceito existente até hoje (ABIA, p. 6, 2019).

Esse fato não passou inerte aos homossexuais daquela época, como expresso no trecho destacado de Laurenti, quando faz referência aos “movimentos, pressões e apoios”, se referindo aos movimentos sociais que resistiram à patologização de si mesmos:

No Brasil, (...), começaram a surgir alguns movimentos nesse sentido, não só dos assim chamados "grupos gays", mas também pronunciamentos de algumas sociedades científicas começaram a se fazer presentes. (...) por parte de cinco Câmaras Municipais, todas de capitais de Estados e todas por unanimidade, (...) trezentos e nove políticos, (...) já haviam subscrito abaixo-assinado de apoio à moção de determinado "grupo gay" contrária ao "código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, adotada pelo Governo Brasileiro que qualifica a homossexualidade como desvio e transtorno mental". (LAURENTI, 1984).

Novamente o artigo expressa toda a movimentação e uso da liberdade para o cuidado de si em busca da garantia dos direitos civis e subjetivos, como direitos a serem reconhecidos como saudáveis, em detrimento da concepção de doentes vitais. O que já nos direciona ao conceito foucaultiano de biopolítica que tem como objeto o corpo múltiplo, implicado, relacional e a relação de poder entre o Estado e o sujeito – enquanto pertencente à população.

É a maneira de racionalizar os problemas com os quais o poder instituído tem de se confrontar em relação ao seu povo. Para FOUCAULT (2002), segundo BUB (2006), o “cuidado de si mesmo” supõe uma relação particular com a verdade e com o saber, mas também com a ação. Tem a ver com a liberdade de si para a liberdade de ser o que se é. Para tal, faz necessário conhecer a si para que tenha a ação. Ainda que, para isso, signifique confrontar as normativas biopolíticas e bio poderosas.

Como é possível apreender com Foucault, autocuidado está diretamente relacionado às condições de liberdade. Sendo necessário, para aprofundar o conceito, imergir no seu sentido – nos seus significados - de “liberdade”. É primordial compreender que, para Foucault, a

liberdade não é inata e nem uma condição da natureza humana. Pelo contrário, é construída e existe a partir das constituições sociais e históricas, o que, aliás, para Foucault não é uma “natureza humana”, pois alinha-se ao princípio existencialista de “vir a ser”, onde ninguém é algo “dado” e sim é o que se constrói e se torna em um constante processo de transformação onde a liberdade de si possibilita esse processo. A seguir, este trecho reflete sobre o exposto:

Conhecer o homem é compreender suas relações com outros homens e com o mundo em que ele vive. Não se trata de descobrir verdades intrínsecas inscritas em sua natureza. (...) baseia-se no fato de Foucault também negar a existência de verdades universais. Não se trata, de modo algum, de descobrir uma verdade pré-existente no mundo. Para Foucault, toda verdade é histórica; produto da relação entre o homem e o mundo; resultado das práticas discursivas e das relações de poder de um determinado contexto (GONÇALVES, 2012).

O autor sublinha que para Foucault aquelas ideias que comumente são dadas como uma verdade natural/universal são, no entanto, o que se inscreve a partir de forças dominantes que frequentemente se transtornam em dogmas, verdade absolutas e, no caso do recorte dessa pesquisa, podemos falar até mesmo em “vontade de Deus”, de tal modo que, “a liberdade insere-se neste contexto como a possibilidade de recusar estes dogmas, nos livrando das restrições que elas produzem em nossas vidas”, afirma GONÇALVES(2012).

A partir disso, depreende-se que o poder só pode incidir sobre pessoas livres e livres para não fazer, para não crer, para não se submeter. Não havendo, portanto, relação de poder onde não haja essa liberdade, de não ser/não fazer; é como reflete GONÇALVES (2012), “para que exista poder é necessário que tenhamos sujeitos (individuais ou coletivos) que tenham diante de si um campo de possibilidades onde possam ter diferentes tipos de condutas, reações e comportamentos”.

Para as concepções de Foucault sobre poder e liberdade, o mesmo compreende que não existem relações de poder que se perpetuem. As micro e macro liberdades, ao longo de gerações, corrompem as estruturas de poder, como citado no trecho:

A liberdade abordada neste artigo é a liberdade dos seres humanos de criticar, resistir e desobedecer a tudo aquilo que lhes é imposto, tudo aquilo que lhes sufoca; e construir novas situações históricas, baseadas mais em práticas de liberdade do que em práticas coercitivas; negando que estas situações coercitivas sejam necessárias, inevitáveis ou indestrutíveis (GONÇALVES, 2012).

O filósofo salienta que a libertação é a condição política para a prática de liberdade. De tal modo que “a libertação se refere à ideia de que é preciso libertar o homem daquilo que lhe foi imposto para que ele possa encontrar o que ele realmente é em sua essência”.

(GONÇALVES, 2012).

Embora Foucault recuse a ideia de essência, podemos compreender como a possibilidade de tornar-se “o que se é”, ainda que esse “ser” seja compreendido como um “constante vir a ser” um “ser não estático” e sim aberto a “atualizações existenciais”. Portanto, conclui-se que “para existirem práticas de liberdade é necessário, antes de tudo, nos libertarmos dos estados de dominação que as oprimem”. (GONÇALVES, 2012).

E é sob essa perspectiva que se debruça este trabalho, com o objetivo de compreender o autocuidado nas histórias de vida de jovens cis gays, criados por familiares evangélicos pentecostais na Baixada Fluminense. Dito isso, a seguir, pretendemos retomar e articular reflexões sobre o autocuidado, cuidado de si, a partir de concepções de Kierkegaard e Carl Rogers, pertinentes a este tema, de tal modo que possa subsidiar a compreensão/análise das experiências de vida e perspectivas de autocuidado dos nossos colaboradores entrevistados.

3.3 CONTRIBUIÇÕES DE KIERKEGAARD

Soren Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo dinamarquês, considerado o precursor da Filosofia Existencial, de tal modo que GARANVETA (2006) o aponta como o primeiro pensador a ocupar-se com o conceito de angústia – tema este que selecionamos para brevemente discutir e pensar a relação do autocuidado (não esgotamos todas as suas concepções de angústia, mas aquelas que entendemos urgentemente dar conta do que se pretende analisar em histórias de vida).

Embora as concepções kierkegaardianas sejam mais vastas, nos valerá esse recorte para pensarmos essas existências historiografadas, visto que a partir da compreensão supracitada de que é necessária a condição de liberdade para o cuidado de si, análogo à essa concepção temos à de Kierkegaard, que compreende a angústia humana como “a angústia da liberdade”, que o indivíduo experimenta quando decide dar-se uma identidade, imprimir uma direção precisa à sua vida, escolher a si mesmo (GARANVETA, 2006), e acrescenta:

Uma angústia que Kierkegaard define também como “angústia do nada”, enquanto o indivíduo, no momento da escolha, encontra-se defronte ao seu nada, àquilo que ele não é ainda (já que só será “alguma coisa” quando tiver feito a escolha). O homem pecador encontra-se, porém, acometido de uma “angústia do mal” (onde presta contas da culpa por ele cometida, da possibilidade sempre presente de cometê-la novamente, e das consequências eventuais e imprevisíveis do seu ato).
(GARANVETA, 2006).

Esse trecho tem a perspicácia de evocar o intransigente “ser ou não ser” transmutado

na realidade dos jovens gays em “a saída do armário”, fato este que OLIVEIRA(2019), salienta que, comumente, é acompanhado de muitas intempéries aos jovens gays e salienta que, embora possa haver uma “aceitação”, não deixa de ser através de muitas negociações, de tal modo, e muitas vezes são reiteradas opressões e sofrimentos aos recém “saídos do armário”, com frases como “eu te aceito, mas ao seu namorado não”, “você pode estar conosco mas ele não”, “eu te amo mas não amo o seu pecado”.

É possível apreendermos que o que “não é ainda” pode relegar a esse jovem a evitação desses conflitos, mas o dispõe à angústia de não ser e fazer sua escolha, é também uma condição ambígua, pois também está em sua possibilidade de escolha o armário. O que nos lança o seguinte dilema ético quando pensamos no cuidado de si: onde este jovem mais está cuidando de si? Dentro ou fora do armário?

Sobre o “armário” é pertinente destacar o quanto às sexualidades dissidentes (não cis heteronormativas) estão reservadas palavras e/ou jargões de animalidades e deméritos, como “veado”, “bicha” e “pavão”, destituindo, assim, o sujeito não cis heterossexual de sua humanidade e o submergindo à condição sub-humana, animal.

Estar “fora do armário” vem acompanhado de conjunturas sociais que interpelam a construção identitária desses sujeitos, trazendo para si um imaginário/simbolismo social inferiorizante. Sobre esses fatos, em sua obra *Reflexões sobre a questão gay*, ERIBOM (2008) cita:

“A linguagem os cerca, os encerra, os designa. O mundo os insulta, fala deles, do que dizem de si. As palavras da vida cotidiana tanto quanto as dos discursos psiquiátrico, político e jurídico, atribuem a cada um deles e a todos coletivamente um lugar – inferiorizado – na ordem social” (ERIBON, 2008, p. 75)

Ainda pensando nos conceitos kierkegaardianos referentes às angústias, temos a “angústia do mal”, atrelado à noção de pecado, o que atravessa impreterivelmente as histórias de vida neste trabalho.

Há um convite a pensar sobre essa angústia e o como quem se acredita “pecador” também se acredita merecedor da punição corretiva, em uma cultura em que há a crença popular de que quem ama cuida, e cuidar inclui corrigir o filho que ama, por exemplo, muitas vezes, justificam até mesmo o “bater para corrigir”, chamar a atenção, advertir, exortar (em uma linguagem cristã evangélica), com palavras e frases carregadas de anulações existenciais, como “não pedi você a Deus para isso” e “prefiro um filho bandido do que gay”.

Colaborando com este texto, OLIVEIRA (2016) explicita:

Filosoficamente, um indivíduo em pecado, de acordo com Kierkegaard, é um indivíduo que está, ainda, nadando nos mares do nada. Ele não se descobriu existente, (...), para ele, a vida se resume a um acordo entre fazer e receber. (...) sua própria individualidade institui-se como acidente deste próprio mundo. O homem paga com tédio por esse tipo de vida relativa, (...) que afeta a vida em sua significância mais absoluta (...) (OLIVEIRA, 2016. p.108).

No entanto, para o filósofo, o ato de decidir sobre si lança o ser humano na vastidão das angustiantes possibilidades é na possibilidade múltipla do ser, que também significa muitos “não ser” onde se encontra a angústia humana que ele chama de vertigem da angústia. Por isso, o cuidar de si, nessa perspectiva, inclui a consciência do que também se decide perder, não ser e/ou não ter.

Não é surpresa ressaltar que no caso de homens gays, muitas vezes, a perda é a do próprio seio familiar. O que produz angústia é, portanto, “o nada” que o indivíduo “é” no momento de estabelecer a síntese de tornar-se si mesmo, de dar-se uma imagem e uma identidade precisas (GARANVETA, 2006).

Uma das maiores contribuições de Kierkegaard para a filosofia foi sua teoria dos três modos de existência: o modo estético, o ético e o religioso. A seguir, abordaremos brevemente ao que se referem, para melhor compreensão.

– **Modo Estético:** “o primeiro modo de existir, a vida estética, caracteriza-se pela escolha que o indivíduo faz pelo prazer como centro e objetivo da sua vida. O lema dessa esfera da existência é “gozai a vida” (SILVA, 2007). A autora salienta, ainda, que após satisfazer seus desejos, o sujeito no modo estético parte em busca de novos prazeres sem se satisfazer, jamais havendo plenitude na satisfação mas uma infinitude de desejos, que é a angústia desse modo de existência: a busca pela felicidade. Mas, para o filósofo, há uma espécie de estafa do espírito humano que passa a desejar uma forma superior de apoderar-se de si como espírito, lançando-se ao segundo estágio.

– **Modo Ético:** para o autor, o princípio vital do estágio ético é o amor. Trata-se da condição humana que não se guia mais apenas pelo prazer mas pelo dever. Sem entender esse princípio, do amor, não se pode falar de ética propriamente dita, pois, nesse caso, o dever seria visto como algo exterior ao indivíduo (SILVA, 2007), experimentando, assim, tranquilidade e segurança, pois suas motivações não são externas, como por força, violência ou alguma ameaça, mas em si mesmo.

– **Modo Religioso:** a este o autor considera o mais sublime, pois o ser humano renuncia tudo em face do infinito que o filósofo chama de Deus. Portanto,

O que caracteriza esse estádio é o sofrimento e o temor, contudo, não se diz aqui de temor pelo destino, antes, “o que se deve temer é a falta”, pois o religioso quer acima de tudo vencer as vicissitudes da vida e ensinar a outros a não perder tempo temendo o destino. Aqui, é despertada também a compaixão, que faz com que o coração humano seja purificado de todo egoísmo. (SILVA, 2007, p. 25).

Ainda, nesta fase, Kierkegaard faz uma analogia com a motivação e atividade de Abraão, personagem bíblico que teria levado seu filho, Isaac, ao cume de um monte para o sacrificar a mando de Deus, refletindo no paradoxo dessa atitude. Visto que a criança, ao mesmo tempo que teria sido uma promessa de Deus, se tornou o sacrifício pedido pela divindade. Desse modo, para o pensador, tal atitude só poderia ser explicada pela fé.

Embora conceituados estruturalmente, essas fases se referem a condições existenciais, não havendo uma hierarquia entre elas. Não significa que um ou outro virá primeiro, podendo, assim, o estágio religioso se encontrarem na juventude, o estético na velhice e o contrário também. Elas não se hierarquizam, porém, não pode existir uma na presença da outra. E, para seu proponente, não é um fator externo que determina as fases existenciais pois essa escolha é pessoal. Para Kierkegaard o ser humano é temporal, porém, inclinado à eternidade como objetivo.

Novamente somos convidados a nos deparar com a necessidade da liberdade para a escolha e para o desenvolvimento da existência. A seguir também dialogaremos com Rogers e sua consideração positiva incondicional.

3.4 CONTRIBUIÇÕES DE CARL ROGERS

Carl Ransom Rogers (1902-1987) foi um psicólogo estadunidense que, embora mais conhecido como criador da teoria centrada no cliente, desenvolveu a teoria humanista da personalidade que surgiu a partir das suas experiências com a psicoterapia (FEIST, p.307, 2008), e sobre aquilo que de suas considerações faremos proveito, neste contexto, destaca-se:

Revolucionário em sua posição antiautoritária e anticonvencional na atuação em terapia, propôs como condições necessárias e suficientes para que uma mudança construtiva de personalidade ocorra: autenticidade ou congruência, compreensão

empática e Consideração Positiva Incondicional. (...) são essas as três condições que constituem o clima que facilita o desenvolvimento (ALMEIDA, 2009).

Quanto à **autenticidade/congruência**, refere-se à honestidade consigo mesmo e/ou nas relações, onde uma atitude autêntica envolve liberdade e respeito à singularidade do indivíduo e/ou de sua coletividade, podendo ser quem é e permitir que os outros sejam quem são, estabelecendo, assim, uma relação genuína entre as partes.

A **compreensão empática** é aliada da autenticidade e da consideração positiva, vislumbra despojar-se dos próprios preconceitos para alcançar no outro o que está e/ou é do outro, não se restringindo a captar/receber/perceber no outro aquilo o que seja uma projeção das nossas próprias expectativas e desejos sobre o que esperamos do outro. É abrir-se às possibilidades existências do outro, em atitude de sensibilidade e acolhimento.

Ainda, a **compreensão positiva incondicional** fundamenta-se na valoração do indivíduo como ser digno de confiança e respeito (ALMEIDA, 2009), e para AMATUZZI (2010), se refere ao valor do amor e proporciona a unidade e a procura por atrelar-se ao outro. Para melhor compreensão de seus conceitos, propomos um breve apanhado de seus pressupostos básicos:

Tendência Formativa: Rogers acreditava que existia uma tendência em todas as matérias – orgânicas e inorgânicas, para um processo evolutivo que ascende do mais simples ao mais complexo. Para corroborar com sua teoria, fez uso de exemplos como a formação das neves – que iniciam no estágio gasoso da água, as galáxias que teriam iniciado suas constituições a partir de massas simples e a consciência humana, que teria evoluído a partir de estruturas inconscientes primitivas para estruturas conscientes extremamente organizadas (FEIST; FEIST, 2008, p. 311).

Tendência Atualizante: Refere-se à tendência humana, animal e das plantas na busca de autorrealizar-se, o que seria, para o autor, nossa motivação precípua. Embora as pessoas compartilhem a tendência atualizante com plantas e outros animais, apenas os humanos têm o conceito de self e, assim, o potencial para a autorrealização. (FEIST; FEIST, 2008, p. 312). Um caminho rumo à completude, à realização dos potenciais: a necessidade e as satisfações das nossas necessidades básicas, como matar a fome ou a sede, a expressão das nossas emoções mais profundas e/ou até mesmo a plena aceitação de nós são exemplos dessa tendência atualizante, que também é holística/integral, que se compõe a partir de nossas dimensões psicossociais, orgânicas, ecológica, racionais e emocionais.

Na tendência atualizante há ainda a necessidade de manutenção e a necessidade de

expansão:

A **manutenção** refere-se à necessidade humana de conservação. Afinal, as mudanças e o crescimento podem ser dolorosos e assustadores, portanto, nesses casos, a manutenção do “status quo” permite à quem resiste a mudança um espaço/condição de conforto.

Na **expansão**, entre suas condições básicas ao que se manifesta, está a confiança na possibilidade do alcance de um bem-estar psicológico. Sentimentos de segurança, amizade, curiosidade e expansão também compõem o escopo. A necessidade de expandir o “self” é vista na disposição que o indivíduo tem para aprender coisas que a princípio não são gratificantes (FEIST; FEIST, 2008, p. 312). Ainda, para ampliar ainda mais este conceito, os autores apontam que:

Rogers afirmava que, sempre que a congruência, a consideração positiva incondicional e a empatia estão presentes em um relacionamento, o crescimento psicológico invariavelmente irá ocorrer. Por essa razão, ele referia-se a essas três condições como necessárias e suficientes para transformar um indivíduo em uma pessoa completamente operacional ou auto-realizadora. (FEIST; FEIST, 2008, p. 312).

Embora Kierkegaard apresente uma perspectiva mais individualista e autônoma de integração do “self”, em Rogers, as condições demonstram-se mais dependentes do meio social a que se insere o indivíduo. De tal modo que “bons afetos” potencializam à existência, enquanto os “desafetos” a despotencializam.

Compreender esses fenômenos a partir da teoria rogeriana é entender o quanto e como um ambiente acolhedor, seja na família, na escola e/ou em demais instituições sociais, potencializa o ser humano a explorar e expressar o melhor de suas habilidades e competências, enquanto o oposto às sabotam, desmantelam.

O Self e a autorrealização: A autorrealização é um subproduto da tendência atualizante, no entanto, enquanto esta se refere às condições mais orgânicas, aquela se refere às tomadas de consciência. Assim, quando há harmonia entre organismo e *self* percebido, o organismo tem uma tendência à realização. No entanto, quando há discrepância entre o que se sente e o que se percebe, é estabelecido conflito no processo de autorrealização (FEIST; FEIST, 2008, p. 312).

O Autoconceito está relacionado a todo arcabouço de consciência de um indivíduo. Quando o autoconceito está formado, a abertura às mudanças torna-se mais rígida. FEIST; FEIST (2008), sinalizam que um autoconceito estabelecido não possibilita mudanças, apenas às dificulta. Acrescenta, no entanto, que a mudança pode ocorrer em meio a um ambiente de

aceitação, onde, perante a esse ambiente, há a redução da ansiedade gerada pela impossibilidade do ser, que permite aos sujeitos reconsiderarem aquilo que outrora rejeitaram e, então, integrar ao *self*.

Consciência: a consciência é quem possibilita o autoconceito e o *self* ideal. Rogers utiliza esse conceito como sinônimo de simbolização e consciência (FEIST; FEIST, 2008, p. 314), faz referência ao arcabouço simbólico, não apenas verbal, que compõe a noção de si. Para a prática de autocuidado, fenômenos psicológicos que interfiram no processo de tomada de consciência, refletirão diretamente no cuidado de si. E se dar conta demanda até mesmo a compreensão de fatores simbólicos na consciência. Como compreender o que significa ser um jovem cis gay, compreender os atravessamentos simbólicos do ser negro, pobre e/ou periférico, por exemplo.

Tornar-se Pessoa: Para o psicólogo, para nos tornarmos pessoas, a “condição precípua” é o contato com outra pessoa, seja ele bom ou ruim. É apenas na relação com o outro que nos tornamos humanos. Rogers afirma que, a partir do momento que nos damos conta de que há apreço por nós, passamos a desejar sermos amados, desejados e aceitos pelos demais, ao que chamou de **consideração positiva** (FEIST; FEIST, 2008, p. 315), sendo esse um fator primordial para que a pessoa tenha uma consideração positiva sobre si mesma, de tal forma que, quanto mais a consideração positiva de si se estabelece, menos e/ou nada demandará da necessidade do amor alheio.

3.5 REFLETINDO O AUTOCUIDADO A PARTIR DE CARL ROGERS

Pesquisando as palavras-chaves “autocuidado, Carl Rogers” nas páginas de busca e pesquisas citadas nesta dissertação, não encontrei nenhuma produção que fizesse essa abordagem ou relação do autocuidado com a teoria de Carl Rogers. Por essa razão, propõe-se uma breve, porém significativa reflexão sobre o que é/ou como se dá o cuidado de si, a partir da noção de autocuidado apreendida na teoria rogeriana. Este ato reflexivo não pretende esgotar todas as concepções de autocuidado possíveis à teoria rogeriana, mas a colaborar com algumas das possíveis concepções.

Parece conveniente considerar que a condição primordial para o que chamarei de “autocuidado rogeriano”, dependa, indispensavelmente, da condição de liberdade anteriormente refletida em Foucault. A partir de então, aquele que deseja “autocuidar-se” precisa almejar sua autenticidade, ser congruente consigo mesmo, com aquilo que é e como demanda sua existência

através do entendimento e aceitação de que o outro é e quem é, enquanto também se permite ser quem é, a partir das suas perspectivas, enquanto permite aos outros serem quem são.

Para alcançar sua congruência, demonstra-se necessária a compreensão/aceitação de si independente da aceitação do outro. De tal modo que a famosa “oração da gestalt”, de Fritz Perls, parece elucidar notoriamente essa concepção a partir do momento que considera a importância de reconhecer que aquilo que é e está no outro não é da nossa competência de mudança, nem mesmo carece da obrigatoriedade do outro mudar para nosso agrado e conforto, como pais e mães homofóbicos, por exemplo:

Eu sou eu, você é você. Eu faço as minhas coisas e você faz as suas coisas. Não estou neste mundo para viver de acordo com as suas expectativas. E nem você o está para viver de acordo com as minhas. Eu sou eu, você é você. Se por acaso nos encontrarmos, é lindo. Se não, não há o que fazer. (PERLS, 1976).

O caminho da aceitação incondicional de si mesmo não é ascético, desprovido de conflitos e dificuldades. Considerando o desejo e o prazer humano de se sentir desejado, aceito e amado como se é, especialmente por aqueles que social e culturalmente são naturalizados esses sentimentos (pai, mãe e familiares), seria ingênuo pensar que esse passo para o cuidado de si seria desprovido de desconforto quando em condições de discriminação e desprezo familiar. No entanto, ROGERS (2009) nos convida à compreensão de que “sou mais eficaz quando posso ouvir a mim mesmo aceitando-me, e quando posso ser eu mesmo”.

Por fim, parece que para um autocuidado em Rogers, haverá inevitavelmente uma ruptura com o que o autor sinaliza como “condição de valor”, o que FEIST e FEIST (2008) descrevem como a “percepção de que seus pais, colegas ou parceiros as amam ou as aceitam apenas se elas satisfizerem suas expectativas e condições de aprovação”, ou seja, uma valorização condicional.

Assim, rompendo com essa “rede de condicionantes”, a pessoa, para cuidar de si, já o faz em sua ruptura, desenvolvendo, a partir de então, sua autovalorização incondicional, percebendo o valor em si e para si, independente daquilo que julgam nela ou para ela, percorrendo, enfim, sua jornada existencial, autêntica e carente de si mesma, estabelecendo uma rede social que lhe seja nutritiva, afetiva e amorosa, enquanto uma rede social que também lhe aceite incondicionalmente como é.

CAPÍTULO IV – HISTÓRIAS DE VIDA

A Lógica da Criação (Montenegro, OSWALDO. 2013)

O mérito é todo dos santos
O erro e o pecado são meus
Mas onde está nossa vontade
Se tudo é vontade de Deus?

Apenas não sei ler direito
A lógica da criação
O que vem depois do infinito
E antes da tal explosão?

Por que que o tal ser humano
Já nasce sabendo do fim?
E a morte transforma em engano
As flores do seu jardim

Por que que Deus cria um filho
Que morre antes do pai?
E não pega em seu braço amoroso
O corpo daquele que cai

Se o sexo é tão proibido
Por que ele criou a paixão?

E a mim que sou tão descuidado
Não resta mais nada a fazer
Apenas dizer que não entendo
Meu Deus, como eu amo você!

Se é Ele que cria o destino
Eu não entendi a equação

Se Deus criou o desejo
Por que que é pecado o prazer?
Nos pôs mil palavras na boca
Mas que é proibido dizer

Porque se existe outra vida
Não mostra pra gente de vez
Por que que nos deixa no escuro
Se a luz Ele mesmo que fez?

Por que me fez tão errado
Se Dele vem a perfeição?
Sabendo ali quieto, calado
Que eu ia criar confusão

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Pesquisar pelo método histórias de vida é também aproximar dos sujeitos da investigação. Envolve o pesquisador abster-se de qualquer condição asséptica de acadêmico e envolver-se, deixar-se afetar e ser afetado, acolhendo o tecer da história. Este trabalho só é possível ser construído através do estabelecimento de um contato de confiança onde os entrevistados possam se sentir à vontade para serem quem são e como são, de tal modo que suas vivências sejam acolhidas e compreendidas como elas foram e continuam sendo. Por essa razão, especialmente, os colaboradores entrevistados foram captados por intermédio de uma rede de contatos de amigos em comum, onde foram compartilhados os perfis e propostas desta pesquisa e, por identificação, esses jovens cis gays se voluntariaram, entrando em contato.

No total, foram quatro jovens cis gays entrevistados durante um período de um mês. Após ser compartilhado em grupos de WhatsApp e demais redes sociais o perfil almejado para entrevistas, prontamente muitos jovens fizeram contato. Dentre eles, muitas mulheres lésbicas, mas lhes foi explicado com mais detalhes o perfil almejado neste momento. As idades desses jovens variam entre 23 e 29 anos, sendo brancos e pardos; a metade deles cursa o Ensino Superior e a outra possui o Ensino Médio completo; todos moram com seus familiares e ainda não possuem autonomia financeira. Cada um reside em uma diferente cidade da Baixada Fluminense, a saber: Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo e Nilópolis. Um traço em comum e importante de ressaltar é o fato de que a maioria dos entrevistados foram criados por lideranças religiosas evangélicas pentecostais como pastores, presbíteros, missionárias e diáconos, embora não compusesse o perfil primordial almejado para esta pesquisa.

No que tange à coleta de dados, foi permitido aos participantes falarem livremente de suas histórias de vidas e percepções sobre elas a partir de um roteiro semiestruturado para exprimir a abordagem de alguns aspectos entendidos como primordiais a responder aos que inquire esta pesquisa. As entrevistas aconteceram na cidade de Nova Iguaçu – RJ, no consultório psicológico do pesquisador, como preferido pelos mesmos (foram ofertadas outras possibilidades de encontro).

Iniciou-se com o acolhimento do entrevistado para que se sentisse confortável e à vontade. Após iniciarmos as questões e serem respondidas, sempre era perguntado se desejavam acrescentar, abordar algo mais e/ou de modo diferente.

Uma linguagem mais coloquial e com gírias da cultura LGBT também foram

empregadas, a fim de ampliar a interlocução e o *rapport* (relação) para o encontro com suas histórias de vida. Embora não houvesse um tempo limite para as entrevistas, cada uma seguiu uma média de trinta minutos.

Na análise do conteúdo das entrevistas, o recurso será o conceito de saturação de material (TINOCO, 2007). Para tal, foram selecionados trechos onde se repetem experiências, ideias e opiniões dos entrevistados – o que nos auxiliará a compreendermos como se dá o processo de se construírem pessoas cis gays em meio à suas famílias. Esses conteúdos foram agrupados por categorias temáticas inspiradas nas perguntas semiestruturadas, conforme descritos adiante.

4.2 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar o conteúdo de suas narrativas, foi possível encontrarmos fatos em comum na autopercepção de suas histórias, dentre eles, o de não terem sido livres para serem quem eram e/ou como eram. Eis alguns relatos que reiteram esse entendimento, os quais chamarei de “protótipos”, visto que, ao que parece, seus pais os desejavam como a um protótipo de suas projeções aos seus filhos, ao invés de seus filhos como realmente eram:

Eu cresci ouvindo que gay iria para o inferno, que Deus não gostava, desde pequeno eu sempre soube que eu era diferente, nem eu mesmo me aceitava; eles tinham rituais, dias de oração, que eles pegavam todos nossos brinquedos e queimavam o que eles julgavam ser do demônio, eles queimavam nossos brinquedos. (2022, informe verbal de Will, 29 anos).

Uma coisa que era proibida era ouvir música que não fosse cristã. O dia que eu contei que eu tava ouvindo uma música (*era Halo, da Beyoncé*), o meu pai berrou comigo de gritar, de falar um monte de coisa que tava querendo: “trazer coisa pra minha vida, que não era de Deus, que tinha que tá satisfeito com coisas que Deus queria pra mim”, coisas do tipo. (2022, informe verbal de Edu, 25 anos).

Sempre fui apaixonado por carros, mas também gostava de bonecas, e sendo pego brincando de boneca eu escutava comentários como “isso é coisa de menina”, “tenha modos”, “isso é coisa de marica”, “tenha modos”, “tenha decência”, “toma tenência”. Eu escutava muitas vezes do meu pai, e piadas de alguns parentes. (2022, informe verbal de Benjamin, 25 anos).

Eu passei a saber o que é ser gay quando eu comecei a ser repreendido já na infância, tipo: “não fala assim, não anda assim, não tenha esses trejeitos que isso é coisa de veado, não seja assim”. E aí eu consegui, nessa característica que eu já tinha, de introspecção, timidez, acentuar isso pra meio que... ficar invisível! (2022, informe verbal de Pedro, 23 anos).

Como foi possível aferir nos relatos supracitados, o ser/existir/fazer desses jovens foi rotineiramente enquadrado em uma forma predeterminada de ser preconizada por uma visão sobre o ideal do “como é ser homem”, “ter jeito de homem”, assim como, em um determinismo de gostos, sobre o que é santo (de Deus) ou profano (do mundo, do Diabo), o que os distanciou da congruência preconizada por Rogers, visto ter havido um aviltamento à autenticidade desses jovens.

Ainda quando perguntados sobre como foi crescer e se tornarem quem são em meio a família que foram criados, de sua infância até hoje seguem alguns relatos, os quais chamaremos de “cervos de cristo”, como trocadilho e analogia ao termo “veado/cervo” (usada como ofensa a homossexuais) e ao termo “servo de cristo” (utilizado por cristãos para se referirem a membros tradicionais de suas congregações religiosas), visto que, nestas histórias a seguir, tentaram impor a condição de servos àqueles a quem temiam estar na condição de “cervos”:

Eu escrevi homossexualidade num papel escondido nesses congressos que nos obrigavam a ir, para jogar na fogueira coisas que você queria tirar da sua vida, e joguei numa fogueira. Como reflexo disso, hoje em dia eu me vejo um adulto de 29 anos, frustrado, que não sabe o que quer. Tenho medo de várias coisas, e até hoje eu percebo em mim os reflexos disso. (2022, Will, 29 anos).

Eu lembro que quando era criança, até cantava na igreja. Então, hoje em dia eu me sinto... eu paro pra olhar e fico, tipo, nossa... eu ficava sendo exibido como se eu estivesse num circo, “olha lá que bonitinho a criança que canta “musiquinhas pra Jesus”, entendeu? Ele me levava (meu pai), eu cantava, ele pregava, enfim... (2022, Edu, 25 anos).

Minha mãe deprimiu quando soube que meu irmão é gay, ficou meses sem falar com ele; ele fez aniversário e ela nem olhou pra cara dele... eu nunca passei por esse processo, porque quando me assumi, meu irmão já tinha dois anos de assumido e ele vinha tentando mostrar pros nossos pais e parentes que ele não era algo errado... (2022, Benjamin, 25 anos).

Foi um processo difícil, muito interno, inclusive acho que isso atrapalhou muito uma parte da minha vida, até hoje... foi uma forma que eu encontrei de me livrar de determinadas agressões (internalização), entendeu? Eu não tive nenhum referencial de LGBT na minha família, eu sou o único, então, foi difícil pra mim. (2022, Pedro, 23 anos).

Nesses últimos relatos é possível observar o movimento de busca por aceitação social e familiar enfrentado por esses jovens em seu processo formativo, enquanto despontam no desejo de serem autênticos, o que dialoga com a tendência atualizante onde ainda há necessidade de manutenção e necessidade de expansão. A manutenção invoca a necessidade humana de conservação em virtude de que tais mudanças possam ser dolorosas e assustadoras.

Há também um apelo e/ou entendimento de que alguma representatividade LGBT no seio familiar possa “facilitar” o processo de aceitação do grupo – o que chamaremos de “flor

que floresce no armário”, em referência à “voz que clama no deserto”, referindo João Batista, primo de Jesus, cuja função era “preparar o caminho do messias, aquela que havia de vir”. Como no caso de Benjamim, que se propõe à análise de fatores sociais que explicam sua inserção mais branda em meio aos seus familiares ao se assumir após seu irmão:

De quinze para dezesseis anos, eu me assumi para o meu irmão, que chorou muito, esperava que eu não fosse, para não passar o mesmo que ele; gay era motivo de chacota, piada, coisa cômica... ah, “Zorra Total”, sabe? “A Praça é Nossa”, sempre tinha uma personagem gay que era algo “engraçado”, vexatório... era a imagem do que me passavam do que era ser gay. Acho que as coisas melhoraram muito de vinte anos pra cá, os gays conquistaram mais direitos, tiveram mais visibilidade, as leis estão se voltando mais para nós, a nosso favor, mesmo que lentamente, mas tá progredindo (2022, Benjamim, 25 anos).

Entre os entrevistados, Benjamim é o mais otimista sobre o momento atual e sua relação familiar. Embora haja um marco temporal em sua história, demarcada pela “saída do armário” (ato de se assumir homossexual) de seu irmão que, a partir desse novo acesso da sua família ao discurso sobre a homossexualidade em que as relações foram melhorando após sua mãe deprimir e ficar sem falar com seu irmão em decorrência de sua sexualidade.

O que corrobora com as seguintes considerações rogerianas: “perante um ambiente de aceitação, há a redução da ansiedade gerada pela impossibilidade do ser, o que permite aos sujeitos reconsiderarem aquilo que outrora rejeitaram e, então, integrar ao *self*.” No entanto, o entrevistado Pedro já teve uma experiência diferenciada de Benjamin em relação à sua família, mas que, ainda assim, corrobora com o entendimento de que há uma crença no fenômeno da “representatividade gay”, que a partir de outro familiar gay, há a promoção/facilitação da aceitação de si, e/ou de seus familiares a mais um membro gay na família. O entrevistado salienta:

“Eu sou o primeiro gay da minha família, então, eu não tive nenhum referencial de LGBT na minha família, então foi difícil pra mim” (2022, Pedro, 23 anos)

Em um terceiro momento foi perguntado aos entrevistados o “como viver em uma família evangélica fazia eles se sentirem” e, ao decorrer de suas respostas, foi possível perceber a indissociabilidade de suas experiências com a quarta pergunta, que foi “como era ir à igreja, para você”. Parece que a projeção da família divina (Jesus, Maria e José), reverbera no ideal de “família evangélica” como “ir à igreja”, o que muitas vezes é precedido de ameaças ao inferno ou de espancamento, gerando nos filhos gays sensações de medo, culpa e despersonalização. Vejamos, a seguir, como era para eles, viver em uma família evangélica –pontos estes que chamaremos de “umbral”, tendo como referência o conceito do espiritismo cristão que o

compreende como um “local de passagem”, comumente vivido com agonias e sofrimentos, até que o sujeito encontre um momento propício para um melhor lugar:

Me fazia sentir *medo*, sentia que Deus ia me punir de alguma forma. Sentia medo e culpa o tempo inteiro. *Era obrigado a ir à igreja*, e eu não gostava. Por causa do medo do inferno que colocavam em mim. A família fazia isso, e a igreja só reforçava. (2022, Will, 23 anos).

Fazia eu me sentir *errado*, que precisava ser consertado. *Ir a igreja pra mim era uma chatice*, não me sentia parte daquilo. Foi percebendo, conforme crescia, que não cabia mais ali. (2022, Edu, 25 anos).

Nunca se senti evangélico, *ia por ser obrigado*. Só gostava das interações sociais da escolinha bíblica das crianças. Entre meus pais não me sentia mal, apenas quando ouvia repreensões em relação aos meus trejeitos. Sempre tive muito amor dos meus pais, mas nunca me senti pertencente ao meio (*cultura religiosa deles*). A igreja, pra mim, era como um clube, gostava de ter que se arrumar, das interações. *Era ameaçado com surra, caso não fosse à igreja*. A religião nunca foi algo importante pra mim, na adolescência, assistir aos cultos (*pentecostais*) era até engraçado, eu ria. (2022, Benjamin, 25 anos).

Fui criado na igreja e nunca gostei. Meu pai dizia que ‘*se tivesse um filho gay, o mataria*’. Era muito duro de ouvir, quando era criança. Mas minha infância foi boa, brincava muito, embora, tudo escondido. Em uma dessas brincadeiras precisei me passar por um cachorro, para não perceberem que, na verdade, brincava de casinha. (2022, Pedro, 23 anos).

A partir desses recortes é possível nos questionarmos o quanto essas práticas familiares estão distantes do que preconiza PERLS (1976), em sua famosa “oração da gestalt”, quando conclama o “não estou neste mundo para viver de acordo com as suas expectativas”. Evoco, ainda, considerações rogerianas (2009), quando afirma que “somos mais eficazes quando podemos ouvir a nós mesmos, aceitando-nos, e quando podemos ser nós mesmos”. O que nos convida à mais uma questão: o quanto esses jovens cis gays puderam ser existencialmente eficazes, quais suas possibilidades de terem sido eles mesmos?

No intuito de melhor compreender as questões que se levantaram, foi ainda perguntado aos colaboradores entrevistados “o que você entende sobre autocuidado/cuidado de si e como foi o autocuidado na história de suas vidas”. No entanto, antes, foi necessário saber o quê e como eles entendiam essa questão/pergunta. Portanto, a seguir, destacam-se as confluências de suas respostas e experiências, que chamaremos de “ser-para-si”, o que não pretende esgotar a compreensão desse fenômeno pesquisado, mas, desde já, colaborar com ela:

Sobre autocuidado, hoje em dia entendo que é buscar se entender: o que te fere, o que te faz mal, até hoje, que aconteceu no seu passado e você tentar viver bem hoje em dia; tudo era os outros que ditavam, então, assim, *o autocuidado era “zero”!* Acho que só depois que eu fiquei maior de idade que comecei a ter uma percepção disso. Pra mim, foi quando eu passei a questionar, a questionar a igreja, a minha família; *se eu não tivesse me rebelado*, se eu continuasse vivendo debaixo disso, eu estaria vivendo uma mentira até hoje.

(2022, Will, 23 anos).

Acho que tem várias formas de autocuidado: praticar atividade, a alimentação, rotina de *skincare*, tratamento capilar... é questão de saúde mental; *sair de ambientes tóxicos para você*, não ficar tentando se colocar; *eu não tinha autocuidado*, fui ensinado a não gostar de mim, sempre estava faltando alguma coisa, eu sempre estava errado; fui ensinado a me auto sabotar; investir no que gosto também é autocuidado. Hoje posso ouvir as músicas que eu gosto, me sinto mais livre, acho que autocuidado também é importante para recuperar uma confiança, que eu não construí, porque eu passei muito tempo da minha vida me odiando. (2022, Edu, 25 anos).

Autocuidado, pra mim, é você se preservar de coisas que te machucam, te humilham, te desmotivam. É estar longe dessas coisas, que te sabotam, do auto-sabotamento, não ficar pensando em coisas que te desanimam, que te colocam pra baixo. É pensar sempre positivo, ser otimista; meu autocuidado é me preservar, *me mantendo longe de pessoas tóxicas*, *que condenam o que eu sou, o que vivo, que têm convicções diferentes das minhas e que ferem o que sou, minhas convicções*, esse é meu autocuidado. (2022, Benjamin, 25 anos).

Durante um tempo não houve. Eu deixei que as pessoas ultrapassassem os limites; por muitas vezes, me anulei, me coloquei em segundo plano, e deixei que esse limite fosse ultrapassado. Então, o autocuidado, durante muito tempo na minha vida ficou em segundo plano; às vezes, esses limites são ultrapassados sem mesmo que você perceba, então... hoje em dia, eu trabalho o autocuidado, eu trabalho esse *respeito aos meus limites*. (2022, Pedro, 23 anos).

No discurso dos entrevistados, é prevalente a afirmação de que entendem o autocuidado como “cuidados consigo mesmos”, em seus aspectos biológicos (como em cuidados com o corpo), psicológicos e sociais, chamando a atenção para o fato de que esse cuidado, para eles, passa também por se protegerem de anseios projetados sobre seus modos de crer, ser e agir. Conota-se que, no início de suas vidas, há uma inércia às suas autopercepções, de tal modo que, sem elas, há também um entorpecimento para ação, essa que chamarei de “ação para si”, considerando como uma dinâmica que, após a percepção de si na relação com os outros, vislumbra tornar-se autêntico, “ser o que se é”, independente dos anseios de seu Deus, família ou entes sociais.

É comum o discurso de que se sentiam anulados por suas famílias e que, após a entrada na adolescência, que coaduna com a puberdade, esses apagamentos tornaram-se menos suportáveis, resultando em suas rupturas graduais. Embora criados em uma cultura religiosa cujo amor é a lei e a noção de família divina almeja a união, suas fragmentações os levaram a um cuidado de si que, fatidicamente, os obrigaram a afastar-se desses familiares, se não fisicamente, pelo menos ideologicamente como estratégia de sobrevivência e interrupção de “anulação de si mesmos”, como é possível aferir em seus relatos.

O que chamou a atenção foi a ausência de menções às igrejas inclusivas nos relatos

dos entrevistados, o que parece sinalizar um recorte importante a ser considerado e aprofundado em pesquisas posteriores; embora na Baixada Fluminense, atualmente, existam muitas congregações evangélicas pentecostais ditas “inclusivas”, referindo-se a terem em seu escopo teológico o entendimento de que as identidades LGBT+ não são pecados, portanto, não passíveis de condenação ao inferno.

Portanto, depreende-se que os entrevistados passaram por um processo de rompimento com sua microcultura religiosa familiar, o que os relegou a processos de afastamentos e de isolamentos, precisando, muitas vezes, fazerem caminhos solitários ao encontro de si mesmos e de seus sentidos ao cuidado de si. Sem “Deus”, que o tempo todo lhes ensinaram que não os queria e nem os desejava como eles são, de tal modo que suas religiosidades se tornaram fragmentadas desde tenra idade, estando muito mais associadas a medos do que ao acolhimento e amor, sem seus familiares mais próximos e íntimos, em virtude de não os acolherem e os aceitarem plenamente como são.

CONCLUSÃO

A criação de jovens cis gays por famílias evangélicas pentecostais no território da Baixada Fluminense, a partir dos anos 1990, deu-se em meio ao vertiginoso crescimento dessa população religiosa: em um território que, desde seus laranjais, demarcado pela prática política do “coronelismo”, em que a elite agricultora e comercial ditava os meandros políticos em troca de benesses, ameaças e mortes, que hoje encontra em suas múltiplas e crescentes denominações cristãs seu maior “curral” eleitoral.

Momento histórico, este, demarcado pelo fechamento de cinemas, clubes e casas de espetáculo, muitas vezes substituídas por templos religiosos cristãos em meio a apedrejamentos, invasões e saqueamento de terreiros de umbanda e candomblé, satanizando religiões de povos negros e, também, com forte associação das pomba-giras à causa das homossexualidades (incluindo as identidades de gênero e travestis) que, também neste período, sofriam brutais assassinatos e até mesmo uma chacina de travestis da via Dutra –rodovia que corta a Baixada Fluminense e, tradicionalmente hoje, é posto de trabalho de travestis e mulheres trans profissionais do sexo, além do crescimento dos diagnósticos de HIV-AIDS.

Compreende-se que esses fatores associados, produzem lógicas homofóbicas (LGBTfóbicas), reforçando estigmas como “a homossexualidade ser do Diabo” (causado pela pomba-gira, entidade demonizada pelo cristianismo), e a morte ser o destino dos “gays”, pois “o salário do pecado é a morte”, desconsiderando, assim, que tanto a prostituição e as mortes de travestis (tidas, por leigos, como gays) fosse motivada pela exclusão social e extrema vulnerabilidade, sem garantias de direitos e proteção social básica.

A ausência do Estado, com políticas básicas de saúde e direitos sociais, assim como a escassez cultural, relega uma comunidade a buscar em suas crenças sobrenaturais o afago para seus anseios, vindo a popularizar-se os “cultos de cura e libertação”, por exemplo. Sendo válido salientar que, neste período, intensificava-se, também, os movimentos da reforma psiquiátrica, tendo, inclusive, a homossexualidade deixada de ser considerada doença em 1990 e, em 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu a patologização e tentativas de conversão por partes das psicólogas.

A ausência do acesso aos bens culturais esteriliza o pensamento criativo e diverso, abrindo espaço, no entanto, a pensamentos absolutistas, fundamentalistas e unitários, o que podemos atestar nos relatos dos entrevistados o quanto mudaram seus rumos ao ampliarem suas percepções ao pensarem além daquilo que até então os impunham e lhes ofereciam como únicas

possibilidades.

Em relação aos efeitos da educação evangélica pentecostal na prática de autocuidado na vida dos jovens cis gays, revelou-se, a partir da perspectiva dos colaboradores que narraram suas vivências um fator alienante das suas práticas de cuidado de si em suas fases iniciais da vida. Seus relatos têm mais a ver com subserviência como forma de sobreviver, ainda que, muitas vezes, com desejos de não existirem, visto que ainda em tenra idade percebem-se diferentes daquilo que é o desejo de seus pais, enquanto a sua forma de ser como criança/pessoa, filhos e, consequentemente, cristãos.

Inicialmente, suas relações com a religião costumam ter conotação de interação, um clube social, enquanto suas características sexuais e de sexualidade não lhes são tão exigidas e podem encontrar algum conforto ou até mesmo aceitação em seus ambientes religiosos, especialmente quando possuem algum talento, como cantar. No entanto, há o surgimento de sofrimentos quanto aos padrões de gênero que lhes são cobrados: quanto mais se distanciam desses padrões “de homem” exigidos, maiores são seus conflitos e sofrimentos, de tal modo que são compelidos às cisões.

Essas cisões supracitadas referem-se ao que encontramos como prevalente em suas “práticas de cuidado de si”, ao contrário do que preconiza Rogers. Parece que para esses jovens não há a garantia da condição de acolhimento para a mudança, pelo contrário, parece haver uma “necessidade de ser quem se é”, que desponta em rupturas no âmbito religioso, familiar e social às custas de muitos embates psicoemocionais, para então, posteriormente, haver algum nível de aceitação e/ou acolhimento.

Conclui-se que, para esses jovens, a ruptura ideológica e comportamental é o principal meio de cuidar de si, que reverbera em suas práticas de autocuidado onde lhes possibilita até mesmo recorrer a uma maquiagem, uma roupa e/ou demais acessórios e/ou procedimentos estéticos tidos como não masculinos para alcançarem bem-estar.

Essas rupturas raramente acontecem de forma branda e pontual pois reverberam em vários âmbitos da vida do jovem cis gay, alastrando-se por anos da sua vida, e, muitas vezes, de tal modo que até em sua vida adulta, após os 30 anos, há processos de reparos dessas sequelas ruptivas, muitas vezes no âmbito social e quase sempre psicoemocional.

Conclui-se assim, que jovens cis gays criados por famílias evangélicas pentecostais no território da Baixada Fluminense tendem a criar suas estratégias de autocuidado, mas não antes de um processo de nulidade de suas existências e percepção desse fato.

A partir do entendimento de suas anulações, predominantemente no início da

adolescência, há uma ruptura com a cultura que era acostumado a viver, precisando “deixar morrer” uma vida para que “nasça” outra, quase sempre sem referência (quando a possui, torna o processo menos fragmentado).

O autocuidado, nesse contexto, está intrínseco ao se tornarem quem são, onde podemos afirmar que seja inerente ao próprio “sair do armário”, onde estar “se amando” e “se cuidando”, tem a ver com permanecer sendo livre para ser como é. Está envolto em muitas dúvidas, incertezas e inseguranças.

Com muitos resquícios da acreditada “condenação ao inferno”, onde somente com o passar do tempo e entrosamento com outros semelhantes “fora do armário”, a inserção social na cultura LGBT+ e/ou em seus acúmulos teóricos é que vão se reconstruindo e “aperfeiçoando” suas estratégias de cuidado de si mesmos na relação com seus semelhantes que lhes servem como uma segunda família. A partir desse fortalecimento social, é comum a esse jovem cis gay ser mais enfático sobre o respeito de si e de seus limites para com seus familiares originários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS). **Bem-vindos ao século 21: um presente que não desejamos.** Rio de Janeiro, RJ. 2019. Acessível em: < <https://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2019/06/publicacao-carlos-marcia-20190625.pdf> > Acesso em: 22/04/2023.

ALMEIDA, L.R. **Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. PUC-SP: Temas em Psicologia.** São Paulo, SP. 2009, v. 17, n. 1, 177 – 190.

ALVES, J.E.D. **Brasil e a diversidade religiosa: evangélicos passam católicos na baixada fluminense.** Artigo. UFJF, 2012.

_____. **Os países com maior expectativa de vida ao nascer em 2023.** Portal do Envelhecimento e Longeviver. Disponível em: < <https://portaldoenvelhecimento.com.br/os-paises-com-maior-expectativa-de-vida-ao-nascer-em-2023/> >. Acesso em: 22/04/2023.

ALVES, R.S; ERICEIRA, R.C.S. **Histórias de vida: experiências e reflexões de pesquisa com idosos de Volta Redonda.** Ayvu, Rev. Psicol., v. 3, n. 2, p. 146-147, 2017.

ALVES, R. **O que é religião.** Ed. Edições Loyola, São Paulo, SP. 1999.

AMARO, T. **Baixada Fluminense.** Associação dos Amigos do Instituto Histórico, 2012. Disponível em: <<http://amigosinstitutohistoricodc.com.br/?p=1>> Acesso em: 15/01/2022.

AMATUZZI, M. M. **Rogers: Ética humanista e psicoterapia.** Ed. Campinas: Alínea. 2010.

AZEREDO, C.T. **O Conceito de Família: origem e evolução.** Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM). 2020.

Disponível em:

<[https://ibdfam.org.br/index.php/artigos/1610/O+conceito+de+fam%C3%ADlia:+origem+e+evolu%C3%A7%C3%A3o#:~:text=61\)%2C%20a%20origem%20etimol%C3%B3gica](https://ibdfam.org.br/index.php/artigos/1610/O+conceito+de+fam%C3%ADlia:+origem+e+evolu%C3%A7%C3%A3o#:~:text=61)%2C%20a%20origem%20etimol%C3%B3gica)>

Acesso em: 15/01/2022.

BARROS, M. M. L. **Memória e família. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, n. 3, p. 29-42, 1989.

BERNI, L.E.V. **Os Diferentes Usos do Termo Espiritualidade na Busca Por Uma Definição Instrumental para a Psicologia.** Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. V. 3. Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não-Hegemônicas, p., 49. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - SP, 2016.

_____. **Questão da Espiritualidade em Políticas Públicas da Saúde: um problema de interpretação para o estado laico.** Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. V. 1. Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas. (Pág. 110) Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - SP, 2016.

_____. **Encontro das Águas.** Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião ea

Espiritualidade. v 1. Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas. P., 133 Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - SP, 2016.

BÍBLIA, N.T. Romanos. In: BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Temas em Concordância**. Trad.: Bruno Destefani. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Central Gospel, 2005. p.1224. I Timóteo 3: 4 e 5. p. 1289.

BITENCOURT FILHO, J. **Remédio amargo**. In: ANTONIAZZI, A. (Org.). **Nem Anjos, Nem Demônios** – Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1994. p. 24-33.

BOCK, A. M. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

BONI, V; QUARESMA, S.J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2 n.1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOSI, E. **Memória e sociedade : lembranças de velhos**. 2a. ed. São Paulo- SP. .T.A.Queiroz; EdUSP, 1987 [1973].

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a. ed. São Paulo – SP. Companhia dasLetras. 1994.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013** [Estatuto da Juventude]., 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.html.> Acesso em:15/08/2021.

BRITTO, A. L; QUINTSLR, S; PEREIRA, M.S. **Baixada Fluminense: dinâmicas fluviais e sociais na constituição de um território**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 39, nº 81, 2019.

BUB, M.B.C. et al. **A noção de cuidado de si mesmo e o conceito de autocuidado na enfermagem**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2006.

CAMON, V.A.A. **Suicídio: fragmentos de psicoterapia existencial**. p. 23. São Paulo – SP. Ed. Pioneira, 1997.

CAPALBO, C. **Fenomenologia e Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983.

CHAUÍ, M. **Apresentação: Os trabalhos da Memória**. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos**. São Paulo, EDUSP. 1973.

CONCEIÇÃO, A.L.P. **Performatividade: as marcas da educação na alma de corpos estranhos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTI**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.

_____. RESOLUÇÃO CFP N° 007, DE 06.04.2023. **Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica.** Disponível em: <<https://www.editoraroncarati.com.br/v2/Diario-Oficial/Diario-Oficial/RESOLUCAO-CFP-N%C2%BA-007-DE-06-04-2023.html>> Acesso em: 22/04/2023.

COSTA, C.E.C. “Raízes Negras Dispersas”: assenhoreamento no pós-abolição do antigo município de Iguassú (1888-1940). Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. n.14, 2018, p.149-168.

COSTA, W.S.R. **Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber.** Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, v.14, n.2, p.03-24, jul-dez/2017.

CUNHA, H; RAMOS, M.E.R. **Territórios de Maioria Afrodescendente: Segregação Urbana, Cultura e Produção da Pobreza da População Negra nas Cidades Brasileiras.** Revista Desenvolvimento Social Montes Claros, n. 2, 2008, p. 77.

DURKHEIM, E. **O Suicídio Um Estudo Sociológico.** p. 15. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Ed. Boitempo, 2018.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro - RJ: Companhia de Freud, 2008.

ESTATUTO DA JUVENTUDE. **LEI N° 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm> Acesso em: 22/04/2023.

FEIJOO, Ana M.L.C. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico existencial.** p. 107. 2 ed. Rio de Janeiro – RJ. IFEN, 2010.

FEIST. J; FEIST.G.J. **Teorias da personalidade.** São Paulo – SP. McGraw-Hill, 2008.

FILHO, A.S. **Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística.** p. 6. IV Colóquio Internacional Michel Foucault. Ed. Abril. Natal, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o cuidado de si.** Rio de Janeiro – RJ. Ed. Graal,1988.

_____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo – SP. Ed.Martins Fontes, 2002.

FRANKL, V. E. **Man's Search for Meaning: An Introduction to Logotherapy.** Boston. Bacon Press, 2006.

FRESTON, P. **Breve História do Pentecostalismo Brasileiro.** In: ANTONIAZZI, A. (Org.). **Nem Anjos, Nem Demônios – interpretações sociológicas do Pentecostalismo.** Petrópolis - RJ. Ed. Vozes, 1994. p. 67-99.

GARAVENTA, Roberto. **Angoscia.** Guida: Nápoles, 2006, ISBN 978-88-6042-181-0.

GARCIA, L.H.C; CARDOSO, N.O; BERNARDI, C.M.C.N. **Autocuidado e Adoecimento dos Homens: Uma Revisão Integrativa Nacional.** Revista Psicologia e Saúde, v. 11, n. 3, 2019, Setembro-Dezembro, pp. 19-33 Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis - RJ. Ed. Vozes, 1985.

GONÇALVES, D.L.C. **A liberdade cética de Michel Foucault.** Revista Estudos Filosóficos nº 9/2012. DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG Pág. 68 – 76.

GUERRIERO, Silas. **A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades.** Estudos de Religião, v. 26, n. 42 Edição Especial, 2012.

HOGA, L. **A influência da crença religiosa na motivação de urna cliente para o autocuidado.** Rev. Esc. Enf. USP. v. 27, n. 1, p. 73-85, abr. 1993.

HONORATO, I.B. **Entre tensionamentos e disputas: família, religião, e o processo de seassumir entre jovens de uma igreja inclusiva de Manaus.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Homofobia: identificar e prevenir. Rio de Janeiro – RJ. Ed. Metanoia, 2015.

LANGE, C. **Os significados de autocuidado segundo as enfermeiras.** Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

LAWRENZ, P. **Estresse de minoria, fatores familiares e saúde mental em homens homossexuais.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LOIOLA, L.P. **Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

MACHADO, M.D.C. **Religião, família e individualismo.** In: Família e Religião. DUARTE, L.F.D et al (orgs). Rio de Janeiro – RJ. Ed. Contra a Capa Livraria, 2006.

MACHADO, M.D.C; PICCOLO, F.D. **Religiões e Homossexualidades.** Rio de Janeiro - RJ Ed. FGV, 2010.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARIANO, R. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos.** Revista de Estudos da religião, v. 4, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico – Volume 52.** Setembro/2021. Disponível em: < https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-contenidos/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_3_final.pdf> Acesso em: 22/04/2023.

_____. **O que significa ter saúde? Muito além da ausência de doenças, é preciso considerar o bem-estar físico, mental e social.** 2020. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter>> Acesso em: 22/04/2023.

MONTENEGRO, O. **A Lógica da Criação.** Album Trilha Sonora do Filme Solidões. Warner Chappell Music, 2013. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?q=letra+de+oswaldo+montenegro+a+1%C3%A3o+da+cria%C3%A7%C3%A3o+dados&ei=BZQ9ZPXeMdD21sQPqISGiA0&ved=0ahUKEwi19ZbfybH>> Acesso em: 17/04/2023.

MOREIRA, M.S. **A memória social da religião evangélica em Paracambi entre os anos de 1970 a 2000.** Dissertação de Mestrado - UFRRJ , Seropédica, 2019.

NAGAMINE, R.R.V.K; BARBOSA, O. A. **Homossexualidade, religião e direitos: a controvérsia sobre o Estatuto da Família no Brasil.** Soc. e Cult., Goiânia, v. 20, n. 2, p. 214 - 239, jul./dez. 2017.

NEVES, E.P; WINK,S. **O autocuidado no processo de viver: enfermeiras compartilham concepções e vivências em sua trajetória profissional.** Texto Contexto Enferma, Florianópolis, 2007, Jan-Mar.

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO - GOV RJ, 2021. Disponível em: < <http://www.rj.gov.br/Uploads/Noticias/1327008%20-%20Fevereiro%202021%20-%20Baixada%20Fluminense.pdf>> Acesso em: 15/01/2022.

OLIVEIRA, A. **O conceito de Indivíduo constantemente referido ao de Situação Existencial em Kierkegaard: Gênesis e Desenvolvimento.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Florianópolis/SC, 2016.

OLIVEIRA, G.M. **Comecei a sonhar com homens: a “saída do armário” vivenciada por homossexuais masculinos em suas interações familiares.** Dissertação (Mestrado em Cultura, Sociedade e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

OLIVEIRA, M.D. **A religião mais negra do Brasil: Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?.** Ed. Ultimato, 2018.

OLIVEIRA, P. **O uso dos símbolos do catolicismo popular tradicional pela IURD.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2006.

OLIVEIRA, P. S. **Memória e sociedade: ciência poética e referência de humanismo.** PSICOL. USP - São Paulo, 2008.

ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL, 2017. **Declaracão**

sobre homossexualidade, identidade de gênero, orientação sexual, uniões homo e poliafetivas. cap. 4. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/declaracao-oficial-da-ordem-dos-pastores-do-brasil-sobre-homossexualidade-e-ideologia-de-genero.html>> Acesso em: 07/03/2022.

OXFORD LANGUAGES, 2022. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?q=o+que+significa+religi%C3%A3o&hl=pt->> Acesso em :13/01/2022.

PAIVA, L.M. **Depressão e Suicídio.** Imago, Rio de Janeiro, 1980.

PEREIRA, R.C. **Para Além do Binarismo: Transexualidades, Homoafetividades e Intersexualidades.** S.d. Disponível em: < file:///C:/Users/55219/Downloads/5939-22472- 1-PB.pdf > Acesso em: 15/01/2022.

PERLS, F. S. **Gestalt-terapia explicada (Vol. 2).** Ed.Summus Editorial, 1976.

PESSOA, K.G. **Amor (in)condicional: uma análise da relação entre as esferas da família e da religião na aceitação da homossexualidade.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017.

PINEL, W. R ; RESES, E. S. **O crescimento do discurso religioso ultraconservador e sua influência nas políticas de educação no Brasil.** Interfaces da Educação. Paranaíba, v.12, n.34, p. 78-92, 2021.

ROCHA, A.S. **Espaço Urbano e Religião: sobre a espacialidade Evangélica e a dinâmica pentecostal na Baixada Fluminense.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 16., 2019, Art. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. p. 2675 -2688.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa.** 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SANTANA, R.V.M. **Entre a regulação e a subversão: o assumir-se enquanto um paradoxo da identidade homossexual.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SANTOS, Antônio C.A. **Fontes Orais: testemunhos, trajetórias de vida e história.** Departamento de História: UFPR. p. 6. s/d.

SARTI, C. **Família e jovens: No horizonte das ações.** Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago, n. 11, p. 99-109. 1999.

SERRA, C.A. **Fundamentalismo e Alteridade no Encontro entre Psicologia e Religião.** Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. V. 1. Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas. p. 74-75. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016.

SEGRE, M; FERRAZ, F.C. **O Conceito de Saúde.** Rev. Saúde Pública. USP, 1997.

SILVA, A. et al. **Conte-me sua história: reflexões sobre o método Histórias de Vida**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2007.

SILVA, A.N.B. **A Existência no Pensamento de Kierkegaard**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. UFC. Fortaleza, 2007.

TERRA, 2019. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/dino/rejeitados-pela-familia-e-expulsos-de-casa-essa-e-a-realidade-de-muitos-jovens-que-pertencem-acomunidade-lgbt,b8739fb9a31ba6f8bfaefa5a1322ebe9f9wkzrwt.html> >. Acesso em 15/06/2021.

TINOCO, R. (2007, julho). **Histórias de vida: um método qualitativo de investigação. Psicologia: o portal dos psicólogos**. Recuperado em 20 de março. 2023, Disponível em: < <http://www.psicologia.com.pt/artigo> >

WEBER, M. **A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo – SP. Ed. Martin Claret, 2001. (Original publicado em 1904).

WELLE, D. Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. CARTA CAPITAL, 2020. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/> > Acesso em: 22/04/2023.

WENCESLAU, F. **Música Te Desejo Vida**. 2010. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/flavia-wenceslau/te-desejo-vida/> >. Acesso em: 18/04/2023

ZM NOTÍCIAS, 2020. **Restauração do monumento à Bíblia no centro de Mesquita**. Disponível em: < <http://www.zmnoticias.com.br/restauracao-do-monumento-a-biblia-no-centro-de-mesquita/> > Acesso em: 08/03/2022.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Participante,

Convidamo-lo a participar, através de uma entrevista semiestruturada, da pesquisa intitulada

Histórias de Vida de Homens Cis Gays Jovens Criados em Famílias Evangélicas Pentecostais na Baixada Fluminense e os Reflexos em seus Autocuidados, sob responsabilidade do pesquisador Tiago dos Santos e orientação do Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira. A presente pesquisa é vinculada à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Objetiva analisar a trajetória de jovens cis gays criados por famílias cristãs evangélicas pentecostais no território da Baixada Fluminense (BF), periferia do Estado do Rio de Janeiro. O recorte temporal da pesquisa engloba nascidos a partir da década de 1990, ano em que a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Tomará o conceito humanista rogeriano de constituição do eu (self), a partir da consideração positiva incondicional, como orientação teórica e entenderá autocuidado sob a perspectiva de “atitudes de manutenção e preservação da própria vida”, entendendo que, para tal, é imprescindível a condição de liberdade de si. O cuidado de si é entendido como “exercício filosófico”, cuidado ético-moral de si e orientado para uma estilização da vida, uma estética da existência, para as artes da existência. A metodologia utilizada será a qualitativa de histórias de vida, cujo a técnica de coleta de dados tem como fonte as narrativas orais dos entrevistados, com entrevistas semiabertas. As entrevistas serão gravadas em áudio para posterior transcrição integral. O conteúdo será utilizado apenas para a transcrição da pesquisa, sem exposição dos nomes dos entrevistados.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: Com este estudo, espera-se contribuir com a reflexão acadêmica acerca do autocuidado de jovens cis gays.

Riscos e condutas decorrentes da participação da pesquisa: O risco de participação da pesquisa é de possível desconforto em decorrência do conto da própria história. Nesse caso, será oferecido acolhimento inicial, assim como orientações para acesso aos serviços públicos de psicoterapia. Mas, a qualquer momento que se sentir desconfortável, você poderá desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer ônus para você.

Período de participação, sigilo e consentimento: Sua participação poderá ser de forma remota através da plataforma online do Google-Meet ou vídeo chamada de Whatsapp, caso não se sinta à vontade, em outro local, de sua escolha. Haverá total sigilo da sua participação e não serão divulgados os nomes dos entrevistados, em nenhuma circunstância, durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa. Caso concorde com a participação, será possível, a qualquer tempo, retirar seu consentimento, sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional. Sua participação será

voluntária, não haverá compensação financeira sob nenhuma forma, e sem custos.

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisador responsável

Nome: Tiago dos Santos
Tel.: (21) 98146-9766
E-mail: tiagopsicontato@gmail.com

Orientador

Nome: Ronald Clay dos Santos Ericeira
E-mail: ronsalg@bol.com.br

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo-assinado, concordo em participar da pesquisa **Histórias de vida de homens cis gays jovens criados em famílias evangélicas pentecostais na Baixada Fluminense e os reflexos em seus autocuidados**, aprovada pela Comissão de Ética da Plataforma Brasil e declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido a cópia deste termo e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Pesquisador: Tiago dos Santos

Tel.: (21) 98146-9766

E-mail: tiagopscontato@gmail.com

Local e data: _____, ____ de _____ de 2022.

Nome: _____

E-mail: _____ Telefone _____

Assinatura: _____

APÊNDICE II– PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS

1 – Me conte um pouco da sua história? Como foi o processo de se tornar quem é hoje, da sua infância até hoje?

2 – Como foi crescer na família que foi criado?

3 - Como viver em uma família evangélica fazia você se sentir?

4 – Como era o ir à igreja, para você?

5 – O que você entende sobre autocuidado/cuidado de si e como foi o autocuidado na história da sua vida?

APÊNDICE III – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM WILL – Belford Roxo, 29 anos.

ENTREVISTADOR: – Me conta um pouco da sua história. Como foi o processo de se tornar quem você é hoje. Da sua infância até hoje.

WILL: – Minha infância foi um pouco complicada nesse sentido. Eu sempre fui uma criança muito reclusa, não brincava na rua, não tinha muitos amigos. Sempre fui muito preso em casa, não queria mesmo brincar com os outros na rua. E a minha família é evangélica assim num nível que eu posso dizer fanático. Quando eu era pequeno não podia assistir nada que era da Disney, ao invés de assistir aos filmes da Disney, os clássicos, eu tinha que ver, eles colocavam fitas do pastor falando porque a Disney era demoníaca. Eu cresci ouvindo que gay iria para o inferno, que Deus não gostava, então assim, desde pequeno eu sempre soube que eu era diferente, mas eu nunca, nem eu mesmo aceitava. Quando eu era pequeno eu ouvi, eu cresci ouvindo isso. E aí, eles tinham rituais, assim, no quintal, que tinham dias de oração, que eles pegavam todos os nossos brinquedos e queimavam todos que eles julgavam ser do demônio, eles queimavam nossos brinquedos. Tem uma prima minha que hoje em dia ela é até ateia, mas, se você falar disso pra ela, até hoje, ela chora. Os olhos dela encheram de lágrimas, pra uma criança, machuca, né? E eu lembro também que tinha congressos na igreja que eles meio que obrigavam a gente a ir. Um desses congressos, eu me lembro até hoje, que eu era bem novinho... eu lembro que a primeira vez que eu assumi pra mim mesmo que eu era gay, eu escrevi num papel. Era para jogar na fogueira coisas que você queria tirar da sua vida. Eu escrevi “homossexualidade” num papel escondido e joguei numa fogueira. Então, assim, foi pesado, digamos assim... há, eu comecei a ter mais autonomia, a pensar por mim mesmo por volta dos dezoito anos, quando eu conheci a minha primeira melhor amiga. Que ela também estava nesse processo de descoberta se ela era lésbica. E aí, eu morava no quintal, esqueci de te falar isso. Eu morava num quintal que tinha, uma, duas, três casas... três a quatro casas, e a minha tia morava numa dessas casas, e essa minha tia, meu tio, meus primos, são “extremamente evangélicos”, né... eu e minha mãe morávamos (*eu, minha mãe e meu irmão*)... morávamos meio que de favor num cômodo só, então, por mais que minha mãe não compactua-se muito com as ideias, a gente vivia ali debaixo de uma regra evangélica bizarra.

ENTREVISTADOR: – Sua mãe mesmo não era evangélica?

WILL: – Ela até era, mas ela era assim, vai na igreja, ia na igreja esporadicamente, mas nunca foi evangélica, evangélica fanática, igual eles faziam. Teve uma vez que eles construíram um trono para Deus no meio do quintal, então, assim, foi uma influência bem barra pesada... como reflexo disso, hoje em dia eu me vejo um adulto de 29 anos, frustrado, que não sabe o que quer, tenho medo de várias coisas e, até hoje, eu percebo em mim os reflexos disso; por exemplo, é... começou um tempo atrás a moda de homem pintar unha, e eu achava meio ridículo, achava meio... aí um dia eu parei e falei, eu acho isso feio mesmo ou me ensinaram a achar? Aí eu passei a me questionar, eu falei, eu acho que eu não acho isso feio, eu tenho medo do que vão falar, eu tenho medo de que vão me zoar, de que vão fazer chacota de mim, vão reclamar... aí eu parei e falei: não cara, você tem 29 anos, você hoje em dia é gay assumido, hoje em dia seu namorado vai na sua casa e você tá com medo de acharem feminino demais você pintar unha?! E eu fiquei meio, tipo... desculpe eu falar uma palavra: foda-se! E eu pintei as unhas! E dito e feito, as pessoas vieram: que unha é essa? Eu falei: eu pintei! Porquê? Porque eu quero! Porque eu gosto! Assim, até hoje eu me vejo, tendo atitudes involuntárias de... de... de me negar a fazer algo com medo inconsciente de que os outros vão achar, sabe? É... é... bizarro, até hoje eu vejo reflexo disso..., mas, toda vez que eu identifico, eu tento combater... de alguma forma, sabe?

ENTREVISTADOR: – Você morava com sua mãe, com seu irmão, num cômodo, no mesmo quintal, e todos influenciavam na sua criação?

WILL: – Todos... todos... meu pai não era presente, né... quando eu tinha 4 meses, eu nasci em Campos, com 4 meses minha mãe me trouxe pra cá, pra morar nesse quintal, e aí, mais para os fundos, moravam os meus tios com os meus dois primos e, assim, bem na frente, perto do muro, era um quadrado só, não tinha nada, moravam eu, minha mãe, meu irmão e minha outra tia, que não era homofóbica, me ajudou muito, morava do outro lado, mais uma senhora ao fundo, que é tia de uma prima minha, mas, não tem parentesco comigo. Então, foi uma criação bem assim, baseada em privação. Eu lembro quando eu despertei interesse em fazer curso de cabeleireiro... “ah, não pode porque é coisa de veado”, ah, eu queria fazer, ah, sei lá... outro curso... “ah, isso é de mulher”, “isso é de veado”, “ah, isso não pode”, hoje em dia eu consigo identificar, eu não tenho segurança pra escolher nada, tudo o que eu vou escolher eu tenho medo, até hoje eu não me formei em nada, não consigo trabalhar em quase nada, trabalho nenhum, tenho receio realmente de fazer qualquer coisa, tenho medo de julgamentos, por mais que eu tenha consciência, de que ninguém paga as minhas contas, ninguém tem nada a ver com

a minha vida, eu ainda tenho medo do julgamento de pessoas que nem fazem diferença na minha vida, sabe?

ENTREVISTADOR: – Caramba! Você tem alguma profissão hoje em dia?

WILL: – Não...

ENTREVISTADOR: – Chegou a fazer o curso de cabeleireiro?

WILL: – Não... não cheguei... cheguei a trabalhar no Werner algum tempo, mas na época, era novinho, né.. comecei a namorar, não soube separar as coisas, acabei saindo do trabalho. Hoje em dia eu trabalho mais com confeitaria, é uma área que eu me interessei bastante e estou até hoje. Eu sou muito tímido pra lidar com o público e sair vendendo na rua, mas, é uma área que estudo já há 7 anos, confeitaria. Pretendo fazer até culinária, mas voltado mais para especialização em confeitaria.

ENTREVISTADOR: – Então sua renda hoje vem da confeitaria?

WILL: - Não vem, né... porque eu comecei a vender alguma coisa, mas eu fiquei por... 4 ou 5 anos desempregado, sem conseguir levantar da cama, literalmente, sem conseguir fazer nada.

ENTREVISTADOR: – Mas você atribui a que, isso, o não conseguir levantar da cama esse tempo todo?

WILL: – Então, muito tempo eu só fiquei assim... sem fazer nada, sem parar em trabalho nenhum, sem conseguir trabalhar com nada, e aí que, recentemente, eu vim buscar... isso não tá normal, isso não tá saudável, eu comecei a querer buscar ajuda quando eu comecei a ter crises de choro do nada. Eu estava em casa, eu acordava e começava a chorar compulsivamente, a minha tarde inteira, por nada, aparentemente... eu comecei a tentar buscar de onde vem isso... de onde vem toda essa insegurança? E até com alguns psicólogos que eu estou tratando agora, suspeitaram mesmo da infância, cheia de privação, “não pode isso, não pode aquilo, isso é coisa do diabo, isso é coisa do inferno”. Então, assim, o mais estranho pra mim, hoje eu quase não comento com ninguém, por mais que hoje, eu seja muito mais politizado, muito mais militante, até hoje, parece que esse negócio de “Deus, Inferno, Bíblia”, parece que é algo que eu decidi não pensar, mas, “parece que dentro de mim, eu ainda acho que eles estão certos sobre” ... “Deus, homossexuais e inferno”, sabe? Ainda existe esse medo, sabe... quando as pessoas ficam pensando no “fim do universo”, e aí dá aquele desespero e você

só decide não pensar ou não pensar na morte, só seguir a vida; é algo que eu decidi não pensar hoje em dia, eu sei que eu tenho vários discursos, ou de questionar a existência, mas lá no fundo ainda tem esse... e se eles estiverem certos?

ENTREVISTADOR: – Como foi crescer na família que foi criado?

WILL: – Foi horrível, porque eu cresci todo travado, cheio de medo, cheio de receio de qualquer coisa, medo de ir pro inferno, medo de desagradar a Deus, desagradar a família... eu lembro até... engraçado, tem coisas que ferem a gente e a gente não sabe até pensar nelas... não sei com que eu estava em algum assunto, não sei se foi com o psicólogo ou com algum amigo, que me remeteram a um natal, que minha mãe me levou pra eu comprar um brinquedo, e eu queria muito um dragão, e eu lembro que eu não comprei, porque minha tia falou que era coisa do inferno e eu iria para o inferno se eu comprasse aquilo. E tipo, quando eu falei disso, eu comecei a chorar do nada... involuntariamente, e eu não sabia como aquilo me marcava... foi horrível, foi traumático, foi frustrante... porque nada eu podia assistir... eu fui ver Rei Leão com 18 anos... foi frustrante, porque eu não podia ver desenho, não podia assistir filmes, não podia ter muitos brinquedos da época... então, foi horrível, foi traumático...

ENTREVISTADOR: – Só uma pergunta antes da próxima questão: Essa sua família evangélica é uma família pentecostal? Como é que é?

WILL: – Então, eu fiquei em dúvida se eles são pentecostais, mas eles eram, frequentavam a igreja Batista, pela questão protestante.

ENTREVISTADOR: – Pentecostal se refere quando acredita na língua estranhas.

WILL: – Sim, povo girando no meio da igreja, já tive revelações.

ENTREVISTADOR: – É que antigamente as Batistas não eram pentecostais, aí, depois, conforme o desenvolvimento das igrejas, foram surgindo Batistas Pentecostais, então, no caso deles...

WILL: – Eles sabem o que é, o que significam.

ENTREVISTADOR: – Às vezes a pessoa nem sabe...

WILL: – Falar em línguas, começar a girar no meio da igreja e “Deus me revelou que isso, fulano vai acontecer aquilo” ...

ENTREVISTADOR: – É exatamente esse perfil mesmo. A gente tirou essa dúvida

antes, é legal a gente deixar registrado. A terceira pergunta é: Como viver em uma família evangélica fazia você se sentir?

WILL: – Sei lá, acho que fazia eu sentir medo. Porque eu lembro nitidamente, que eu odiava, eu detestava ir à igreja, mas eu ia. Todo domingo e quarta-feira, porque eu sentia que se eu não fosse, eu estava fazendo algo errado, sabe? Eu sentia que, sei lá, Deus ia me punir de alguma forma, ... eu sentia que se eu faltasse, me dava uma culpa muito ruim, eu me sentia muito mal por faltar a igreja, embora eu não quisesse ir de forma nenhuma... então, quando eu cresci eu falei, tipo, “eu não vou porque eu não gosto”, não gosto de igreja, não gosto de culto; mas isso me faz sentir medo, medo e culpa o tempo inteiro... medo e culpa.

ENTREVISTADOR: – Como era ir para igreja para você?

WILL: – Era obrigado, era forçado, eu não gostava... ficava sentado lá contando os minutos para ir embora, literalmente contando os minutos; eu lembro até agora, você me despertou na memória, eu lembro que no banco da igreja, durante muito tempo, e era um banco de madeira e era todo manchado, eu lembro que eu passava todo dia vivendo desenhos, vivendo imagens nesse banco e era assim que eu passava o tempo, para passar o tempo logo para eu poder ir embora.

ENTREVISTADOR: – O que que você acredita que ali, naquele local, te trazia todo esse incômodo?

WILL: – Eu acho que era mais essa pressão familiar mesmo e esse medo do inferno que eles te colocavam... “áh, se você não ir pra igreja, se você for gay, se assistir tal desenho, se você tiver tal brinquedo, se você não seguir esse caminho, você vai pro inferno!” Esse medo do inferno era algo muito massivo, era algo muito bizarro.

ENTREVISTADOR: – É impressão minha ou ali te colocava em contato maior com essa ideia do inferno? Quando você estava lá na igreja? É isso que você tá querendo dizer?

WILL: – Não, a minha família por si só fazia isso, a igreja só reforçava.

ENTREVISTADOR: – Ah, entendi...

WILL: – E eu lembro que teve uma época que eu comecei a me rebelar, uma época que eu fiquei muito bravo, e eu não podia ver nada da Disney e eu lembro que quando lançou “As Crônicas de Nárnia”, o pastor levou a igreja inteira para assistir... aí eu falei: “cara, eu me

privei a infância inteira de ver as coisas da Disney e agora o pastor levou a igreja pra ver dizendo que é algo santo, que é algo divino...

ENTREVISTADOR: – É da Disney, “As Crônicas de Nárnia”?

WILL: – Se eu não me engano, é...

ENTREVISTADOR: – Eu sou apaixonado pelas Crônicas de Nárnia, mas você sabe porque ele os levou?

WILL: – Na época, que eu me recordo, é que eles usavam essa simbologia de que o Leão é Jesus e a Feiticeira é o Diabo.

ENTREVISTADOR: - Então, o autor de “As Crônicas de Nárnia” era um apologeta cristão...

WILL: – Hum... não sabia.

ENTREVISTADOR: – É, ele era um apologeta, no caso, segundo o que eu já li, ele era ateu, depois se converte e se torna um grande “defensor do evangelho”. E ele, provavelmente por isso, levou vocês pra assistir.

WILL: – Teve até um outro episódio que falaram que até a “Turma da Mônica” era demoníaca. E a mulher, a pastora, levou as crianças pro parque da Turma da Mônica. E eu fiquei: “cara, tem algo errado, eles me privaram de um monte de coisas e agora é certo quando eles querem... sabe?”

ENTREVISTADOR: – Entendo. E o que você entende sobre autocuidado, cuidado de si. E como foi o autocuidado na história da sua vida. Primeiro, vamos dividir essa pergunta. O que você entende sobre autocuidado?

WILL: – Sobre autocuidado, hoje em dia entendo que é buscar se entender: o que te fere, o que te faz mal, o que te faz mal até hoje que aconteceu no seu passado e você tentar, sei lá, viver bem hoje em dia, sabe... Na minha família sempre foi muito forte esse negócio de falar que depressão é palhaçada, falta de louça para lavar, falta de trabalho... e hoje em dia eu vejo que não, que não é, sabe? Ter essa ciência das coisas que te afetam, ter essa ciência do que te machuca e tentar identificar e curar ou tratar isso é muito importante.

ENTREVISTADOR: – E como foi o autocuidado na história da sua vida? Como é que você considera que esse autocuidado foi pra você na história da sua vida até o momento?

WILL: - Como assim? Depois que eu passei a ter essa percepção de autocuidado?

ENTREVISTADOR: – Não... você deu um conceito de autocuidado, agora, olhando para a história da sua vida, desde quando você tem consciência de você mesmo, até o presente, como é que você considera que o autocuidado aconteceu na sua vida, se é que aconteceu? O que você pensa sobre isso?

WILL: – Antes eu não tinha nenhum, né? Como eu falei, eu vivia debaixo desse medo, dessas regras, então, antigamente, até os meus 18 ou 17 anos não tive autocuidado nenhum, sabe... eu só fazia o que as pessoas me falavam para fazer, o que era certo fazer. Eu fazia os cursos que a família da minha tia queria que eu fizesse, tudo que eu fazia na minha vida: o jeito de vestir, o jeito de falar, cabelo, tudo era os outros que ditavam, então, assim, o autocuidado era zero! Acho que só depois que eu fiquei maior de idade que comecei a ter uma percepção disso, mas eu ainda não sabia que isso era um autocuidado. Essa percepção me veio mais agora com 28, 29 anos, agora.

ENTREVISTADOR: – Então, quais foram as atitudes que considera que, na história da sua vida, foram o início do seu autocuidado?

WILL: – Pra mim, foi quando eu passei a questionar, quando eu passei a questionar a igreja, questionar minha família. Passei literalmente a peitar eles, “não isso não é assim”, não vou viver debaixo disso. Quando a gente saiu de lá desse quintal, fomos morar sozinhos, só eu, minha mãe e meu irmão, também foi um divisor de águas, você não tá debaixo daquele clima horrível, aquela pressão de familiar evangélico o tempo todo. Mas quando eu comecei a questionar, comecei a meio que desafiar, tipo, não vou para igreja, porquê? Porque eu não gosto, porque eu não quero estar lá, porque eu não me sinto bem lá. Ou questionarem, ah quando você meio que se rebela, ah você está fazendo isso. Sim, estou! (?) ah, você comprou uma blusa da Champion (?) Sim, foi com meu dinheiro, minha mãe que comprou... sabe. Eu quero ter isso, então foi, acho, quando eu passei questionar e, principalmente, quando passei a ter amigos, quando eu conheci minha melhor amiga, aí você tem mais uma visão diferente das coisas, tem alguém com quem conversar, sabe, alguém que via as coisas como você vê, e não ficaria ali enfurnado só tendo sua saúde mental sugada por um monte de parente te falando um monte de merda o tempo todo.

ENTREVISTADOR: – Você considera que a experiência de vida que você teve com sua família te impulsiona, é... Se nós formos falar entre vida e morte, quanto, de 0 a 100 onde

100 % é vida e 0 % é morte, o quanto por cento você acha que sua experiência de vida familiar te impulsiona pra vida?

WILL: – Pra vida...?

ENTREVISTADOR: – Vou refazer, é, te impulsionou, no passado, que a gente está falando sobre história. Quanto te impulsionou pra vida, pra viver, para continuar vivendo?

WILL: – Olha, embora a família sempre tente fazer o melhor pra você, acho que enquanto homossexual, se fosse por eles, 0% porque eu não seria, eu ia falar 50% pra ser fofo, mas não... porque se eu não tivesse me rebelado, se eu continuasse vivendo debaixo disso eu estaria vivendo uma mentira até hoje, sabe? Eu nunca namorei, por exemplo, garota, nada, nunca namorei nenhuma menina, não tinha interesse, mas eu me mascarava debaixo de um discurso evangélico, “áh não, só vou fazer alguma coisa quando eu estiver casado, que é assim que Deus manda”, mas na verdade é porque eu era gay. Acho que 90% dos gays passou por isso.

ENTREVISTADOR: – Mas acho que você me parece clínico, pelo menos na visão de terapeuta, acho que ainda fez uma escolha que poderia, que talvez tenha sido menos violenta com você, caso tivesse se forçado a ficar com alguém e tudo mais, é a impressão que eu tenho. Bom, sobre esse diálogo que tivemos até aqui, existe algum outro ponto que ache importante ainda falarmos sobre a sua história?

WILL: – Acho que é importante falar sobre a diferença que tem no tratamento, porque mesmo quando eu me assumi e conversei primeiramente com minha prima, lembro que foi a primeira pessoa que eu contei. Engraçado que a minha prima falava pra mim que foi ali que ela começou a questionar a Deus e deixar a parar de acreditar. Então, assim, a diferença de tratamento, quando eu me assumi eu tinha muito medo do que as pessoas iam falar, quando eu contei pra minha mãe, “eu não contei pra minha mãe”, tentei contar pra ela e eu começava a chorar e eu não conseguia falar e eu fiquei tanto tempo enrolado que ela falou – você quer que a mamãe fale o que que é? Aí eu fiquei meio assim, aí desabei a chorar e tal e a minha mãe...

ENTREVISTADOR: – Ela te ajudou a sair do armário? (*risadas*)

WILL: – E aí minha mãe até que levou bem, até então, tinha contado pra minha prima, pra minha tia... Até então minha tia sabia, minha tia viveu uma “vida LGBT”, só que hoje em dia ela diz que é hétero, mas eu sei, ela confidenciou pra mim que é por causa de igreja, dá pra

ver que ela não curte, mas ela vive assim até hoje. E nesse sentido de diferenciação, porque, quando eu me assumi, minha mãe me acolheu bem e tal, muito melhor que eu imaginava. Sendo que aí, depois que passou a choradeira e emoção, era nítida a forma de tratamento diferente, por exemplo, meu irmão podia levar a namorada lá, eu não podia. A minha irmã podia levar o namorado, eu não podia. E aí, minha mãe arrumou um namorado que era extremamente homofóbico e aí, por causa dele, a minha começou a me podar, querer proibir. E aí eu falei ‘*não vou aceitar*’, falei que se você quiser você me bota pra fora de casa, mas você me criou assim por tantos anos e eu não vou aceitar ser tratado diferente por causa do que seu namorado acha; se é uma falta de respeito eu trazer meu namorado aqui, vai ser falta de respeito meu irmão trazer também. E aí quando ela começou a querer podar meu irmão na minha frente, eu falei: não, você não tem que podar meu irmão e irmã só pra poder me punir sem culpa, tem que tratar igual. Se minha irmã e irmão podem chamar seus respectivos namorados pra um almoço de família, eu também posso, se a namorada do meu irmão pode dormir aqui, meu namorado também pode, eu não vou aceitar de forma alguma ser tratado diferente, eu não aceito, eu não sou nenhum bicho, não sou nenhum demônio, eu não vou aceitar ser tratado diferente. E aí foi meio pesado, meio que peitando todo mundo durante um tempo, até hoje em dia, meu namorado pode ir lá em casa livremente, dorme lá, almoça, todo mundo gosta dele, se dá bem com ele. Mas durante muito tempo não foi assim, sabe. E pra mim é inaceitável, eu acho, as pessoas até elas tentando ser legais, elas não conseguem. Tem vezes, quando eu tinha um outro namorado, sem ser esse agora o atual, ia fazer uma viagem, falava, se controla, olha tem que ter respeito. Eu falava, cara, você não precisa me mandar respeitar o ambiente, não porque eu sou gay, que você precisa me dar avisos óbvios, você avisa isso ao meu irmão pra ele respeitar o ambiente? Você não avisa, então, eu não quero ser avisado, porque não tem motivo pra você me avisar, sabe?! Então, assim, tudo na minha vida, nesse sentido, foi assim, foi confrontando os outros e, às vezes, é cansativo, às vezes só queria que as pessoas aceitassem as coisas *de boa* sem precisar brigar, esbravejar, sempre, pra conquistar algum espaço ou respeito. Mas é sempre assim... tem sido assim até hoje, em alguns aspectos a gente sempre identifica sabe, hoje em dia comparado a antigamente é muito melhor, mas você sempre identifica uma coisinha ou outra, hoje eu não permito que ninguém faça nada assim comigo. Acho que é isso.

ENTREVISTADOR: – Você... Eu gostaria que você pegasse assim a sua história e a partir da sua história eu gostaria que você me dissesse, eu vou dizer algumas palavras e eu gostaria que você me dissesse qual sentido que você dá pra essas palavras a partir da sua história, tudo bem? Você vai me dizer qual o sentido as palavras têm pra você à partir da sua história,

afinal de contas, quando a gente fala de algo a gente fala a partir da nossa história mesmo, tá bom?

WILL: – Ok.

ENTREVISTADOR: – **Deus.**

WILL: – Dúvida.

ENTREVISTADOR: – **Família?**

WILL: – Depende, se for falar em relação a minha mãe ou a todo resto. Minha mãe é meu alicerce é meu tudo mesmo, sem minha mãe eu estaria debaixo da ponte, e digo isso sem orgulho nenhum, sem minha mãe seria nada, agora o resto da família... tolerância.

ENTREVISTADOR: – **Igreja?**

WILL: – Não gosto.... Pra mim, igreja, assim, não generalizando, mas a maioria esmagadora é só um lugar que oprime as pessoas, não só gay, mas que oprime, que julga. Faz você viver, ou você vive do jeito que eles vivem ou você vive uma mentira, sabe. Então, pra mim, é um ambiente que eu não sinto falta nenhuma de estar, nenhum mesmo, não faço a mínima questão.

ENTREVISTADOR: – Como é que você se imagina daqui a... vamos dizer, você tem 30 anos agora?

WILL: – Vinte e nove.

ENTREVISTADOR: – É , vinte e nove, já te envelheci. Como você se imagina, quer dizer, você se imagina um homem gay idoso?

WILL: – Nunca parei pra pensar nisso..., mas é normal, é natural como é hoje em dia.

ENTREVISTADOR: – Considerando isso, como você imagina que vai ser sua vida idoso?

WILL: – Continua mal, tivesse que morrer agora...Vai ser normal, provavelmente eu vou tá casado, embora não pense muito em casamento, casado, tipo morando junto e tendo minha vida, sabe, normal, tranquilo.

ENTREVISTADOR: – E você um idoso debilitado? Uma debilidade por causa da

própria idade? O que é que você imagina que vai ser você nessa fase?

WILL: – Cara, eu não faço ideia, é algo que eu nunca parei pra pensar. Até porque eu nunca pensei em ter filhos, então... minha mãe fica me zoando às vezes, “olha quando ficar velho não vai ter ninguém pra cuidar de você?” Eu sou meio rabugento com criança, não tenho muito jeito. Tanto que eu nunca nem pensei, agora eu vou (*ri*).

ENTREVISTADOR: – É, isso tá no campo de outro desenvolvimento de pesquisa e tudo, mas eu tô aproveitando pra fazer essa pergunta, é porque a gente já explorou a história, mas eu acho interessante porque um dos questionamentos e quando surgiu minha necessidade de pesquisar sobre isso, eu não quis falar antes pra não te influenciar. É quando eu comecei a ver na minha prática clínica justamente muitos jovens gays em condições semelhantes à tua, até filhos de pastores. E teve um até que eu pedi que ele fizesse uma projeção, na clínica, no consultório, pra que ele imaginasse ele em algumas cenas, por exemplo, cenas de Natal, cenas do futuro e ele não conseguia imaginar e aí fui percebendo que a pessoa LGBT não consegue se projetar no futuro, entendeu. E a gente precisa pensar sobre isso, eu também sou gay, a gente precisa se projetar, considerar isso e eu acho que o campo da pesquisa é um ato de a gente também começar refletir sobre isso, de pensar formas de existir porque antes a gente era eliminado logo né. A AIDS vinha avassalando tudo, ainda mata. As travestis velhas então é que a gente não vê mesmo, agora é que elas estão conseguindo envelhecer, algumas ainda. Então, pensar novas formas, não só LGBT, muitas pessoas não pensam em ter filhos, muitas pessoas héteros, não tem filhos. E a gente ainda na condição de LGBT que não vai ter uma ligação sanguínea, porque a nossa família a tendência é que eles morram, sua mãe uma hora vai morrer e vai restar você. E algumas pessoas a gente sabe que faz as coisas pelo outro não é nem porque ama, é por causa do sangue, “ah porque tem meu sangue”. Então nem isso vai restar pra gente, mas o amor ele está além do sangue, então acho que pensarmos em formas de “aquilombamento”, de acolhimento..., muito já tem se pensando em viver em vilas, que a pessoas possam se ajudar, muita coisa legal. Eu tô fazendo essas considerações pra te dar uma opção do que pensar, pra você não sair daqui traumatizado (*risos*). Algo importante pra você levar pra suas sessões também, pensar sobre essa projeção. Acho que tem um ponto positivo você se dar conta disso. É... gostei do nosso encontro, esgotei, eu achava que era mais, quando fiz inicialmente o trabalho, tinham mais perguntas e depois a gente vai podando, então ficaram 5 mas não precisamos ficar presos, eu posso, tanto que eu já fiz várias perguntas que foram além do que estava escrito aqui que não preciso ficar preso. Tem alguma pergunta ou questão

que você ache que queira trazer e perguntar para os outros meninos?

WILL: – Até deve ter, mas não vou lembrar agora, posso mandar depois.

ENTREVISTADOR: – E como você está se sentindo agora?

WILL: – Estou bem. Tem momentos que você fala...

ENTREVISTADOR: – Você segurou o choro alguma vez ou foi impressão minha?

WILL: – Sim, teve.

ENTREVISTADOR: - É, a gente acostuma com a ideia de pesquisa que temos que ser “neutro”, que não pode expressar emoção, nesse método de pesquisa, que inclusive me identifiquei por isso, não tem esse problema, se quiser chorar, chora.

WILL: – É, eu segurei umas três vezes, não sabia que era difícil de falar disso... não, não... sabe... E eu sabia que era difícil antes de começar.

ENTREVISTADOR: – Você tá fazendo terapia, não é?

WILL: – É... tô... tá meio, né..., mas é o que tem que fazer no momento, mas tá melhor do que nada, eu não sei o que mudou, mas as crises de choro que eu tinha todo dia pelo menos parou.

ENTREVISTADOR: – Que bom né, já ajudou. E você se sente acolhido por quem está te atendendo, você acha que a pessoa entende sobre as demandas LGBTs? Como é que tá isso?

WILL: – Sobre as demandas LGBT’s não, acho que não muito não. Mas acho que não é e nunca foi o foco da... por parte da psicóloga, acho que não é muito o foco. Mas por não ser, geralmente quem é entende mais, mas, assim, ela é bem legal.

ENTREVISTADOR: – Muito obrigado, vou desligar a gravação.

ENTREVISTA COM EDU – Nova Iguaçu, 25 anos.

ENTREVISTADOR: – Me conte um pouco da sua história, como foi o processo de se tornar quem é hoje, da sua infância até hoje, o que você sentir vontade, o que vier na sua mente sobre isso:

EDU: – Então, a família da minha mãe tinha (*tem ainda*), uma raiz bem católica. Quando eu nasci fui batizado na igreja católica, mas logo quando fiz 1,2 anos de idade, meu pai e minha mãe se converteram ao cristianismo protestante. Então assim, a partir da minha infância, minha família nunca deixou de ser evangélica/cristã. Então, minha infância toda foi em contato com a igreja, sabe. Meu pai, além de ter se convertido, ele é uma pessoa que participa até hoje de ministérios. Foi diácono, foi evangelista, hoje em dia é pastor. Minha mãe também, hoje em dia é diaconisa, canta... canta no ministério de louvor, então, assim é... minha criação foi toda, foi toda baseada nesses moldes cristãos, nesses valores cristãos. Acho que é isso.

ENTREVISTADOR: – Mas pra você, como foi se tornar você nesse ambiente, nesse meio?

EDU: – Então, tipo começa a ficar... digamos assim, eu acho que começa a se questionar, pelo menos eu, comecei a me questionar mas quando eu estava entrando na pré-adolescência, o corpo vai começando a mudar, você vai começando a... enfim, a sexualidade vai começando a despertar e você começa a ter... talvez né, acho que assim, ter uma certa, parece que senso crítico... começa a ser formado também né. Então você começa a questionar e você começa a ter curiosidade sobre certas coisas... eu acho que é diferente de uma curiosidade infantil. Que eu acho que você quando é criança, você idealiza muito os adultos né, como detentores de conhecimento e eu acho que chega uma certa, pelo menos eu acredito, não sei, posso estar errado, mas na adolescência você começa a querer meio (*mesmo que internamente*) começar a desafiar alguns conceitos, assim, que são passados, sabe. Talvez eu ache que tem esse impulso de querer saber mais o motivo das coisas, quando dizem “*você não pode, você não deve fazer isso*”. Você fica curioso, você fica com vontade de fazer aquilo, você fica tipo...

ENTREVISTADOR: – E tem alguma, assim, que te marca, que te falaram que você não podia e que você ficou curioso?

EDU: – Cara... uma coisa que desde sempre, uma coisa que era proibida, era ouvir música que não fosse cristã. Então, assim, o dia que eu contei que eu estava ouvindo uma música, não era tipo “*ai meu deus estou ouvindo várias*” entendeu (?), eu estava ouvindo uma música em específico, nossa, eu tomei um esporro, sabe, assim, o meu pai berrou comigo de gritar, de falar um monte de coisa que estava querendo... “trazer coisa pra minha vida, que não era de Deus, que tinha que tá satisfeito com coisas que Deus queria pra mim”, coisas do tipo. Tem outras coisas também, eu lembro que eu tive problema... é que eu queria furar a orelha,

mas isso eu era mais adolescente né, esse negócio da música foi mais quando era... mais infância.

ENTREVISTADOR: – E qual era a música?

EDU: – Ah era *Halo*, da Beyoncé (*ambos riem*).

ENTREVISTADOR: – Da Beyoncé? Ele alegou mais alguma coisa?

EDU: – Não, era mais uma coisa do demônio mesmo, sabe. Eu lembro que também... tem aquela coisa da censura à expressão corporal, sabe. Se você for... você tem que ser o mais masculino possível e meu pai sempre foi aquele tipo, sempre muito viciado em futebol, tinha coisa de soltar pipa e eu sempre caguei pra esse tipo de coisa, não me importava muito, nunca me interessei muito, nunca criei um vínculo com coisa que a gente gostava em comum, o nosso único vínculo era realmente a rotina na igreja; ele pregava, sabe aquela coisa do pastor, do evangelista, enfim a única pessoa que sai pelas outras igrejas pregando, então digamos assim, ali nas redondezas onde eu moro, até hoje, ele é uma pessoa bem conhecida, ele é uma referência religiosa ali, pros jovens do bairro. Sempre fui meio que, também... teve uma época que ele se concentrou bastante nisso, entendeu, em fazer esse tipo de coisa, de estar na igreja, sair por outras igrejas pregando e ele me levava né. Eu lembro que quando era criança, até cantava na igreja. Então, assim, hoje em dia eu me sinto, eu paro pra olhar, fico tipo, nossa, eu ficava sendo exibido como se eu estivesse num circo: “olha lá que bonitinho criança que canta musiquinha pra Jesus”, entendeu? Ele me levava, eu cantava, ele pregava, enfim...

ENTREVISTADOR: – E houve algum embate em relação à expressão corporal que você mencionou? Teve alguma questão que você ache importante?

EDU: – É, tem, mas eu não desenvolvi. Sim, eu lembro que... aquela coisa, quando você é criança você tá mais relaxado e a mão dá aquela “desmunhecada”, sabe? E eu lembro que falavam, eu lembro que até ele chegou pra conversar comigo sobre isso, falou que eu tinha... ele usou exatamente essa expressão: “eu tinha que policiar minha postura”. E, porque ele não foi muito agressivo, ele falou como se fosse um conselho, como se me educasse, como se estivesse fazendo um “bem” pra mim.

ENTREVISTADOR: – Ele exerce alguma liderança religiosa?

EDU: – Então, pastor.

ENTREVISTADOR: – Você chegou a comentar? Perdão, não ouvi. Mais alguma coisa sobre esse ponto que você acha importante trazer nesse momento?

EDU: – Qualquer coisa que eu for lembrando, conforme eu for lembrando...

ENTREVISTADOR: – Como foi crescer na família que você foi criado?

EDU: – Foi difícil... Foi... é porque foi como eu disse, assim, na infância a gente não questiona muito, mas eu tinha uma, apesar de questionar muito eu já me sentia esquisito em comparação aos outros meninos, até comentei, eu não gostava de fazer essas coisas consideradas masculinas, não tinha muito interesse em futebol, pipa, eu era uma criança mais retraída mesmo. Eu acho que ... Não sei se essa é a expressão certa, mas vou usar a “ideologia da igreja”. Eu lembro que tem aquela coisa, você vai ser uma pessoa boa, “pipi pôpôpô”, eu não era uma pessoa muito de me defender, porque eu achava que não era correto , então, assim... sofria muito *bullying* na escola e a minha família parecia que ficava alheia a isso, parecia que só acompanhavam o que acontecia dentro da igreja. E na igreja eu estava lá, estava cantando, estava sei lá, sendo a criancinha modelo, entendeu, a criança que eles gostavam de mostrar, olha que criança exemplar, que criança linda. Só que quando eu fui... chegou a adolescência, eu comecei a ficar mais desconfortável ainda com pensamentos sobre sexualidade, eu comecei me questionar muito, tem aquela coisa de falar que se você é gay, você está condenado a ir pro inferno, você é uma abominação. Então, eu lembro que... ah eu não sei, vou colocar aqui que uns 13 anos, foi a primeira vez que comecei a pensar em suicídio, sabe. Que pensei: eu “vou pro inferno de qualquer jeito, se eu morrer agora, não vai fazer diferença”, lembro que tinha noites que eu ia dormir chorando, orando, pedindo pra Deus me curar, pedindo pra Deus me mudar, era muito estressante sabe? Eu lembro que não tinha muitas amizades, com meninos da minha idade não tinha uma identificação, ficava muito desconfortável perto deles, fazia amizade mais com as meninas, mas ainda assim não criava muito assim... muito vínculo. Na igreja também, até dentro da igreja, apesar de ser usado como criança modelo acho que rolava um pouco esse distanciamento, porque, talvez, parecia que as outras pessoas, por causa disso, me favoreciam em alguns pontos, eu acho que isso causa um desconforto nas outras, né, acho que é muito comum, as outras crianças sentiam, os adolescentes também sentiam, mas... quando eu estava no curso, quando eu tinha 13 anos também, eu entrei... sabe aqueles cursos preparatórios, pré-técnico? Que aí eu tive contato pela primeira vez com uma pessoa, realmente, que era mais ou menos a minha faixa de idade, aberta com a própria sexualidade, eu acho que isso vai mudando sua percepção, que a partir daquilo já estava me sentindo muito sozinho. Eu tinha

muita essa sensação, impressão de que eu era aberração, que eu estava sozinho no mundo. Eu tentava disfarçar o tempo todo...e partir disso, algumas coisas, assim, comecei a desconstruir algumas coisas.

ENTREVISTADOR: – A partir de quando você teve contato com outra pessoa de sexualidade aberta?

EDU: – Isso.

ENTREVISTADOR: – Mais alguma coisa sobre esse ponto que você queira falar?

EDU: – Não.

ENTREVISTADOR: – Como viver em uma família evangélica fazia você se sentir?
Uma família evangélica pentecostal?

EDU: – Então, fazia eu me sentir meio que... meio que ficava realmente me sentindo... como se tivesse alguma coisa errada, não conseguia me encaixar 100% no que era esperado, no que eles consideravam correto, no que eu achava que era correto na época. Hoje em dia já consegui desconstruir isso e já não me sinto mais assim, mas na época eu me sentia muito como um... algo errado, sabe, precisava ser consertado. Acho que essa era a maior sensação mesmo.

ENTREVISTADOR: – E hoje em dia como é que está isso?

EDU: – Hoje em dia eu estou bem, errado são eles (*ambos riem*).

ENTREVISTADOR: – Hoje em dia eles te aceitam? Você considera que eles te aceitam?

EDU: – Não (*enfático*)! Eu contei no final do ano passado que estava namorando, ele perguntou se estava namorando com homem ou mulher, eu respondi que estava namorando um rapaz e ele falou que não podia aceitar; não pôde abençoar meu relacionamento como o relacionamento do meu irmão, que é um relacionamento heterossexual. Aí ele falou tipo “ah, você é meu filho, vou te amar independente de tudo, estou sempre aqui pra te apoiar, mas eu não posso abençoar seu relacionamento e eu não acredito nisso, acho que é errado, não é algo que não é natural”, enfim, essa baboseira... enfim.

ENTREVISTADOR: – E você falou alguma coisa pra ele?

EDU: – Ah cara, eu estava meio que, tipo... eu só contei porque eu estava querendo tirar um pouco disso das minhas costas, como se eu estivesse escondendo algo, aí eu tirei isso, ele falou e chegou um momento que meio que parei de prestar atenção. E ficou falando que tinha pra falar, eu também coloquei na minha cabeça que era a última vez que eu ia ouvir o que ele tinha pra dizer, que a partir daquele momento eles não... ele não tem o direito de falar aquilo pra mim.

ENTREVISTADOR: – Você tem a benção de Beyoncé (*ambos riem*).

EDU: – Eu tenho a benção da Lady Gaga e da Beyoncé (*risos*).

ENTREVISTADOR: – Bom, continuando: como era o ir à igreja para você?

EDU: – Quando eu era criança era rotina e, de vez em quando, eu tinha aquela vontade: “ah, não tô a fim de ir à escola dominical”. Mas, digamos assim, era um lugar que eu era relativamente aceito, como eu disse, eu era criança exemplo que eles gostavam, que eles gostavam de se colocar como exemplo. Mas aí como eu fui, ... a merda sempre estoura em algum momento quando a gente tá escondendo. Então, quando comecei a ter meus primeiros encontros, lembro que tive, enfim... aí... é, encontrei uma pessoa que já tinha sido da igreja também, que era gay abertamente, só que aí o bonito entendeu que, tipo... ele era aberto e eu ainda não era, enfim... aí ele contou pra outras pessoas e foi aí que a merda caiu no ventilador. Ele não teve essa sensibilidade.

ENTREVISTADOR: – Ah, ele te “tirou do armário”? No bairro?

EDU: – Na igreja.

ENTREVISTADOR: – Ah, ele era da igreja também?

EDU: – Não, já tinha sido.

ENTREVISTADOR: – Aí ficou com você e foi te expor na própria igreja?

EDU: – Sim, ele não teve essa sensibilidade, aí, enfim... Ele era mais velho que eu, eu tinha uns 16 e ele tinha 23, enfim... foi complicado.

ENTREVISTADOR: – Tivemos um problema aqui...

EDU: – A água da garrafinha vazou (*ri*).

ENTREVISTADOR: – **Tivemos um batismo aqui** (*ambos risos*).

EDU: – Ah é, aos 12 anos eu fui batizado também.

ENTREVISTADOR: – Aos 12 anos? Mas foi você quem quis?

EDU: – É né, porque é aquilo, você vai chegando aos 12, na igreja que eu frequentava era aos 12 que você podia se batizar. Que é a idade que eles consideram que você já tem um entendimento melhor, do que você está fazendo. Eu acho que você com 12 anos não tem noção de porra nenhuma (*risos*), você não tem noção de nada. E assim você vai porque você vai fazendo, vendo que todo mundo que completa 12 está fazendo, você pensa “vou fazer também né”; fui lá e fiz, na verdade, não mudou porra nenhuma, mudou em nada, continuei sendo eu.

ENTREVISTADOR: – E você achava que mudaria alguma coisa batizando?

EDU: – Não, eu acho que foi uma coisa mais de protocolo mesmo. Era um ritual que todo mundo que fazia aos 12 anos passava. Então, não tinha um significado muito especial não, sabe.

ENTREVISTADOR: – Então, em resumo, ir pra igreja pra você significava o quê?

EDU: – Então, quando eu fui pra adolescência, era uma chatice, sabe... até hoje é assim, até hoje eu não consigo mais ir numa igreja sem me sentir extremamente incomodado, porque, no caso, pra mim é incômodo. Começou a me causar incômodo, porque eu estava percebendo que eu não fazia mais parte daquilo, que eu não me encaixava mais ali, as pessoas o tempo todo tentando me colocar num lugar onde eu não me encaixava, onde provavelmente nunca iria me encaixar, que não era pra mim. E hoje em dia eu não consigo ir porque me causa essa aversão, me causa um tremendo incômodo.

ENTREVISTADOR: – O que você entende sobre autocuidado, cuidado de si?

EDU: – Então... eu acho que autocuidado... acho que tem várias formas de autocuidado, você praticar atividade, você ter uma certa alimentação, você fazer rotina de *skincare*, fazer... como é que fala (?) cronograma capilar, pra mim isso é autocuidado. Mas eu acho também a questão da saúde mental você... você não permitir... você se excluir, sair de ambientes que você sabe que são tóxicos pra você, eu acho que também é uma questão de autocuidado sabe. Porque não faz sentido eu ficar tentando me colocar... colocar na minha cabeça que Jesus é o caminho e que eu tenho que seguir Jesus, eu digo Jesus pelos olhos do cristianismo sabe. Que eu tenho que fazer, que eu tenho que seguir bíblia, se aquilo só vai tá... vai tá me destruindo por dentro, porque hoje eu tenho a noção de que se você não cuida do seu

psicológico, seu corpo acaba reagindo, uma hora ou outra e, às vezes, não uma forma muito boa. Então, assim, eu ter saído e não permitir mais que... essas pessoas opinem na minha vida, acho que isso também é uma forma de autocuidado.

ENTREVISTADOR: – E sobre isso, como que você considera que foi o autocuidado na sua história de vida?

EDU: – É... eu não tinha autocuidado na minha vida.

ENTREVISTADOR: – **Não tinha?**

EDU: – Não tinha. Hoje tento ter, aquela coisa... sempre fui pela minha criação, fui ensinado a não gostar de mim, porque sempre estava faltando alguma coisa, porque eu sempre estava errado. Quando eu era criança era pela postura do meu corpo, quando era adolescente eram as pessoas que eu tinha interesse em me relacionar, o tipo de música que eu gostava de ouvir. Até hoje o palavreado que eu gosto de usar, porque eu xingo pra caralho, sim, porque dentro da casa, que infelizmente eu ainda moro com meus pais, eu não tenho essa abertura pra, sei lá, soltar um palavrão de vez em quando, porque causa um desconforto e até mesmo pra falar sobre as minhas relações. Então, assim, eu não fui ensinado a ter esse autocuidado, pelo contrário, até mesmo de forma inconsciente, da parte deles eu fui ensinado... me auto sabotar, talvez... não sei, eu acho que, talvez, sabe... não ter autocuidado e sim, enfim, me reprimir a todo o custo. Hoje... eu tô na tentativa né...

ENTREVISTADOR: – Hoje você considera que você tá na tentativa de que?

EDU: – De ter mais cuidado comigo.

ENTREVISTADOR: – O que você tem feito que você considera que é autocuidado?

EDU: – No momento, terapia, estou fazendo desde 2018, vai fazer 4 anos. Eu praticava atividade, hoje em dia nem tanto, pretendo voltar, talvez investir nas coisas que eu gosto. Acho que também pode ser uma forma de autocuidado. Hoje posso ouvir as músicas que eu gosto (*ambos riem*) Nossa, ouvir Beyoncé, sem me sentir culpado, ouvir a Pabllo Vittar, ouvir Anita, ouvir o que eu quiser, se eu quiser ouvir Marília Mendonça tá tudo certo.

ENTREVISTADOR: – Como você acredita que isso reverbera na sua vida atualmente, essas práticas?

EDU: – De autocuidado?

ENTREVISTADOR: – **Sim.**

EDU: – Então... acho que, que me sinto mais livre, acho que autocuidado também é importante pra recuperar uma confiança que eu não construí porque eu passei muito tempo da minha vida me odiando, sabe.

ENTREVISTADOR: – Você se imagina... Como que você se imagina no futuro? Num futuro idoso, por exemplo.

EDU: – É... essa é uma questão complicada, acho que nossa sociedade não é muito amistosa com pessoas idosas no geral, e se forem idosos LGBT's ainda mais; me vem a preocupação de rolar uma certa solidão quando eu for idoso... não sei se isso é inerente a todas as pessoas, terem medo de ficarem idosas e ficarem sozinhas, mas eu acho que particularmente com os LGBT's esse medo pega mais. Eu acho que nossa sociedade meio que funciona, quando você é idoso, geralmente você recorre à família pra cuidar de você, quando você começa a ser incapaz de tomar conta de si. Então, bate um medo, eu posso ter sorte, posso ser uma pessoa idosa independente, mas, sei lá né, a gente nunca pode prever o corpo humano. Posso ser uma pessoa que fique dependente de outras pessoas pra fazer o básico e eu acho que seria muito triste eu ficar idoso e voltar a depender das mesmas pessoas que eu tentei a vida inteira me ver livre, não sei se faz sentido. Acho que bate esse medo.

ENTREVISTADOR: – E você nessa mesma condição e essas pessoas tivessem morrido, vamos considerar que tivesse somente você. Como é que você imagina? Você imagina algum outro membro, alguma outra relação? Como é que você se vê se passar em um túnel do tempo e estar olhando você lá? Acima dos 60, o que caracteriza o idoso hoje...

EDU: – Me vejo com meu marido, não sei. Se eu estiver sozinho, tudo também, poderia ser meu marido, meu cachorro.

ENTREVISTADOR: – Tem mais algum ponto? Que você gostaria de mais alguma das perguntas que você acha de repente tá faltando, que achei legal falar com os próximos voluntários?

EDU: – Não, neste momento não.

ENTREVISTADOR: – Então, a partir dessa sua história, vou dizer algumas palavras e você diz que sentido faz pra você, a partir da sua vivência, tudo aquilo que a gente dá sentido tem a ver com nossa história, importante ressaltar isso. Começando por “família”.

EDU: – Família (risos) é algo inventado pela igreja pra manter status quo.

ENTREVISTADOR: – **Deus.**

EDU: – Deus... acredito que Deus é um ser que cada pessoa pode entrar em contato a sua maneira, não existe só um caminho.

ENTREVISTADOR: – **Igreja.**

EDU: – Instituição que serve pra alienar as pessoas.

ENTREVISTADOR: – Uma palavra que eu lembrei agora: Morte.

EDU: – Sei lá... acho que medo do desconhecido, do que vem depois. Pode ser questão de eu ter colocado na minha cabeça que se eu não estiver na igreja eu vou morrer, vou pro inferno, talvez, mas também sempre bate aquilo, tem alguma coisa depois (?) alguma religião tá certa (?) todas estão erradas (?) exemplo. Sempre bate essa curiosidade, esse medo, porque sei lá, eu penso, as pessoas passam pra lá ou então a gente só vira comida de inseto (?).

ENTREVISTADOR: – **Vida.**

EDU: – Acho que vida talvez é uma coisa que... ter a oportunidade, viver a vida livremente, que é algo que por muito tempo foi retirado da comunidade LGBT, acho que estarmos vivos todo dia já é nossa resistência né.

ENTREVISTADOR: – E, por fim, sexo.

EDU: – Sexo? Sexo... sexo é bom, é isso (*ambos riem*).

ENTREVISTADOR: – Tem alguma coisa mais que você gostaria de dizer?

EDU: – Sexo ou sexualidade?

ENTREVISTADOR: – Não, falei sexo mesmo, mas você quer falar sobre sexualidade, pode falar?

EDU: – Eu ia perguntar... sexo é bom, gosto de fazer sexo e é isso (*risadas*).

ENTREVISTADOR: – E ela inclui a sexualidade também. Quer falar mais alguma coisa, sobre qualquer coisa?

EDU: – Não, não. Acho que é isso.

ENTREVISTADOR: – Como é que você tá se sentindo?

EDU: – Estou me sentindo bem.

ENTREVISTADOR: – Algum momento se sentiu desconfortável?

EDU: – Ah... acho que não, mas não sei se foi um desconforto, mas quando comecei a pensar, quando falou sobre a perspectiva de quando eu for idoso, bate a preocupação, esse , então bate uma tristeza, mas não desconforto do tipo, sabe...eu acho que em relação a esse assunto não tenho mais desconfortos em mim.

ENTREVISTADOR: – Não tem? Sobre qual assunto?

EDU: – Sobre a sexualidade.

ENTREVISTADOR: – Em algum momento de alguma tristeza, vontade de chorar, embargo, alguma coisa assim?

EDU: – Na parte do idoso (*ambos riem*).

ENTREVISTADOR: – Na parte do idoso? Tudo bem então. Foi um prazer ter sua colaboração com essa pesquisa.

EDU: – Eu que agradeço.

Fim da Gravação.

ENTREVISTA COM BENJAMIN – Mesquita, 25 anos.

ENTREVISTADOR: – Me conte um pouco da sua história, como foi o processo de se tornar quem é hoje, da sua infância até hoje, o que você sentir vontade, o que vier na sua mente sobre isso:

BENJAMIN: – É... eu sempre me entendi como gay; desde pequeno, desde muito novo eu já sabia que não sentia atração por meninas. Eu olhava para as meninas e sentia admiração... falava “nossa, como ela é bonita”. Muitas vezes queria ser elas; É... usar as roupas, os brinquedos de meninas, que eu sempre achei muito mais interessante do que os de meninos. Eu olhava as meninas e sentia admiração. E... os meninos eu já sentia algo a mais, algo que na

época eu não sabia o que era exatamente, mas sabia que me interessava, me despertava algo... isso, muito novo... em torno de quatro, cinco anos... e, conforme eu fui crescendo isso foi se aflorando, se aflorando cada vez mais, e... em torno de onze, doze anos, que eu estava um pouco mais maduro, eu já sabia o que eu era uma pessoa gay, de fato, “o que significava ser gay” (*explicou*), e eu já tinha o entendimento de que eu era “aquito”. Mas... por ser criado numa família evangélica e... sempre ter ouvido, não só da minha família, mas também de outras pessoas, que era algo errado, que era pecado, que iria pro inferno, eu... na minha inocência, eu orava. Eu orava, eu pedia a Deus para que tirasse aquilo de mim, aquele sentimento de mim. Mas sempre voltava! Sempre voltava... é... com... treze anos... treze anos, eu me recordo bem, com treze anos eu tive certeza. Eu falei: não, eu sou gay! Mas também não contei pra ninguém. E... de quinze para dezesseis (anos), eu me assumi para o meu irmão. Me assumi para meu irmão... contei para ele que eu era... que também... ele também é gay. Na época ele tinha vinte e dois, tinha vinte e dois para vinte e três, ele já era assumido há dois anos, eu contei pra ele, ele chorou muito e tal..., ficou muito emocionado, porque na cabeça dele talvez eu não fosse, ele esperava que eu não fosse, talvez para que eu não sofresse como ele sofreu...; e eu cresci ouvindo, como eu disse, não só dos meus pais, mas... englobando tudo: era na escola, é... na igreja, é... parentes, amigos na rua... Gay era ser motivo de chacota, era motivo de piada, gay era a... a... uma coisa cômica... ah, “Zorra Total”, sabe? “A Praça é Nossa” ... sempre tinha uma personagem gay que era motivo de... era algo “engraçado” ... era algo engraçado, era algo vexatório... e, eu cresci tendo... tendo... essa imagem, era a imagem do que me passavam do que era ser gay.

ENTREVISTADOR: – Entendi... Você bota no passado, essas questões. Você acha que elas estão no passado hoje em dia?

BENJAMIN: – No geral, ou na minha vida em si?

ENTREVISTADOR: – Pode ser nos dois.

BENJAMIN: – No geral eu acho que as coisas melhoraram muito. Melhoraram muito, de vinte anos pra cá, os gays conquistaram mais direitos, tiveram... estão tendo mais visibilidade, é... mas as leis, é... estão se voltando mais pra nós, a nosso favor, mesmo que lentamente, mas... tá progredindo... E na minha vida, muita coisa mudou a partir do momento que eu me assumi, “me assumi”, entre aspas né... por que essa palavra dá o entendimento de que eu estava fazendo algo errado, de que eu era algo errado. Quando eu me entendi, a partir

do momento que eu me entendi, o que eu era, e contei..., parece que as piadas, os comentários, diminuíram muito... porque as pessoas não tinham o que falar, não tinham o que dizer, e como elas não precisavam mais ficar apontando o dedo para mim e falando que eu era... “viadinho”, gay, coisas do tipo, porque... já estava li aberto pra elas o que eu era; então, a partir do momento que eu me entendi como gay e contei para as pessoas que eu era, diminuiu muito..., muito, muito, muito mesmo!

ENTREVISTADOR: – E você contou para o seu irmão que também era gay? E o seu “se assumir para a família”, como foi, para eles, a família? Principalmente seu pai e mãe?

BENJAMIN: – Eu não precisei, eu nunca precisei chegar pros meus pais e contar pra eles que... eu era gay; eles foram vendo com o tempo. Meu irmão, que ele passou por esse processo, meu irmão, com vinte e um anos de idade ele se assumiu, ele contou primeiramente pro meu pai, e pros meus pais foi um baque, principalmente pra minha mãe, minha mãe... meu pai foi muito mais compreensível, ficou triste, muito triste na época, mas foi compreensivo... pra ele não foi algo tão impactante como foi para minha mãe. Minha mãe quase entrou em depressão, ela ficou alguns meses sem falar com meu irmão. Aniversário dele, ele... fez aniversário e ela... nem olhou pra cara dele... ela nem falou com ele, nada... e eu nunca passei por esse processo, porque quando me assumi, meu irmão tinha já dois anos de assumido e ele vinha ali, debatendo com a família... tentando mostrar pros nossos pais, pros nossos parentes, que o que ele era não era algo errado... então, naquele processo de dois anos que ele já vinha trabalhando na cabeça da nossa família, eu meio que não precisei. Eu nunca precisei “chegar” para os meus pais, eles foram vendo com o tempo; eu contei sim, para amigos... contei para alguns familiares próximos..., mas pros meus pais, de fato, eu nunca precisei contar, eles “viram”.

PESQUISADOR: – E como era pra você vivenciar esse conflito deles com o seu irmão, sabendo você também da sua sexualidade que ainda não era (*mesmo que inconscientemente*), simbolicamente declarada?

BENJAMIN: – Eu ficava... apreensivo; eu ficava me perguntando o que poderia acontecer se eu viesse a contar. É... mas também não era algo tão preocupante assim pra mim, porque quando meu irmão se assumiu, foi algo complicado, pra ele, mas também nossos pais nunca falaram para ele sair de casa, é... (*não*) bateram nele, (*não*) xingaram ele, algo do tipo; nossos pais sempre foram muito amorosos. Ficaram chateados, com o que meu irmão contou...

decepcionados! Mas nunca o discriminaram de fato. Então, isso, de certa forma era um... como que seria a palavra... (?) não seria, assim, um conforto... era algo que não me deixava preocupado. Mas eu também pensava: caramba, meu irmão é gay. Minha mãe passou por esse baque, e... como que vai ser se eu contar? Como vai ser quando ela descobrir que o segundo filho dela, os únicos filhos dela, os dois “são”? Mas conforme o tempo foi passando, e eles foram vendo... é... nunca precisei contar. Então eles viram que... não tinha muito o que fazer! Não tinha muito o que fazer, nunca me discriminaram também, quando me assumi e tal. Foi sim, foi tranquilo, de certa forma foi tranquilo.

ENTREVISTADOR: – Quem são os evangélicos que criou/criaram você?

BENJAMIN: – Meu pai e minha mãe.

ENTREVISTADOR: – Eles exercem algum tipo de atividade na igreja?

BENJAMIN: – Na época exerciam, meu pai era presbítero e minha mãe diaconisa.

ENTREVISTADOR: – Entendi. De igreja pentecostal?

BENJAMIN: – Isso, Assembleia.

ENTREVISTADOR: – Línguas estranhas, expulsão de demônios... (?)

BENJAMIN: – Isso.

ENTREVISTADOR: – Mais alguma coisa sobre esse ponto que você gostaria de dizer?

BENJAMIN: – Não.

ENTREVISTADOR: – Qualquer coisa, depois, você pode retomar. Sem problema nenhum.

BENJAMIN: – Tá ok.

ENTREVISTADOR: – Como foi crescer na família que você foi criado?

BENJAMIN: – Meus pais sempre foram muito amorosos, muito. Sempre procuraram oferecer, proporcionar, pra mim e pro meu irmão, tudo o que estava dentro das condições deles. Como pobres, é... tivemos tudo o que podíamos ter. E... sendo gay, é... as vezes, tinham alguns comentários, muitas vezes da parte do meu pai, quando percebia algum trejeito em mim. Por exemplo, eu sempre gostei muito de brinquedos de menina, os ditos brinquedos de menina, né

(?), porque há essa separação! Eu sempre gostei muito, mas também sempre gostei muito de brinquedo de menino, sempre fui apaixonado por carros e tal, mas também gostava de bonecas, e transitava entre os dois, brincava com os dois; e algumas vezes sendo pego brincando de boneca... sendo pego brincando de casinha, tal... eu escutava comentários como, é... “Isso é coisa de menina!” é... “Tenha modos!” é... Tinham comentários mais pejorativos, tipo... é... não seria “boiola”... seria... é, “Isso é coisa de marica!” é... “Tenha modos”, “Tenha decência!”, “Toma tendência (*tenência*)!” Eu escutava muito isso, muitas vezes do meu pai. E... piadas! Piadas de alguns parentes... percebia, as vezes, que era motivo de chacota, discretamente; por exemplo, eu estava em alguma reunião de família, algum aniversário, por exemplo, e muitas vezes haviam pessoas que não eram do meu convívio ali, que festa engloba várias pessoas, eu via que algumas pessoas, quando percebiam que eu era uma criança gay, uma criança homossexual, ficavam rindo, ficavam apontando, era um motivo de chacota, de piada; muitas vezes chegava chorando em casa, por ter sofrido alguma brincadeira de mal gosto, alguma zoação, e não contava para os meus pais, principalmente para a minha mãe. Com medo, assim, do que ela poderia dizer... muitas vezes eu queria correr pro colo dela e contar, “mãe, fizeram isso, isso, e isso comigo na escola”, mas as vezes eu preferia chorar no banheiro, sem que ela ouvisse. Porque tinha medo do que ela poderia dizer e, muitas vezes, o medo era misturado com vergonha; tipo assim, “eu tô indo chorar pra minha mãe porque me chamaram de veadinho (?)”, entendeu? Era assim...

ENTREVISTADOR: – É interessante que, ao mesmo tempo que você diz que eles eram amorosos, você tinha medo né?

BENJAMIN: – Sim, sim. Medo porque... eu sempre cresci tendo o entendimento de que era algo errado. Um homem não podia gostar de outro homem. Uma mulher não podia gostar de outra mulher. Eu cresci ouvindo que era algo errado, que era algo pecaminoso, que Deus condenava, vindo de uma família evangélica, aquilo ali sempre era algo constante na minha cabeça. Então, eu sabendo que, na minha inocência, eu sabendo que eu sentia algo por meninos e não por meninas, eu sabia que de certa forma aquilo ali era algo ruim pra mim e... tinha medo, tinha medo sim do que eles poderiam achar, do que eles poderiam falar; muitas vezes brincava escondido, brincava com bonecas escondido tal, por medo de ser pego em flagrante e me condenarem.

ENTREVISTADOR: – Uma coisa que me deixou curioso, qual o tipo de brincadeiras que você fazia com as bonecas?

BENJAMIN: – Com as Barbies eu gostava de pentear, eu gostava de mudar a roupa delas; aquelas bonecas grandes que imitam neném, de que eram minhas filhas... aí brincava de panelinha, de casinha, e dava comida tal... muitas vezes brincava de fazer parto (*ambos rimos*).

ENTREVISTADOR: – Eu também brincava de parto (*risos*)!

BENJAMIN: – Eu era a mãe, eu botava... uma vez eu fui pego em flagrante, pela minha prima; a gente estava no quintal da minha tia e essa minha prima morava no alto; aí a gente tava brincando, tava todo mundo brincando, eu, várias crianças e eu estava fazendo um parto, o meu parto; eu estava com a boneca, embaixo da minha blusa, como se eu estivesse grávida e eu estava lá, no momento de dar à luz pra menina, pra criança; aí, quando eu estava dando à luz, a minha prima apareceu... aí minha prima começou a me repreender, dizendo que menino não dava à luz; que aquilo era brincadeira de menina, que era para eu ter modos, que era para eu ter modos que aquilo não era brincadeira para mim. E eu fiquei bem sem graça. Bem constrangido.

ENTREVISTADOR: – Você se identifica como não binário?

BENJAMIN: – às vezes eu me pergunto, porque hoje, nesse exato momento, eu vivo como um menino gay cis, eu uso roupas de menino, eu sou um menino mas, às vezes, eu não me sinto pertencente ao mundo gay, muitas vezes eu não me identifico com gays, sempre me identifiquei muito com mulheres, com meninas, sejam lésbicas, sejam héteros. E eu nunca fui masculino, nunca fui um gay masculino, eu tenho a minha feminilidade, não diria que seria algo forçado, é algo que sempre esteve dentro de mim e, às vezes, eu me pergunto se eu sou não-binário, se eu realmente sou gay... às vezes é uma incógnita para mim. Mas hoje eu vivo como um menino gay cis.

ENTREVISTADOR: – Mais alguma questão sobre esse ponto?

BENJAMIN: – Ok.

ENTREVISTADOR: – Como viver em uma família evangélica fazia você se sentir?

BENJAMIN: – É... eu nunca me senti assim... “e-van-gé-li-co” (*com ênfase*), sabe? Pertencente aquilo, aquele... aquele núcleo, sabe? Aquele grupo... eu ia muito para a igreja por ser obrigado, porque se eu tivesse a opção de ficar em casa, talvez eu não iria. Eu gostava de ir para a igreja por causa da salinha (*onde faziam atividades infantis*), por causa das brincadeiras e tal, colorir... enfim..., mas eu nunca, eu nunca... gos-tei de fato (*com ênfase*). Eu não gostava

e nem desgostava, era algo que eu tinha que ir... e eu ia; isso, quando criança. Meu irmão, diferente de mim, ele sempre gostou, ele sempre foi envolvido com a obra (*atividades da igreja*), ele gostava... ele era bem presente no grupo de jovens... Nunca encheu muito meus olhos, eu ia porque eu tinha que ir.

ENTREVISTADOR: – Sim, aí você fala assim, de como que era você se sentindo nas práticas dessa família. Mas e vive em meio a essa família evangélica? Eu gostaria que você tentasse me descrever um pouquinho como que você se sentia... (?) essa informação que você traz é uma informação importante, mas agora tenta trazer um pouquinho da relação “você e família evangélica” ... (?)

BENJAMIN: – Não era algo ruim... não era algo ruim. Eu, como eu disse, eu sempre tive muito amor dos meus pais, nunca me senti pertencente ao meio, de fato, mas também não me sentia mal, nunca me senti mal, a não ser quando escutava alguma repreensão em relação a trejeitos e tal, mas não era algo ruim, eu me sentia bem.

ENTREVISTADOR: – E em relação a sua família, sem ser o seu pai e sua mãe, se estender mais um pouquinho, tinha mais evangélicos?

BENJAMIN: – Sim, tem até hoje!

ENTREVISTADOR: – É ? E como era também, quando a gente aumenta um pouco essa lente de família para você? Como é que você se sentia, crescendo nessa família evangélica, mais ampla?

BENJAMIN: – Me dava bem com essa parte da família também que era evangélica; eles não me condenavam tanto; eu tenho uma tia, irmã da minha mãe, ela é evangélica também, muitas vezes eu gostava mais de desabafar mais com ela do que com meus próprios pais, acho que com meus próprios pais eu nunca cheguei a desabafar algo; e essa minha tia percebia, que tinha algo diferente em mim, assim como ela também percebia no meu irmão, e ela sempre soube que o meu irmão era... nunca julgou, nunca condenou, di-re-ta-men-te (*com ênfase*), entendeu ? Ela poderia ter as convicções dela, as crenças dela, mas, por amar meu irmão, por me amar, nunca nos criticou, diretamente, e... eu percebia que essa tia tinha muito amor por mim, muito cuidado por mim; justamente por ela perceber o que eu era, de fato, que eu era uma criança gay e o que eu poderia vir a sofrer sendo gay, sendo homossexual; e eu percebia muito carinho, muito cuidado dessa minha tia.

ENTREVISTADOR: – Ela ainda é viva?

BENJAMIN: – Sim!

ENTREVISTADOR: – Ah sim! É porque fala no passado, às vezes, pode ser por falecimento e a gente não se liga. É..., mais algum ponto?

BENJAMIN: – Não!

ENTREVISTADOR: – Como era o “ir à igreja, para você?”

BENJAMIN: – Às vezes era algo bem legal que, como eu disse, eu gostava muito da salinha, eu gostava do contato com os amigos da igreja e tal; igreja, pra mim, no meu entendimento de criança, e até mesmo no início da adolescência, era um clube... era um clube, que estava ali toda terça, toda quinta, todo domingo, e ter aquela... aquela coisa de se arrumar pra ir pro culto; dia de domingo era o dia mais importante assim, digamos... tinha que ter uma roupa mais especial, eu gostava dessa parte de “ter que me arrumar” (*com ênfase*) pra ir pra igreja, de quando tinha festividade também era algo bacana, era algo legal...

ENTREVISTADOR: – Você gostava de “divar”, né? (*ambos riram*)

BENJAMIN: – Sim, eu gostava dos encontros em si, do contato diário com aquele clube, com aquelas pessoas. E no início da adolescência era ok, quando eu me tornei adolescente, um pouco mais maduro e já não tinha mais aquela questão de salinha e tal que era mais tá ali presente, ali no culto, que tinha que assistir os cultos, começou a ser algo meio incômodo pra mim, porque eu já não tinha mais aquela vontade. Eu ia obrigado, muitas vezes eu ia obrigado. Meu pai chegava em casa, meu pai falava: “óh, se eu chegar em casa e ver você aqui e você não estiver no culto com sua mãe, você vai tomar uma surra”, ou seja, eu era obrigado, até um período, eu fui obrigado a ir pra igreja. Mas enquanto criança até o início da adolescência era algo legal, era algo que eu gostava.

ENTREVISTADOR: – Então, se você fosse resumir em uma palavra a sua experiência de ir pra igreja, durante a sua criação, você diria qual palavra?

BENJAMIN: – Deixa eu pensar... divisão. Porque era algo bem dividido, porque era algo que, às vezes, eu gostava e, muitas vezes, não.

ENTREVISTADOR: – Me pareceu paradoxal agora (*ambos riam*). Você achou paradoxal?

BENJAMIN: – Sim, porque era... depende muito da época, depende do momento. Como eu disse, até o início da adolescência era algo legal. Porque eu não ia muito pelo culto em si, eu não ia pela religião, eu ia pelo clube que eu pertencia, que eu vivia; que, por mais que eu fosse gay e entendesse que todas as pessoas ali condenavam o que era uma pessoa gay, é... tinha outras questões, e outros parâmetros, que faziam que eu gostasse de estar ali: as cantatas, as festividades, muitas vezes, os aniversários, pós cultos, era um clube... era um clube.

ENTREVISTADOR: – Legal. E aí, a partir da adolescência que começa essa divisão pra você?

BENJAMIN: – Isso, a partir dos 13, 14 anos, que eu já não era mais tão criança assim, já tinha maturidade e tinha que frequentar a escola dominical, tinha que assistir aos cultos, se tornou algo incômodo, que eu não gostava nem um pouco.

ENTREVISTADOR: – Por que? Consegue me dizer nesse momento?

BENJAMIN: – Porque a religião em si nunca foi algo importante pra mim. Eu sempre tive Deus na minha vida, sempre é... eu cresci entendendo o que era Deus, o que era Jesus, eu gostava, eu gostava, mas a religião em si, de estar ali dentro, um ambiente, ver aquelas pessoas pregando, falando em línguas, muitas vezes, rodopiando, era até algo engraçado pra mim (*ri*); é, era algo engraçado, mas eu não sentia essa unção, esse mover que, muitas vezes, as pessoas sentem. Já diferente do meu irmão, que era muito envolvido, ele gostava bastante, já eu não, era algo que eu me perguntava: “o que eu estou fazendo aqui, porque eu estou aqui?”

ENTREVISTADOR: – O que você entende sobre autocuidado? Cuidado de si, e como foi o autocuidado na história da sua vida? Primeiro, o que você entende sobre autocuidado?

BENJAMIN: – Autocuidado, pra mim, é você se preservar, se preservar, muitas vezes, de coisas te machucam, de coisas que te humilham, coisas que te desmotivam, é você está longe dessas coisas, está longe de coisas que te sabotam, de auto-sabotamento, não ficar pensando em coisas que te desanimam que te colocam pra baixo, é pensar sempre positivo, ser otimista, se preservar. Autocuidado para mim é você se preservar e o meu autocuidado enquanto gay, não sei se seria essa a pergunta, meu autocuidado quanto pessoa gay é me preservar, é me manter longe de pessoas tóxicas, longe de pessoas que eu sei que condenam o que eu sou, que condenam o que eu vivo, me manter longe de pessoas que têm convicções diferentes das minhas e que eu sei que as convicções dessas pessoas ferem o que eu sou, ferem as minhas convicções, esse é meu autocuidado.

ENTREVISTADOR: – Bom, fico feliz por isso, particularmente. Você se imagina no futuro?

BENJAMIN: – O futuro, às vezes, pra mim, é algo que me dá ansiedade. Muitas vezes, quando eu paro pra pensar no futuro, eu fico ansioso, eu fico receoso. Porque é o futuro, é algo inesperado, é algo que ainda não existe, é algo que pode vir a acontecer, como não pode. E, muitas vezes, a gente fica muito preso ao passado e sem saber o que fazer exatamente no presente que era o que a gente deveria mais se preocupar, que é o presente, esse exato momento que estamos vivendo agora. Só que, você não pensa no seu presente, você se apega muito ao seu passado e quando você pensa no seu futuro, que é algo incerto, você fica desesperado, você fica “meu Deus, o que vai ser de mim daqui a 5 anos? O que vai ser de mim daqui a 10 anos, daqui a 1 ou 2 meses?” Você não sabe o que pode vir... é ansioso, ansioso, muitas vezes, que eu paro pra pensar no meu futuro eu fico ansioso.

ENTREVISTADOR: – Você se imagina idoso?

BENJAMIN: – Não, não me imagino idoso. Eu me imagino... hoje, eu tenho 25 anos e ... me sinto uma pessoa jovem, claro que me sinto uma pessoa jovem, uma pessoa de 30,40 anos pra mim é uma pessoa jovem, não consigo me imaginar nessa faixa etária velha, como muitas pessoas acham que já tem seus 30, 35 já viveram o que tinham que viver. Mas quando eu paro e penso, assim, em ter 40 (*anos*) mais, eu já fico um pouco mais preocupado, eu consigo me imaginar na casa dos 30, até os 40, mas quando paro, penso nos 45, 50, eu não consigo me imaginar, às vezes, envelhecer é algo assim... não diria preocupante, porque envelhecer todos nós vamos e quem não envelhecer vai morrer, mas é algo que dá um friozinho na barriga.

ENTREVISTADOR: – Por que você não se imagina idoso? Você sabe me dizer?

BENJAMIN: – Não sei se por ser apegado a juventude, não sei, é... responder essa pergunta, mas... não sei, idoso, ser idoso e não ter assim, uma formação, não ter uma boa renda, envolve muita questão financeira, como minha vida vai estar quando eu estiver idoso, quando for uma pessoa mais velha. Acho que engloba várias questões, questões financeiras, questões de saúde, tudo.

ENTREVISTADOR: – Na possibilidade de você se tornar uma pessoa idosa, você sobreviver né, se tornar uma pessoa idosa... como é que você consegue imaginar, se for imaginar agora, você imagina que vai estar como, sendo idoso?

BENJAMIN: – Sinceramente, eu não me imagino sendo um homem gay idoso. Às vezes, eu fico me perguntando se seria uma possibilidade, não sei, lá na frente, eu, talvez, vá fazer uma transição, quem sabe (?) ... engraçado, eu já parei pra pensar várias vezes, eu já me imaginei sendo uma mulher mais velha, com mais idade e tal; bem esteticamente e fisicamente, mas quando eu paro e penso em ser um homem gay, um homem idoso, é algo que eu não consigo me imaginar mas, quando eu paro e penso no outro lado, se eu fosse o outro lado, eu acho que seria algo mais confortável, algo que eu tivesse mais... tivesse mais, é... não sei como seria bem a palavra... ânimo, seria, tivesse mais ânimo.

ENTREVISTADOR: – Então, interessante, com o tempo passando, você já se imagina mais no feminino e hoje em dia, mais na condição de gay?

BENJAMIN: – Isso, isso.

ENTREVISTADOR: - O que você acha que influência isso?

BENJAMIN: – Eu acho que influencia muito a questão financeira, questão financeira, talvez se eu tivesse condições, talvez se eu tivesse meios, eu acho que eu já teria feito uma, talvez uma transição, algo do tipo. Acho que me animaria mais, acho que trabalharia mais isso na minha cabeça. Hoje eu sou, como eu te disse, eu sou gay, sou um homem cis gay e vivo nessa condição, até então, até o momento não é algo sufocante pra mim, não é algo que me machuque, que eu não consiga viver dessa forma, mas, talvez se eu tivesse meios, tivesse recursos e tivesse a oportunidade de fazer eu talvez viveria de outra forma.

ENTREVISTADOR: – Eu vou dizer algumas palavras e você me diz o que vier a sua mente, o que pensa sobre isso.

BENJAMIN: – Uma única palavra?

ENTREVISTADOR: – Você pode dizer mais, se você quiser. Eu que vou falar só uma palavra.

BENJAMIN: – Tá.

ENTREVISTADOR: – **Deus.**

BENJAMIN: – Amor.

ENTREVISTADOR: – **Família.**

BENJAMIN: – Alicerce.

ENTREVISTADOR: – **Igreja.**

BENJAMIN: – Desnecessária.

ENTREVISTADOR: – **Morte.**

BENJAMIN: – Medo.

ENTREVISTADOR: – **Vida?**

BENJAMIN: – Vida...vida... Hoje.

ENTREVISTADOR: – Perfeito. Tem mais alguma questão, algum ponto, alguma sugestão, até para próximas perguntas dos outros entrevistados?

BENJAMIN: – Não...

ENTREVISTADOR: – Como você está se sentindo nesse momento?

BENJAMIN: – Bem, bem.

ENTREVISTADOR: – Durante esse processo de entrevista, como é que você se sentiu?

BENJAMIN: – Nostálgico, lembrar de situações que, muitas vezes, me machucaram, que, muitas vezes, me feriram e hoje, adulto, maduro, é... essas feridas de certa forma já estão cicatrizadas. Então, foi um sentimento de nostalgia mesmo, lembrar de coisas que me machucaram e hoje não me machucam, não me ferem tanto, como há alguns anos atrás.

ENTREVISTADOR: – Perfeito. Em algum momento dessa entrevista te deu vontade de chorar? Um embargo?

BENJAMIN: – Não.

ENTREVISTADOR: – Não? Ficou tranquilo o tempo todo em relação a isso?

BENJAMIN: – Uhum, sim.

ENTREVISTADOR: – Então, agradeço sua participação e encerramos nossa entrevista, tá bom?

BENJAMIN: – Ok

Fim da gravação.

ENTREVISTA COM PEDRO – Nilópolis, 23 anos.

ENTREVISTADOR: – Começamos, bom dia! Bom, te convidei aqui pra nós conversarmos para essa entrevista dessa pesquisa, então você confirma, que você tem.... Qual a sua idade?

PEDRO: – Vinte e três anos.

ENTREVISTADOR: – Qual sua cidade?

PEDRO: – Nilópolis.

ENTREVISTADOR: – Então a maior parte da sua vida, pelo menos até os 18 anos, você foi criado por uma família evangélica pentecostal?

PEDRO: – Sim.

ENTREVISTADOR: – De qual denominação?

PEDRO: – Então, presbiteriana, mas presbiteriana que abre um leque pra falar em línguas, expulsão de demônios... todas essas questões.

ENTREVISTADOR: – Bem característico do pentecostalismo aqui no Brasil.

PEDRO: – Isso.

ENTREVISTADOR: – E como você está se sentindo agora? Nesse momento aqui, antes de a gente começar essa entrevista?

PEDRO: – Agora... (?) Eu me sinto... confortável.

ENTREVISTADOR: – Aqui tem algumas perguntas que eu vou fazer, tudo que você lembrar, pensar ou sentir em relação a elas, você pode trazer livremente, não tem regras quanto a isso e não vamos precisar ficar presos a essas perguntas não. Elas vão orientar, mas podemos ampliar e você até sugerir também. A primeira pergunta é: Me conte um pouco da sua história, como foi o processo de se tornar quem é hoje, da sua infância até hoje, o que você sentir vontade, o que vier na sua mente sobre isso:

PEDRO: – Então, foi um processo assim... difícil, muito interno (*com ênfase*), muito interno, inclusive, acho que isso me atrapalhou muito uma parte da minha vida. Eu sempre tive um perfil mais introspectivo, isso já era um perfil que eu tinha, mas aí, quando eu passei a saber o que é ser gay, o que é sexualidade, né, quando eu comecei a ser repreendido já na infância, tipo “ah, não fala assim”, “não anda assim”, “não tenha esses trejeitos que isso é coisa de veado”, “não seja assim”, que aí a gente vai descobrindo o que é de fato ser gay. E aí, eu consegui, nessa característica que eu já tinha, que, naquela época, eu já tinha muita característica de introspecção, timidez, acentuar isso pra meio que.... Ficar invisível.

ENTREVISTADOR: – Ah, então você acentuou o quê? Você ficou mais introspectivo?

PEDRO: – Introspectivo, muito mais. Isso atrapalhou muito as minhas relações, muito, até hoje... Eu acho que é um processo, eu não sei... eu não faço terapia, então não trabalho isso, mas eu sei que isso me atrapalha até hoje. Foi uma forma que eu encontrei de me livrar de determinadas agressões, entendeu(?) Que começou na família, nunca apanhei, nunca sofri nenhum tipo de abuso físico. Mas existe aquele abuso psicológico, que é muito difícil, que aí você não sabe que aquilo que você realmente é, que você não se enquadra num perfil que as pessoas te disseram que é o certo, então, você naquela confusão, “eu sou o primeiro gay da minha família”, então, eu não tive nenhum referencial de LGBT na minha família, então foi difícil pra mim, aí eu...

ENTREVISTADOR: – Você é o “João Batista” da sua família, né? (*ambos riem*)

PEDRO: – E assim é muito complicado, muito difícil, acho que agora vão vir outros.
(*ri*)

ENTREVISTADOR: – Você abriu o caminho, o abre-alas. (*risos*)

PEDRO: – Acho que não (*risos*). Eu queria ter contribuído mais pra isso, acho que minha contribuição foi bem, assim... não muito boa, por conta disso, eu me anulei de fato, por muito tempo. Então esse meu processo de descoberta foi assim, muito interno, eu comigo mesmo, com minhas percepções, com minha sensibilidade, eu sou uma pessoa muito sensível, apesar de não transmitir muito isso. As pessoas olham pra mim e acham que sou meio que insensível, não sei...

ENTREVISTADOR: – Parece que você fez um processo de autoproteção, a

sensibilidade é uma característica tida como feminina, então, você deve ter aprendido a “disfarçá-la” ...

PEDRO: – E com isso eu consegui, assim, não passar por muitos processos, que outros LGBTs, dos quais tenho amizade e converso, passaram. Conseguí me livrar de alguns deles, consegui me livrar de algumas violências. Até na escola mesmo já sofri, óbvio, mas numa proporção bem menor, mas, por conta disso, dessa minha... introspecção que eu desenvolvi e acentuei propositalmente. E aí quando estava no final do ensino médio já, estava numa fase já pensando, será que isso aqui vale a pena, se anular assim pra... porque não fazia sentido, eu olhava pro meu pai, pra minha mãe, pra minha família, eu pensava “gente, são pessoas que tem suas falhas, tem seus defeitos e não é justo que uma pessoa pague por uma característica dela pro resto da vida” E aí, no final do ensino médio, eu comecei desencanar disso, aí entrei na faculdade...

ENTREVISTADOR: – Faz o quê?

PEDRO: – Atualmente eu faço Administração, mas quando eu saí do ensino médio fiz um período de zootecnia na Rural de Seropédica (UFRRJ) e, depois, fiz 3 períodos de Produção Cultural no IFRJ. Fiquei pulando, porque realmente não sabia o que fazer.

ENTREVISTADOR: – Agora você faz Administração?

PEDRO: – Agora faço Administração, que é “o curso dos indecisos” (*ambos riem*).

ENTREVISTADOR: – Na Rural também?

PEDRO: – É na Rural.

ENTREVISTADOR: - Ah, legal.

PEDRO: – Aí, depois que eu entrei na faculdade que eu desencanei real de tudo. Aí, foi um processo difícil, por que a minha mãe, meu pai, acreditaram eu, que eles sempre souberam, mas preferiram ignorar, esse meu jeito, essa realidade. Então assim, era tudo muito sobre... entrelinhas. As pessoas comentavam, óbvio, da minha família, mas eles mesmo nunca chegaram pra mim assim e falaram assim “você é gay!”, “qual é a sua sexualidade?”; então, sabia que eu ia ter que chegar e falar. Porque tem gente que não precisa nem falar né, os pais já sabem, aquilo ali já evolui e partir dessa percepção deles, mas os meus não. Eu sabia que um dia eu ia ter que sentar e falar, eu sabia que não ia ser fácil, que iria parecer que estava me justificando, eu não

queria isso, eu não queria parecer que estava me justificando, eu não preciso me justificar. Eu sabia que ia ter todo esse processo, sabia que não ia ser fácil pra eles. Aí eu falei assim. “vou falar primeiro com minha mãe”. Não! E aí eu tinha várias travas, assim, eu pensava, “não, primeiro eu preciso perder minha virgindade, pra saber se é isso que eu quero mesmo, se é isso que eu gosto” (*risos*) Aí fui lá, perdi minha virgindade e odiei, mas falei: “é isso” (*ri*), odiei, mas quero continuar!” (*risadas*)

ENTREVISTADOR: – “Odiei, mas quero!” (*risadas*)

PEDRO: – Odiei, mas pode melhorar.

ENTREVISTADOR: – Até porque, não necessariamente a primeira vez vai ser boa.

PEDRO: – Às vezes, nem as outras vão ser boas.

ENTREVISTADOR: - É, ainda mais envolvendo uma sexualidade periférica, as tensões...

PEDRO: – Exatamente, e tudo que foi muito internalizado, muito limitado assim... ia ser complicado, mas na minha cabeça não, eu ia arrasar (*risos*) Mas não, foi péssimo! Aí eu falei com minhas amigas; quando eu falei com minha mãe eu estava numa “vibe” de falar mesmo, e já escancarar mesmo, pra todo mundo, só que ela me deu uma trava (*com ênfase*) que eu achei que estivesse preparado pra falar, mas aí, com a trava que ela me deu, eu fiquei: “gente”

....

ENTREVISTADOR: – Qual foi o tipo de “trava”?

PEDRO: – Tipo assim, ela falou: “olha só, não aceito, acho que você tá..., acho que é alguma coisa ruim que tá em você, mas uma coisa eu te peço: não fala pro seu pai! Porque seu pai vai enfartar, vai viver triste, vai ser triste pro resto da vida, quer viver sua vida, viva, quer ser do seu jeito, mas não fala pro seu pai, nem seja afeminado, que acho que você pode até ser gay, mas, poxa, porque não ser um gay é masculino e tal (?)” ; tem essa questão da afeminada né, o problema não é nem ser gay, é ser afeminado pra ela, não só pra ela, não só pra ela, pra muitas pessoas.

ENTREVISTADOR: – O problema não é ser um pássaro, o problema é voar. Mais ou menos isso, né.

PEDRO: – E aí, isso me deu uma trava, eu cheguei a falar diretamente assim com ela,

com uma tia minha, com uma prima, com minha cunhada, também nunca tive essa conversa aberta com meu irmão, apesar de achar que ele é “super tranquilo” em relação..., super tranquilo entre aspas, mas nunca tive essa conversa aberta com ele.

ENTREVISTADOR: – Ele é irmão mais velho?

PEDRO: – É, mas ele sabe, até porque falei pra minha cunhada que é esposa dele. E também nunca falei pro meu pai. Mas aí começou novamente, porque, assim, quando você fala, se liberta das amarras, não todas, você ainda fica preso a algumas... meu pai, pra não ficar aquela coisa um pouco presa, mas, quando você se liberta de alguma daquelas amarras você, automaticamente, começa a ser mais você, né, começa a libertar coisa que você, antes, limitava dentro de você. Começou novamente as repressões por parte da minha mãe: “olha, você estava falando muito afeminado, tá falando muito assim, com quem você tá andando? Pra onde você tá indo?” Só que dessa vez, com a consciência que eu tenho hoje, eu sei o limite disso e até onde isso pode me afetar, onde isso pode me limitar. Diferente de quando você é criança, que você não sabe, simplesmente se bloqueia. Você toma uma trava, você bloqueia, pelo menos eu era assim, isso vai de cada criança. E aí, hoje, eu consigo colocar um pouco mais de limite no que eu quero pra mim, no que eu aceito ouvir dela. Eu sei que eu moro com ela, com meu pai, eles são casados. Eu sei que pra conviver com eles, não adianta, uma questão de respeito se eu estou vivendo debaixo do teto daquela pessoa, eu tenho que viver conforme as ‘leis’, né, daquela pessoa. Mas aí também eu não deixo isso afetar... eu sei meu limite, não é porque estou vivendo aqui, vou viver de “sim senhor, não senhor”. Não, não posso me anular também, não posso anular minha existência por conta disso. Mas, por uma questão de respeito, a gente tem, infelizmente, que se submeter a algumas regras, pra viver ali na boa convivência. E é assim, acho que eu me assumi muito tarde.

ENTREVISTADOR: – Quantos anos?

PEDRO: – Foi com ... 20 (?) Não, com 19 anos.

ENTREVISTADOR: – Dezenove? E você está com quantos agora mesmo?

PEDRO: – Com 23.

ENTREVISTADOR: – É pouquinho tempo, você ainda se assumiu com menos tempo que eu. Eu me assumi, eu acho que com 25 e eu tenho 36 agora, então tem 11 anos.

PEDRO: – É... eu achei que foi tarde.... Perdi a virgindade tarde, beijei tarde, tudo

tarde. Porque quando era adolescente cheguei até beijar umas meninas...

ENTREVISTADOR: – Hum, foi seu momento “sapatão” (*ambos riem*)

PEDRO: – Foi meu momento *sapatão*, mas graças a Deus não passou de beijo, graças a Deus. Porque eu tenho uns amigos que contam umas histórias terríveis, que bom que eu limitei ao beijo só, mas demorei a ficar com homem, pra perder a virgindade, demorei pra me assumir, na minha concepção. Porque tem gente, como você falou, que se descobre muito mais tarde, não tem nada a ver, mas pelo fato de já no ensino médio já estar mais consciente, acho que eu poderia ter adiantado esse processo.

ENTREVISTADOR: – É, cada um tem seu tempo. É importante você respeitar isso. Eu, particularmente, considero essas condições sejam “esconderijos”, é uma “defesa”. Entendo que, muitas vezes, é uma reação ao ambiente, e muitos ainda se culpabilizam...

PEDRO: – Exato.

ENTREVISTADOR: – Vou seguir com as perguntas, com nossa proposta. Como foi crescer na família que você foi criado?

PEDRO: – Assim... é uma família bem grande (*com ênfase*), somos uma família bem grande, tanto por parte de mãe como por parte de pai. Fui criado pela parte do meu pai, a família por parte de mãe mora lá em Magé.... Fui criado mais pela parte do meu pai, uma família grande, família unida. Hoje está mais desunida, por umas desavenças, mas quando eu era pequeno era mais unida. E, assim, é uma família majoritariamente evangélica /cristã. Não tem ninguém de outra religião, ninguém. Uma família gigante, uma tia autodenominada pastora, tem um tio autodenominado pastor, quando eu falo autodenominado é que eles não fazem parte de uma congregação, de uma instituição reconhecida. Eles são pastores, assim, tem suas próprias igrejas, próprios membros e ... tem a minha mãe que é evangélica, meu pai não é evangélico, tem meu pai que não é evangélico, mas ele segue os princípios cristãos, mas ele não gosta de igreja, do ambiente da igreja. Então, fui criado, fui apresentado na igreja, fui criado na igreja, nunca gostei... Não que eu não goste da igreja (*com ênfase*), acho até que a igreja exerce um trabalho muito legal na sociedade, tem seus pontos ruins (?), tem assim (!), mas vamos dizer assim, seu serviço... mas assim, a igreja que a minha mãe fez parte tem um trabalho social muito legal, então acho que eu admiro a igreja nesse ponto. Mas eu nunca fiz parte de projeto, minha mãe sempre quis que eu fizesse parte dos grupos de jovens, dos projetos da igreja e eu não gostava, não fazia. E tem essa minha tia, que é muito engraçada, ela mora com a gente, ela

mora no quintal. Mora todo mundo num quintal que tem a casa dos meus avós, a casa dos meus pais e essa minha tia ela é muito engraçada, ela tem bem essa característica pentecostal, de ter revelação... até hoje ela tem revelação. Tem um primo meu que ela fala, abertamente, que ele vai ser gay, por causa dos trejeitos dele, que Deus revelou pra ela...e com certeza ela devia falar isso de mim.

ENTREVISTADOR: – Qual evidência você tem de que aconteceu por trás, de que falavam de você?

PEDRO: – De vez em quando as pessoas soltam né... Ah sempre soube, a minha prima, por exemplo, temos essa conversa mais aberta, ela fala “porque a fulana sempre falou, que você ia ser veado”; então, sempre teve, não adianta, a família percebe. Mas aí, os meus pais, eles bloquearam muito esse assunto, de... porque o que acontece, eu acredito que eles sabiam da realidade, mas eles preferiram se enganar, preferiam não enxergar. Tanto é que meu pai é um cara abertamente homofóbico, e ele tem orgulho de ser homofóbico mesmo. E eu acho que até por isso as pessoas não tinham coragem de falar diretamente, de botar o dedo nessa ferida, porque agora era ferida dele também, então, ninguém ia chegar assim metendo o dedo, mas... rolava assim esses assuntos.

ENTREVISTADOR: – Ele fala pra você que ele tem orgulho de ser homofóbico?

PEDRO: – Não, mas conta dos absurdos que ele já falou, ele já disse, tipo, “se eu tivesse filho gay, eu mataria”; isso quando eu era uma criança, um pré-adolescente, hoje em dia se ele fala isso, eu digo ‘tchau’ (*ambos riem*); mas pra uma criança isso é muito duro de ouvir, entendeu (?) Uma criança que ainda está nesse processo de descoberta, muito difícil... e ele falava. Mas assim, foi bom, cresci com duas primas, fui criado com elas que têm a mesma idade que eu, diferença de um ano ou dois, cresci numa infância muito legal, muito dedicada, a gente não brincava na rua, tínhamos um quintal muito grande, as crianças que vinha até nossa casa pra ficar brincando com a gente. E as brincadeiras eram sempre aquelas brincadeiras, casinha, de... porque assim, um menino gay com duas meninas...

ENTREVISTADOR: – E deixavam você brincar de casinha?

PEDRO: – Não, tudo escondido.

ENTREVISTADOR: – E se alguém chegassem, o que você tinha que fazer?

PEDRO: – Ah, eu disfarçava, fingia que eu era o cachorro (*ambos riem*).

ENTREVISTADOR: – Ah, boa essa, nunca tinha ouvido. Bom, tem mais alguma informação que você queira trazer nesse momento?

PEDRO: – Não, nesse momento não.

ENTREVISTADOR: – Bom, nessa segunda pergunta você chegou a falar da sua tia...

PEDRO: – E da minha tia que tem revelações, que falava em línguas. Hoje em dia ela não fala tanto, mas antigamente ela era bem assim, de falar em línguas, ter revelações. E ela tinha uma característica bem pentecostal, e assim... ela... bom, minha tia é uma coisa muito complicada, é uma pessoa que eu adoro, mas ela tem um *Q* de homofóbica também. E eu acredito que ela deva ter, que ela já deu indícios, dela ficar falando do meu jeito, da minha postura. Até pra minha mãe mesmo, acho que pro meu pai não, ela é irmã do meu pai. Como eu te falei, é uma ferida muito aberta pra ele, colocar o dedo ali é... pra ele as pessoas não falam muito, mas pra minha mãe com certeza, e ela já deu indícios disso. Ela já fez fofoca de mim pro meu avô, falando do jeito que eu estava andando...

ENTREVISTADOR: – E você comentou alguma coisa que ela falou sobre seu primo...

PEDRO: – É, eu tenho um priminho que é pequeninho, que já dá todos os indícios... e aí, ela fala que Deus revelou pra ela que ele vai ser homo e que vai ter uma vida “assim e assado”, eu fico, gente...

ENTREVISTADOR: – E ele é filho dela?

PEDRO: – Não.

ENTREVISTADOR: – E não tem problema a mãe dessa criança ou pai ouvir?

PEDRO: – Então, a mãe e o pai não têm essa coisa tanto como o meu pai. Mas, obviamente que eles não gostam, mas ela não fala diretamente pra eles, fala pra minha mãe, que é tia também, pro meu pai... Por isso que eu falo, ela, com certeza já questionou isso em mim, durante a minha infância, mas nunca diretamente a mim.

ENTREVISTADOR: – Segundo a entrevista, me conte um pouco da sua história, como foi o processo de se tornar quem você é, da sua infância até hoje?

PEDRO: – Foi um processo muito interno, sempre tive característica mais tímida, introspectiva, então, por uma forma de proteção, eu desenvolvi isso e acentuei essa minha característica, já nas primeiras vezes que fui repreendido por te jeito mais afeminado, já na

infância, ou por ter jeito diferente, por andar diferente. Então com tempo fui tendo jeito mais introspectivo e isso me atrapalhou muito durante minha vida, até que no final do ensino médio comecei a repensar isso, repensar meu jeito, lugar o qual estava inserido, toda minha história que eu queria a partir dali. Foi quando eu entrei na faculdade, desencanei e comecei a tentar ser o que realmente pensava ser, acho que não sou 100% aquilo que eu queria, que eu almejo. Mas consegui me livrar de muita coisa que as pessoas me imputaram durante muito tempo. E nesse processo eu estava na faculdade, me assumi pra minha mãe, que ela pediu pra eu não me assumir pro meu pai, mas eu cheguei a falar isso abertamente com ela, com minha tia, com minha prima, com meu primo e aí... a família inteira sabe, basicamente, mas não é algo que eles falam abertamente pra mim, se falassem também eu iria responder abertamente. Também não é algo que hoje eu veja necessidade de falar pra cada um deles. Porque ninguém chega pra mim e diz, “queria te dizer que sou hétero”, então, não acho que eu tenha que ficar me justificando para as pessoas... acho que todo mundo sabe, mas quem quiser falar abertamente sobre isso comigo, tudo certo.

ENTREVISTADOR: – Quando você era criança, como é que era? Quando você falou antes, a inserção da sua família é presbiteriana/pentecostal, fala em línguas (?), aborda mais essa perceptiva?

PEDRO: – É uma presbiteriana com uma pegada pentecostal. Acho que hoje em dia essas denominações se mesclaram muito. Antigamente a gente tinha essa denominação bem caracterizada, a Batista, Presbiteriana, Pentecostal..., mas hoje em dia, dependendo da igreja, por mais que ela faça parte de uma congregação, dependendo da igreja, pode trazer características pentecostais, batista... por exemplo, a igreja da minha mãe era presbiteriana, mas falava em línguas, tinham as irmãs da revelação, expulsar de demônios, todas essas questões. A presbiteriana é uma igreja que, na tradição dela, não pode ter pastoras, mas lá, por exemplo, é... vão várias mulheres convidadas, inclusive pastoras pra pegar.

ENTREVISTADOR: – E como foi esse processo de se tornar você durante sua infância. Como você percebeu sua existência, como uma criança gay (*considerando que todo gay, obviamente, um dia foi criança*)?

PEDRO: – Como eu falei, foi um processo bem difícil, bem interno. Eu tinha um amigo, o Tiago, que hoje não temos mais contato já, durante muito tempo. A minha mãe cortou as nossas relações, ali na pré-adolescência, hoje ele é uma mulher trans. Só que, infelizmente...

a gente cortou relações na pré-adolescência, por causa da minha mãe e do meu pai que não aceitavam, o Tiago já tinha um jeito muito mais expansivo do que eu. Eu internalizava muito, ele já colocava pra fora, já era uma criança nitidamente gay, na época né, que viria a se tornar uma mulher trans. Ele sofreu praticamente todas as violências psicológicas, e acho que até física. E aí, ele acabou enveredando por um caminho não tão legal, no caso... ela atualmente até presa, se envolveu com um cara criminoso, tinha até crime... se envolveu.... foi parar na prostituição também, com drogas, por ela não internalizar aquilo que ela sentia, por ela colocar pra fora mesmo, ela sofreu todo tipo de violência, infelizmente foi por um caminho muito difícil...

ENTREVISTADOR: – É, a vulnerabilidade leva a muitas situações. Mas falando sobre seu processo de internalizar, você pode falar um pouquinho novamente?

PEDRO: – Foi um processo de autodefesa mesmo, de internalizar tudo aquilo que eu sentia, minha sensibilidade, meu jeito mesmo, eu me anulei durante muito tempo da minha vida, minhas vontades, meus desejos, as minhas percepções em prol daquilo que as pessoas diziam que é o certo, o correto que era é... que era correto e aí eu fui internalizando isso até que uma hora a gente cansa. Fica tanta coisa presa, acumulada dentro de si, que é difícil. E, às vezes, você internaliza tanto uma coisa, que até você descobrir... tem coisa que carrego comigo até hoje, que eu me pego... Porque é que eu penso assim? Porque é que eu tô agindo assim? Aí eu concluo, como eu te falei que não faço terapia, que eu internalizado que é algo enraizado em mim, que foi tão enraizado em mim nesse processo que eu até hoje carrego em mim, mesmo tendo conhecimento, mesmo tendo uma visão muito diferente daquilo que me foi imposto, ainda carrego umas raízes disso.

ENTREVISTADOR: – Tenho um amigo que treinava no espelho uma forma de andar “mais masculino” ... Mais algum ponto que você queira falar sobre isso?

PEDRO: – Não.

ENTREVISTADOR: – Como viver em uma família evangélica fazia você se sentir?

PEDRO: – Fazia eu me sentir deslocado, fazia sentir necessidade a todo o momento de me enquadrar nos padrões que eles diziam ser o certo. Então me sentia muito deslocado, essa necessidade constante de me enquadrar naqueles padrões, porque eu não tinha também um referencial de gay na família, eu não tinha. Então, aquilo é quase que uma lei na família, sabe? Eu me sentia muito perdido, muito deslocado, causava um desconforto muito, muito ruim. E

sentia também essa necessidade de se enquadrar naquele padrão que eles falavam que é o certo.

ENTREVISTADOR: – Você já pensou em suicídio alguma vez?

PEDRO: – Já. Mas era um pensamento muito longe pra mim. Acho que eu não teria coragem, acho que é um ato de muita “coragem”.

ENTREVISTADOR: – Existe o pensar em se matar e o desejo de não existir. Algum desses aconteceu com você?

PEDRO: – Eu acho que talvez o desejo de não existir, desejo de existir não daquela forma que eu existo. Na realidade da qual eu estava inserido, ou talvez esse desejo de não existir realmente.

ENTREVISTADOR: – Não tinha se dado conta disso?

PEDRO: – Não... (*ambos riem*)

ENTREVISTADOR: – Às vezes a gente nem consegue dar nome.

PEDRO: – Pois é, se você me fala “já pensou em suicídio?” responderia que já, mas como você vai se matar? Não sei, nem chegou a passar pela minha cabeça, qual a forma que eu iria me matar. Nunca pensei nisso (*risos*).

ENTREVISTADOR: – É que, na verdade, seria o eliminar essa forma de ser, mudar. Não é que não quer viver, é ser outra coisa. Mais alguma coisa sobre?

PEDRO: – Não.

ENTREVISTADOR: – Como era o ir à igreja pra você?

PEDRO: – Ah, era muito complicado, eu não gostava, porque lá... reforçavam todos esses padrões. Eu lembro que, uma vez, eu fui pra EBF (Escola Bíblica de Férias), e aí tinha lá toda uma separação, os meninos pra um lado, meninas para o outro. E eu já sabia que, nessa separação, era o que mais me ferrava, porque eu não tinha nenhuma afinidade com as coisas que os meninos faziam, com as atividades que eram propostas pros meninos. Eu não jogava bola, não jogava cartas, eu tinha uma total afinidade com a atividade das meninas, com o que as meninas faziam...

ENTREVISTADOR: – E com certeza tinham meninas que queriam estar com os meninos!

PEDRO: – Com certeza! Mas aí, tinha toda essa divisão, os meninos para um lado, as meninas para o outro, e aí, eu não gostava disso, eu não me sentia confortável nesse ambiente, porque era um ambiente assim...

ENTREVISTADOR: – Isso é uma “ideologia de gênero”! (*ambos riem*)

PEDRO: – Exatamente. Tinha toda ali... um conteúdo programado pra cada gênero...

ENTREVISTADOR: – Pra cada sexo, se você tem vagina é obrigado a fazer *isso*, você tem pênis você é obrigado a fazer *aquilo*.

PEDRO: – Isso, tem essa atividade, se você tem pênis você vai pra outras atividades e eu não gostava. Me sentia mais uma vez deslocado, esse sentimento de não pertencimento o tempo inteiro e eu falava pra minha mãe, eu não quero, eu não gosto. Eu não quero ir pra igreja e de vez em quando ela me forçava. Mas como eu te falei, nunca fiz parte de grupo jovem, nunca fui de fato inserido na igreja. Nasci e fui criado, frequentava, mas assim, o quanto eu pudesse eu não me inseria naquela realidade que, pra mim, seria mais uma violência. Que não escolhi, que já era uma obrigação, já era ruim, porque também é estabelecido um padrão, hoje em dia não mais. Hoje em dia vejo as salas de ensino fundamental os meninos afeminados, dando pinta na educação física... na minha época, pouquíssimo tempo atrás já não era muito cabível, uma postura assim, tinha essa separação também, de gênero, e mais uma vez essa sensação de não pertencimento. E se eu fosse me inserir nas atividades da igreja, seria só pra prolongar essa sensação e me colocar mais uma vez num ambiente de deslocamento.

ENTREVISTADOR: – Última pergunta, o que você entende sobre autocuidado, cuidado de si. E como foi o cuidado na história da sua vida?

PEDRO: – Autocuidado é você respeitar seus limites, acho que é isso, autocuidado na minha concepção.

ENTREVISTADOR: – E como foi o autocuidado na história da sua vida?

PEDRO: – Durante um tempo não houve. Eu deixei que as pessoas ultrapassassem os limites, é... e, por muitas vezes, me anulei, muitas vezes me coloquei em segundo plano e deixei que esse limite fosse ultrapassado. Então o autocuidado durante muito tempo na minha vida ficou em segundo plano. Hoje em dia, assim... com esse tanto de informação que a gente tem, com esse tanto de... é um turbilhão de sentimentos a todo momento. Então, às vezes, esses limites são ultrapassados sem mesmo que você perceba. Você pode estar numa relação tóxica

de amizade, amorosa, então... hoje em dia, eu trabalho o autocuidado, eu trabalho esse respeito aos meus limites.

ENTREVISTADOR: – Mais algumas últimas perguntas: você se imagina idoso?

PEDRO: – Me imagino, mas um pensamento muito distante... muito fora da minha realidade.

ENTREVISTADOR: – Por que você acha isso?

PEDRO: – Porque eu fui criado com ideia do idoso ali, com a família. E eu sei que comigo não vai ser assim, vai ser diferente de alguma forma, vai ser diferente ou sozinho, com parceiro, muito provavelmente sem filho. Então, é uma imagem que eu preciso adaptar na minha mente, pra saber como vai ser.

ENTREVISTADOR: – Como você acha que você vai se sentir quando for idoso?

PEDRO: – Olha, eu não sei, só não queria ser como meu pai. Infeliz, frustrado com muitas coisas.

ENTREVISTADOR: – Bom, agora vou falar algumas palavras e a primeira palavra que vier na sua mente você me responde. Pode responder com uma palavra ou com uma frase.

PEDRO: – Tá.

ENTREVISTADOR: – **Deus.**

PEDRO: – Deus, pra mim, é uma força maior que está acima de qualquer rótulo de religiosidade.

ENTREVISTADOR: – **Família.**

PEDRO: – Família... é algo necessário pra mim, mas... é algo necessário.

ENTREVISTADOR: – **Igreja.**

PEDRO: – Respeito, mas tenho meus questionamentos.

ENTREVISTADOR: – **Morte.**

PEDRO: – Inevitável.

ENTREVISTADOR: – **Vida.**

PEDRO: – É raro. E é preciso muito jogo de cintura pra saber viver.

ENTREVISTADOR: - Perfeito, finalizamos nossa entrevista, quer dizer alguma coisa?

PEDRO: – Não, só isso.

ENTREVISTADOR: – Muito obrigado pela paciência.

Fim da Entrevista.